

e-Tec Brasil/CEMF/Unimontes
Escola Técnica Aberta do Brasil

Agronegócio

Ecoturismo e Turismo Rural

*Cássio Alexandre da Silva
Hebert Canela Salgado*



e-Tec Brasil/CEMF/Unimontes
Escola Técnica Aberta do Brasil

Agronegócio

Ecoturismo e Turismo Rural

Cássio Alexandre da Silva
Hebert Canela Salgado



Montes Claros - MG
2011

Presidência da República Federativa do Brasil
Ministério da Educação
Secretaria de Educação a Distância

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Coordenadora Geral do e-Tec Brasil
Iraci de Almeida Gallo Ritzmann

Governador do Estado de Minas Gerais
Antônio Augusto Junho Anastasia

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Alberto Duque Portugal



Reitor
João dos Reis Canela

Vice-Reitora
Maria Ivete Soares de Almeida

Pró-Reitora de Ensino
Anette Marília Pereira

Diretor de Documentação e Informações
Huangner Cardoso da Silva

Coordenador do Ensino Profissionalizante
Edson Crisóstomo dos Santos

Diretor do Centro de Educação Profissional e Tecnológica - CEPT
Juventino Ruas de Abreu Júnior

Diretor do Centro de Educação à Distância - CEAD
Jânio Marques Dias

Coordenadora do e-Tec Brasil/Unimontes
Rita Tavares de Mello

Coordenadora Adjunta do e-Tec Brasil/CEMF/Unimontes
Eliana Soares Barbosa Santos

Coordenadores de Cursos:

Coordenador do Curso Técnico em Agronegócio
Augusto Guilherme Dias

Coordenador do Curso Técnico em Comércio
Carlos Alberto Meira

Coordenador do Curso Técnico em Meio Ambiente
Edna Helenice Almeida

Coordenador do Curso Técnico em Informática
Frederico Bida de Oliveira

Coordenador do Curso Técnico em Vigilância em Saúde
Simária de Jesus Soares

Coordenador do Curso Técnico em Gestão em Saúde
Záida Ângela Marinho de Paiva Crispim

ECOTURISMO E TURISMO RURAL e-Tec Brasil/CEMF/Unimontes

Elaboração
Cássio Alexandre da Silva
Hebert Canela Salgado

Projeto Gráfico e-Tec/MEC

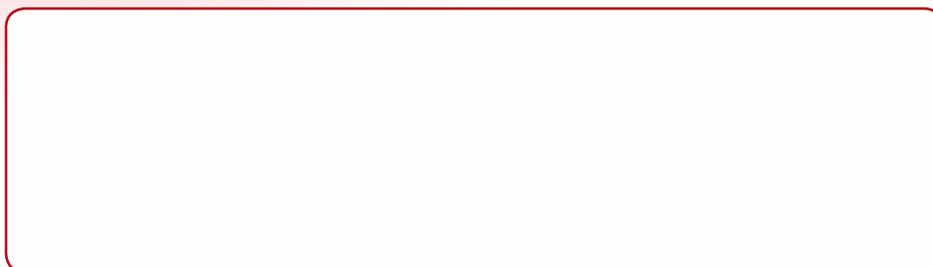
Supervisão
Wendell Brito Mineiro

Diagramação
Hugo Daniel Duarte Silva
Marcos Aurélio de Almeida e Maia

Impressão
Gráfica RB Digital

Designer Instrucional
Angélica de Souza Coimbra Franco
Kátia Vanelli Leonardo Guedes Oliveira

Revisão
Maria Ieda Almeida Muniz
Patrícia Goulart Tondineli
Rita de Cássia Silva Dionísio



Apresentação e-Tec Brasil/Unimontes

Prezado estudante,

Bem-vindo ao e-Tec Brasil/Unimontes!

Você faz parte de uma rede nacional pública de ensino, a Escola Técnica Aberta do Brasil, instituída pelo Decreto nº 6.301, de 12 de dezembro 2007, com o objetivo de democratizar o acesso ao ensino técnico público, na modalidade a distância. O programa é resultado de uma parceria entre o Ministério da Educação, por meio das Secretarias de Educação a Distância (SEED) e de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), as universidades e escolas técnicas estaduais e federais.

A educação a distância no nosso país, de dimensões continentais e grande diversidade regional e cultural, longe de distanciar, aproxima as pessoas ao garantir acesso à educação de qualidade, e promover o fortalecimento da formação de jovens moradores de regiões distantes, geograficamente ou economicamente, dos grandes centros.

O e-Tec Brasil/Unimontes leva os cursos técnicos a locais distantes das instituições de ensino e para a periferia das grandes cidades, incentivando os jovens a concluir o ensino médio. Os cursos são ofertados pelas instituições públicas de ensino e o atendimento ao estudante é realizado em escolas-polo integrantes das redes públicas municipais e estaduais.

O Ministério da Educação, as instituições públicas de ensino técnico, seus servidores técnicos e professores acreditam que uma educação profissional qualificada - integradora do ensino médio e educação técnica, - é capaz de promover o cidadão com capacidades para produzir, mas também com autonomia diante das diferentes dimensões da realidade: cultural, social, familiar, esportiva, política e ética.

Nós acreditamos em você!

Desejamos sucesso na sua formação profissional!

Ministério da Educação
Janeiro de 2010

Indicação de ícones

Os ícones são elementos gráficos utilizados para ampliar as formas de linguagem e facilitar a organização e a leitura hipertextual.



Atenção: indica pontos de maior relevância no texto.



Saiba mais: oferece novas informações que enriquecem o assunto ou “curiosidades” e notícias recentes relacionadas ao tema estudado.



Glossário: indica a definição de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.



Mídias integradas: possibilita que os estudantes desenvolvam atividades empregando diferentes mídias: vídeos, filmes, jornais, ambiente AVEA e outras.



Atividades de aprendizagem: apresenta atividades em diferentes níveis de aprendizagem para que o estudante possa realizá-las e conferir o seu domínio do tema estudado.

Sumário

Palavra do professor conteudista	9
Projeto instrucional	11
Aula 1 - Introdução ao Turismo.....	13
Resumo	21
Atividades de aprendizagem	22
Aula 2 - Turismo: História e conceitos	23
2.1 A história das viagens e o surgimento do turismo	23
2.2 Desenvolvimento do turismo moderno: séculos XIX e XX.....	29
2.3 Turismo: aspectos conceituais	34
Resumo	41
Atividades de aprendizagem	43
Aula 3 - Planejamento turístico: as redes e a gestão do turismo	45
3.1 Planejamento turístico e política pública: nota introdutória.....	45
3.2 O Planejamento e as redes de turismo: algumas reflexões.....	48
Resumo	52
Atividades de aprendizagem	54
Aula 4 - Evolução e importância do setor: um panorama do Brasil	55
4.1 Turismo no Brasil: breves apontamentos.....	55
4.2 A Regionalização do turismo e a política de circuitos em Minas Gerais	60
Resumo	65
Atividades de aprendizagem	66
Aula 5 - Introdução à segmentação do turismo.....	67
Resumo	75
Atividades de aprendizagem	76
Aula 6 - Introdução ao Ecoturismo.....	77
6.1 Ecoturismo na terra	78
6.2 Ecoturismo no ar	80
6.3 Ecoturismo na água	82
6.4 Modalidades mistas.....	85
Resumo	88
Atividades de aprendizagem	88
Aula 7 - Introdução ao Turismo Rural	89
Resumo	92
Atividades de aprendizagem	92
Aula 8 - Levantamento e análise dos recursos naturais com potencialidades para o Ecoturismo.....	93
Resumo	100
Atividades de aprendizagem	100
Aula 9 - Determinação de capacidade de carga	101
Resumo	104
Atividades de aprendizagem	104

Aula 10 - Planejamento e gestão de empreendimentos ecoturísticos	105
Resumo	109
Atividades de aprendizagem	109
Aula 11 - Educação Ambiental	111
Resumo	115
Atividades de aprendizagem	115
Aula 12 - Impactos ambientais, socioculturais e econômicos do ecoturismo	117
Resumo	120
Atividades de aprendizagem	120
Aula 13 - Exploração do potencial turístico de propriedades rurais	121
Resumo	126
Atividades de aprendizagem:	126
Referências.....	127
Currículos dos professores conteudistas	131

Palavra dos professores conteudistas

Prezados Alunos,

Bem-vindos ao nosso Curso!

É uma satisfação compartilhar com você esta caminhada de formação no Sistema e-Tec Brasil no âmbito da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

Estamos iniciando, neste módulo, um estudo sobre Ecoturismo e Turismo Rural, dois importantes segmentos da atividade turística, com o propósito de elencar reflexões para além do plano teórico que envolve a temática. Nesse caso, as abordagens que aqui construiremos buscam, acima de tudo, fazer com que você desenvolva um olhar crítico sobre o tema e a partir da abordagem pedagógica você possa integrar o conhecimento teórico à sua prática no meio de atuação seja no setor público ou no setor privado.

Cabe lembrar que o conteúdo teórico é fundamental quando se trata de quaisquer abordagens sobre turismo. Os debates no universo do turismo, cada vez mais, exigem um esforço conceitual que seja capaz de aperfeiçoar suas práticas. Existem muitos conceitos e definições construídos por vários pesquisadores e autores, por vezes com abordagens diferenciadas. Nem todos os conceitos se somam para um entendimento único. Contudo, alguns conceitos básicos permitem uma leitura mais específica sobre o assunto que estaremos debatendo.

O turismo se tornou uma atividade universal, globalizada. Cada vez mais, os entendimentos sobre suas dinâmicas são aperfeiçoadas em virtude das possibilidades que este segmento de mercado anuncia. As oportunidades que o turismo apresenta de melhorias na infraestrutura das cidades, na qualidade de vida dos lugares e na vida das pessoas que viajam e das pessoas que recebem os viajantes mundo afora são cada vez maiores. Na mesma velocidade, vários e complexos problemas vão surgindo com o crescimento da atividade turística. Sendo assim, saber analisar as dinâmicas dos segmentos turísticos pode facilitar a compreensão de situações específicas e com isso permitir, por exemplo, um melhor planejamento de um negócio, observar uma oportunidade de empreendedorismo, facilitar a implantação de uma política pública na cidade, entre outras coisas importantes que iremos debater aqui.

O objetivo para além das definições e desdobramentos sobre o que é Ecoturismo e Turismo Rural volta-se para uma melhor compreensão acerca da atividade turística, seus reflexos, contradições e complexidades. O turismo, se bem compreendido, pode ser observado como uma importante ferramenta de desenvolvimento socioeconômico, ambiental e cultural.

Sendo assim, gostaríamos de contar com a dedicação de vocês, especialmente salientando que um bom conhecimento sobre turismo se constrói principalmente a partir da curiosidade e da investigação, pois se trata de um tema complexo e, por vezes, contraditório. Por exemplo, o mesmo turismo que pode melhorar a qualidade de vida das pessoas e dos lugares, também pode comprometer seriamente modos de vida e ambientes naturais. Estudem com dedicação e afinco. Temos a certeza de que será proveitoso e importante para você.

Atenciosamente,

Professor Cássio Alexandre da Silva e
Professor Hebert Canela Salgado.

Projeto instrucional

Disciplina: Ecoturismo e Turismo Rural.

Ementa: Definição, evolução e importância do setor de turismo/ecoturismo. Classificação e origem do ecoturismo. Levantamento e análise dos recursos naturais com potencialidades para o ecoturismo. Determinação de capacidade de carga. Planejamento e gestão de empreendimentos ecoturísticos. Pesquisa e análise de mercado. Educação ambiental. Impactos ambientais, socioculturais e econômicos do ecoturismo. Empreendimentos ecoturísticos. Exploração do potencial turístico de propriedades rurais.

AULA	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	MATERIAIS	CARGA HORÁRIA
Aula 1 - Introdução ao Turismo	Introduzir o conhecimento em Turismo	Caderno Didático	
Aula 2 - Turismo: História e Conceitos	Conhecer sobre as raízes históricas do turismo e o surgimento dos conceitos.	Caderno Didático	
Aula 3 - Planejamento Turístico: as redes e a gestão do turismo	Oferecer uma visão sobre a importância do Planejamento Turístico	Caderno Didático	
Aula 4 - Evolução e importância do setor: Políticas Públicas e Economia	Fornecer um panorama de crescimento da atividade turística e das políticas públicas do setor	Caderno Didático	
Aula 5 - Introdução à Segmentação do Turismo	Introduzir o conhecimento em Segmentação do Turismo	Caderno Didático	
Aula 6 - Introdução ao Ecoturismo	Introduzir o conhecimento em Ecoturismo	Caderno Didático	
Aula 7 - Introdução ao Turismo Rural	Introduzir o conhecimento em Turismo Rural	Caderno Didático	
Aula 8 - Levantamento e análise dos recursos naturais com potencialidades para o ecoturismo	Conhecer características e especificidades dos recursos naturais com potencialidades turísticas	Caderno Didático	
Aula 9 - Determinação de capacidade de carga	Compreender sobre as diretrizes e importâncias da Capacidade de Carga	Caderno Didático	

Aula 10 - Planejamento e gestão de empreendimentos ecoturísticos	Conhecer a importância do planejamento na gestão de empreendimentos ecoturísticos	Caderno Didático	
Aula 11 - Educação ambiental	Compreender sobre a relação Turismo e Educação Ambiental no âmbito do Ecoturismo e do Turismo Rural	Caderno Didático	
Aula 12 - Impactos ambientais, socioculturais e econômicos do ecoturismo	Compreender sobre as contradições do Ecoturismo a partir do estudo dos impactos da atividade	Caderno Didático	
Aula 13 - Exploração do potencial turístico de propriedades rurais	Conhecer as principais dinâmicas dos empreendimentos ecoturísticos	Caderno Didático	

Aula 1 - Introdução ao Turismo

Quem nunca viajou ou ao menos pensou em fazer a viagem dos sonhos? O fato é que, cada vez mais, as pessoas procuram **agências de viagens** com fins de conhecer belas paisagens, culturas diferentes ou mesmo para participar de um evento específico de estudos ou negócios em outra cidade ou país. Seja para descanso ou a trabalho, as viagens se confirmam como uma das principais atividades da sociedade. Real ou virtualmente, hoje é possível conhecer mais detalhadamente os lugares, suas especificidades paisagísticas, culturais e dinâmicas sociais, especialmente por conta da **globalização** e, a *internet* tem facilitado muito todo esse processo.

Tudo isso é possível e facilitado pela ampliação na infraestrutura dos lugares, pelos avanços educacionais, científicos, tecnológicos e, naturalmente pelos movimentos de globalização que ampliam as liberdades de acesso a regiões do mundo antes invisibilizadas por questões ambientais, culturais, históricas, políticas e econômicas. É fácil perceber o crescente fluxo de pessoas, mercadorias e serviços em todo o mundo. O aumento de passageiros nas rodoviárias e aeroportos, a ampliação das frotas de veículos, a construção de estradas, o crescente número de hotéis, restaurantes, serviços de lazer e entretenimento, etc. Toda a complexa **rede** que se desenvolveu a partir das viagens definiu as bases do que hoje conhecemos como turismo.

O turismo é hoje uma importante área de interesse acadêmico, governamental, industrial e público. Embora a afirmação de que ele é a maior área de atividade econômica do mundo seja uma verdade muitas vezes citada, o turismo é importante não só por seu tamanho em termos de pessoas que viajam, número de empregados ou quanto dinheiro leva até um certo destino; mas devido ao enorme impacto que exerce na vida das pessoas e nos locais em que elas vivem, e devido à forma pela qual ele é significativamente influenciado pelo mundo que o rodeia. (HALL, 2001, p.17).

O Turismo nasce e se desenvolve com o capitalismo acompanhando seus avanços, percalços, contradições e reestruturações. É a partir da década de 1960, que suas lógicas se fundem como atividade de lazer, fomentando o deslocamento de milhões de pessoas, configurando-se em fenômeno econômico de grande expressão internacional. Contudo, suas origens remontam o histórico das viagens no mundo que, alimentadas por antigos desejos, sonhos e necessidades da humanidade, garantiram a consolidação e a importância do que é o turismo hoje.



Conheça mais sobre as Agências de Viagem visitando o site da Associação Brasileira das Agências de Viagem (ABAV) no site <http://www.abav.com.br/>



Globalização: é um processo gerado pela dinâmica do sistema capitalista baseado na ideia de formação de uma aldeia global com objetivo de ampliação dos mercados consumidores. Consiste na mundialização do espaço geográfico por meio da integração econômica, social e cultural de diferentes lugares do planeta. Suas raízes datam do período mercantilista iniciado no século XV e permanece sofrendo mutações até os dias atuais. Trata-se de uma dinâmica que ocorre em diferentes escalas e estruturas que vão desde a expansão de mercado consumidor, passando por sistemas de comunicação por satélite, transportes, telefonia, informática, bem como prestação de serviços, produção de serviços, produção artística, religião, esporte, educação, tecnologia, entre outros.



O debate sobre Globalização apresenta importantes elementos para se pensar o turismo no mundo de hoje. Para o aprofundamento das reflexões sobre Globalização indicamos o vídeo “Globalização: o mundo global visto do lado de cá”, documentário do cineasta brasileiro Sílvio Tendler, que discute os problemas da globalização sob a perspectiva das periferias (seja o terceiro mundo, seja comunidades carentes). O filme é conduzido por uma entrevista com o geógrafo e intelectual baiano Milton Santos, gravada quatro meses antes de sua morte. O documentário de uma hora e meia de duração está disponível no link http://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM&feature=related

Em todo o mundo, a atividade turística, também denominada “indústria sem chaminés”, por vezes apontada como atividade econômica, por outras como fenômeno sociocultural a partir dos fluxos de mercadorias, pessoas e informações apresenta um intenso crescimento. Contudo, o turismo em seus movimentos se mostra com importantes vulnerabilidades que se ligam às dinâmicas da sociedade. Catástrofes, guerras, crises econômicas ou mudanças culturais também interferem na evolução da atividade. Se por um lado os fluxos crescem visto importantes cenários de estabilidade sociocultural, ambiental e econômica, por outro o fenômeno também dialoga com as principais transformações que ocorrem na sociedade.

Dentre os apontamentos que percorrem o debate atual sobre o turismo mundial, brasileiro e regional, destacam-se a formação da rede de turismo, a preservação da biodiversidade, a integração sul-americana, a prevenção e combate à exploração sexual de crianças e adolescentes, a construção de políticas públicas participativas, a adoção de parcerias público-privadas, o fortalecimento de alianças comunitárias, dentre outros. Pode-se afirmar que cinco eixos-base aglutinam todo o pensar sobre a condição atual do turismo no mundo, sendo eles: o desenvolvimento econômico, a preservação da biodiversidade, a diversidade cultural, as condições para a paz e o desenvolvimento social (SALGADO, 2007, p.01).

A expansão da atividade turística culminou em inúmeros estudos, pesquisas e debates em vários setores da sociedade. Não por acaso, o turismo, que em um passado recente não chamava tanto a atenção de gestores públicos, setores produtivos, entidades privadas e universidade, passou a ser considerado uma das principais atividades socioeconômicas do planeta. O turismo pode ser analisado a partir de várias óticas social, ambiental, cultural, política, mas a reviravolta acerca das atenções dadas à atividade se deram principalmente pela forte relação entre turismo e economia. Segundo estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o turismo impacta diretamente 53 setores da economia. De acordo com o Ministério do Turismo o Brasil recebeu 4,8 milhões de turistas estrangeiros em 2009. A Associação Brasileira de Agentes de Viagens (ABAV) destaca que os argentinos lideram o *ranking* de entradas no país, com mais de 1,2 milhões de visitantes.

Conforme divulgado pela Organização Mundial de Turismo - OMT no documento Panorama do Turismo Internacional - Edição 2009, atualmente, o mercado de viagens representa 30% das exportações mundiais de serviços e 6% das exportações mundiais totais. Como categoria de exportação, o Turismo se situa em 4º lugar, depois apenas dos combustíveis, produtos químicos e automóveis. Para muitos países, a atividade turística é uma das principais fontes de receita e imprescindível para a geração de emprego e renda. Apesar da previsão de que a receita do Turismo internacional no mundo tenha sido 6% menor em 2009, esse número ainda representa algo em torno

de U\$ 900 bilhões. O fluxo internacional de turistas vem aumentando continuamente - de 25 milhões em 1950; 277 milhões em 1980; 438 milhões em 1990; 682 milhões em 2000, tendo atingido a cifra de 920 milhões em 2008. Em 2009, a chegada de turistas internacionais reduziu-se a 880 milhões, 40 milhões a menos do que em 2008, resultado do desaquecimento da economia mundial ocasionada pela crise financeira. A OMT estima que a chegada de turistas internacionais chegue a 1,6 bilhões em 2020. (Ministério do Turismo, Documento Referencial Turismo no Brasil 2011-2014, pg.24).

A-Z

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é uma fundação pública da administração federal brasileira criada em 1934 e instalada em 1936 com o nome de Instituto Nacional de Estatística; O nome atual data de 1938. A sede do IBGE está localizada na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio. O IBGE tem atribuições ligadas às geociências e estatísticas sociais, demográficas e econômicas, o que inclui realizar censos e organizar as informações obtidas nesses censos, para suprir órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal, e para outras instituições e o público em geral.

Tabela 01: Dados do Turismo no Brasil e no Mundo.

Turismo no Brasil			no Mundo		
Dados em milhões	2009	2010	Dados em milhões	2009	2010
Chegadas de turistas ao Brasil	4,8	5,2	Chegada de Turistas	880,5	935,0
Desembarques voos nacionais	56,0	68,3	Receita Cambial (US\$)	852.400	919.00
Desembarques voos internacionais	6,5	7,9			
Receita cambial (US\$)	5.304,6	5.918,8			

Fonte: Ministério do Turismo. Disponível em <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/home.html>. Acessado em 20 de set. 2011.

A velocidade de inovação no mercado turístico nos últimos anos culminou em elaborado sistema de especificação de produtos turísticos que passaram a ser destinados a consumidores específicos acarretando na segmentação de mercado. É muito comum dizer de Turismo Educacional, Turismo Cultural, Turismo Religioso, Turismo de Negócios, Turismo de Sol e Praia, Turismo Náutico, Turismo da Terceira Idade, assim como do Turismo Rural e do Turismo Ecológico, mais pronunciado Ecoturismo. A especificação de produtos turísticos é crescente. O por vezes anunciado “novo turista”, viajante desses proclamados “novos tempos” onde impera o consumo como característica principal tem sido capaz de forçar o mercado às beiradas de uma intensa segmentação de produtos ofertados. De acordo com estudos apresentados pela Secretaria Nacional de Políticas para o Turismo do Ministério do Turismo no **Salão do Turismo 2010**, por exemplo, as perspectivas para um turismo cultural são cada vez mais exploradas e disseminadas, pautadas pelo valor à consciência ética, à sustentabilidade, às minorias e culturas diferenciadas e à inclusão social. Eis uma das impressões desses tempos.



O Salão do Turismo é uma estratégia de mobilização, promoção e comercialização dos roteiros turísticos desenvolvidos a partir das diretrizes do Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil. Promovido pelo Governo Federal por meio do Ministério do Turismo, o evento apresenta o turismo brasileiro para quem quer viajar ou fechar bons negócios. Os visitantes podem conhecer os roteiros turísticos das 27 unidades da Federação e adquirir pacotes e produtos/serviços turísticos para visitá-los nas suas próximas viagens. Podem ainda ver e comprar o artesanato, os produtos da agricultura familiar e a gastronomia típica, além de assistir a manifestações artísticas de diversas regiões do País. O público pode também assistir a debates e palestras e ainda conhecer casos de sucesso, trabalhos científicos e projetos relacionados ao turismo. Para conhecer mais sobre o Salão visite o link <http://www.salao.turismo.gov.br/salao/home.html>



Assista o vídeo sobre o que é Turismo Comunitário apresentado pela Professora Luzia Neide Coriolano da Universidade Estadual do Ceará no link



Figura 1: Movimento durante o 6º Salão Nacional do Turismo.

Fonte: http://www.salao.turismo.gov.br/salao/sobre_evento/galeria_2011/detalhe_galeria/galeria_14.html

O fato que liga o novo perfil de consumo turístico da sociedade aos novos entendimentos sobre as possibilidades do turismo é justamente o seu caráter contraditório e ao mesmo tempo desafiador. Se por um lado anuncia respostas positivas ao desenvolvimento com a minimização de impactos em ambientes naturais, valorização de culturas, lugares e pessoas, por outro tem apresentado desastrosas situações. Podemos dizer do comprometimento ambiental de lugares passando pela questão dos resíduos sólidos e efluentes urbanos, sistemas de abastecimento de água e saneamento básico, comprometimento das lógicas de vida de comunidades, desestruturação de manifestações culturais, invasões econômicas, comprometimento de patrimônios históricos, intensificação de atividades ilícitas, especialmente ligadas à guerra pelos tráficos, ao denominado turismo sexual, a lavagem de dinheiro, entre outros.

Diante dos processos descritos anteriormente, a força do capital financeiro também passa a funcionar como ferramenta de pressão para a segmentação turística. Nesse caso, o objetivo aponta para a minimização das contradições do mercado turístico por meio de uma adjetivação capaz de criar produtos turísticos mais condizentes com os anseios de um consumo justo socialmente, correto ambientalmente e viável economicamente. Facilmente encontramos iniciativas anunciadas como **Turismo Comunitário**, **Turismo Solidário**, **Turismo Responsável**.



Figura 2: Manifestação Cultural em Chapada do Norte-MG e Matriz de Santo Antônio em Grão Mogol-MG, municípios de abrangência do Programa Turismo Solidário.

Fonte: <http://www.turismosolidario.com.br/interna.php?area=8>

Cabe ressaltar que existem bons projetos, iniciativas e experiências nesse universo de propostas acerca de um turismo pautado pelo equilíbrio de dinâmicas economicistas e humanas em várias regiões do mundo e no Brasil. Contudo, queremos chamar a atenção para outras análises importantes também, especialmente sobre as lógicas da sociedade do consumo que despertam na atividade turística a possibilidade de fetichização de roteiros, lugares, manifestações culturais, ambientes preservados e até casos extremos como situações de guerras que são transformadas em viagens exóticas e comercializadas em agências especializadas.

É nesse contexto que ganhou mais destaque a ideia acerca do denominado **Turismo Sustentável**, capaz de filtrar, englobar e ramificar diretrizes básicas para um suposto consenso sobre melhores ações de planejamento, estruturação e fomento da atividade turística. As origens desse entendimento se ligam também à história do **movimento ambientalista**.

Para refletir sobre Turismo Sustentável, se faz necessário, antes de tudo, compreender o contexto histórico em que foi elaborado o conceito de sustentabilidade, posteriormente observar o que se convencionou dizer desenvolvimento sustentável e só assim entender melhor as aproximações históricas da construção conceitual que se tornou um princípio e oportunizou uma adjetivação interessada a todas as segmentações do mercado turístico. Numa abordagem mais simples e objetiva do que seja sustentabilidade, podemos dizer da ideia de suporte ou sustentação para algo ou alguém. O termo provém do latim *sustentare* (sustentar, defender, favorecer, apoiar, conservar, cuidar).



Conheça o Programa Turismo Solidário desenvolvido no Vale do Jequitinhonha e Norte de Minas Gerais no link <http://www.turismosolidario.com.br/>



O denominado pensamento ambiental vem sendo elaborado ao longo da história do homem desde os primeiros filósofos e teólogos. O movimento ambientalista surgiu em vários lugares do mundo, em épocas distintas e tendo diferentes motivos. Na história recente, alguns episódios se somam à elaboração do Movimento, por vezes inserido no âmbito dos denominados novos movimentos sociais. Nesse caso, ganham destaque o lançamento do livro *Primavera Silenciosa* lançado em 1962 pela bióloga americana Rachel Carson, o surgimento dos dois primeiros grandes grupos ambientalistas civis, Greenpeace e Friends of Earth na década de 70, a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Humano e Meio Ambiente realizada em 1972 em Estocolmo. Ainda, o surgimento dos principais partidos verdes do mundo na década de 80, a Conferência ECO-92 realizada no Rio de Janeiro marcando a década de 90, dentre outros importantes episódios que sucederam esses importantes eventos.



Assista o vídeo sobre
Turismo Sustentável
disponível no
link [http://www.
youtube.com/
watch?v=IGWK5EjFNww](http://www.youtube.com/watch?v=IGWK5EjFNww)

A sustentabilidade é, notadamente, resultado da “era da ecologia”, embora a herança intelectual do conceito remonte, no mínimo, ao início do século XIX. Apesar de a sociedade, e interesses essenciais dentro dela, estar há muito preocupada com a melhor forma de utilizar e conservar os recursos naturais, foi no século XX e no mundo globalizado do novo milênio que passamos a perceber a forma pela qual tudo está ligado. Ambiente, economia e sociedade estão indissociavelmente unidos (HALL, 2001, p. 20).

O conceito de sustentabilidade começou a ser delimitado na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH) realizada em Estocolmo em junho de 1972. O objetivo era refletir e debater sobre a relação entre as atividades humanas e meio ambiente. Em 1983, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Organização das Nações Unidas cria uma comissão de Organizações Não-Governamentais e Cientistas presidida por Gro Harlem Brundtland para a elaboração do que ficou conhecido como Relatório Brundtland “Our Common Future” (Nosso Futuro Comum) divulgado em 1987. O relatório foi resultado de quatro anos de debates em todo o mundo até se chegar a um entendimento crítico sobre a incompatibilidade entre os modelos de desenvolvimento, produção e consumo dos países industrializados e em desenvolvimento e, o uso indiscriminado dos recursos naturais e dos ecossistemas. É nesse contexto que é defendido o conceito de desenvolvimento sustentável, apontado pelo Relatório como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades” (RELATÓRIO BRUNDTLAND, 1991, p.46).

Se o desenvolvimento econômico aumenta a vulnerabilidade às crises, ele é insustentável. Uma seca pode obrigar os agricultores a sacrificarem animais que seriam necessários para manter a produção nos anos seguintes. Uma queda nos preços pode levar os agricultores e outros produtores a explorarem excessivamente os recursos naturais, a fim de manter rendas. Mas pode-se reduzir a vulnerabilidade usando tecnologias que diminuam os riscos de produção, dando preferência a opções institucionais que reduzam flutuações de mercado e acumulando reservas, sobretudo de alimentos e divisas (...). Mas não basta ampliar a gama das variáveis econômicas a serem consideradas. Para haver sustentabilidade, é preciso uma visão das necessidades e do bem-estar humano que incorpora variáveis não-econômicas como educação e saúde, água e ar puros e a proteção das belezas naturais. Também, é preciso eliminar as limitações dos grupos menos favorecidos, muitos dos quais vivem em áreas ecologicamente vulneráveis” (RELATÓRIO BRUNDTLAND, 1991, p. 57).

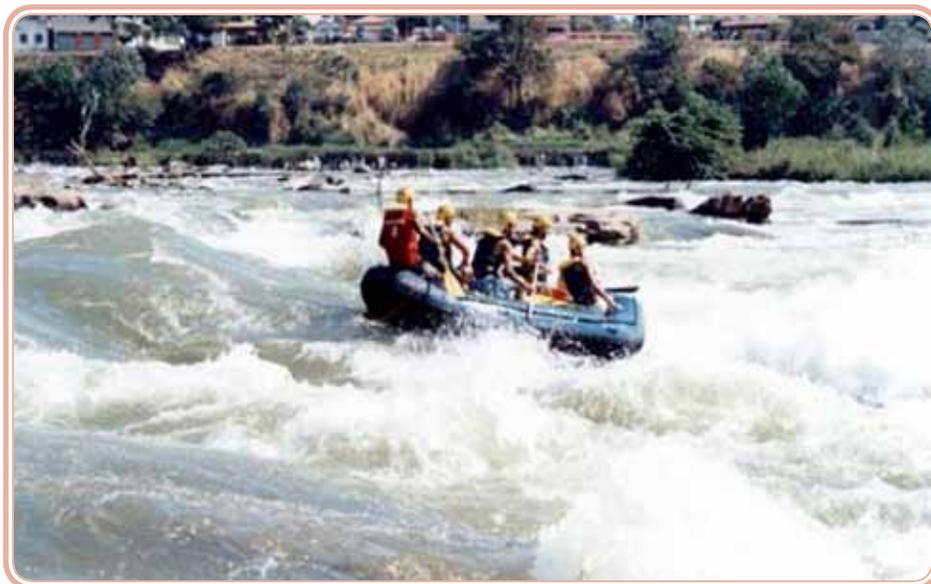


Figura 3: Descida de Rafting no Rio São Francisco em Pirapora-MG.

Fonte: Disponível em http://www.ciadeandar.tur.br/fotos/galeria_cia/gal/fotos.php#img/foto_03.jpg visitado em junho de 2011.

A partir da Conferência de Estocolmo (1972) cada vez mais a ideia de sustentabilidade passava a ser entendida como um conceito sistêmico apontando para a interdependência entre aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos e ecológicos. Ao delimitar as bases das ações ambientais no âmbito internacional, aproximando meio ambiente e desenvolvimento no debate, ficou o entendimento sobre a necessidade de equilíbrio entre atividades econômicas, de produção e consumo e, a preservação da biodiversidade e dos ecossistemas.

Nesse contexto, a Declaração de Estocolmo (1972), ao discutir o conceito de sustentabilidade lançou as bases para a consolidação do conceito de desenvolvimento sustentável, defendido pela Comissão Brundtland em 1987 e oficializado na Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento ECO-92 realizada no Rio de Janeiro em 1992. O conceito surge também como uma tentativa de conciliar os defensores do conservacionismo ambiental e os defensores do desenvolvimento econômico. “O desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade são conceitos importantes, cuja interpretação e operacionalização têm sido vigorosamente defendidas nas decisões de planejamento e política em todo o mundo. Não são apenas ideias acadêmicas abstratas, mas conceitos que se espalham e afetam o cotidiano de todos no planeta, mesmo que as pessoas nunca o percebam” (HALL, 2001, p. 21). Assim, ecoa em todos os setores da sociedade, o conceito de desenvolvimento sustentável, que passa a exigir uma visão mais ampla do que seja desenvolvimento, sugerindo que princípios da ecologia sejam aplicados aos processos econômicos. Sendo assim, a atividade turística, enquanto atividade econômica é obrigada a avaliar como o planejamento de suas dinâmicas pode contribuir de maneiras mais sustentáveis para o desenvolvimento.



Outra importante conquista da Conferência foi a Agenda 21, um amplo e abrangente programa de ação, visando a sustentabilidade global no século XXI.

O novo quadro então apresenta uma sociedade de consumo que passa a repensar a vida em todo o planeta. Não é por acaso que o Ecoturismo e o Turismo Rural enquanto segmentos do Turismo apresentam números permanentemente crescentes. Na mesma velocidade que aumentam os turistas que buscam o contato direto com a natureza, por vezes motivados pela onda da sustentabilidade e novos consumos, outrora motivados pelos desafios de viver nas urbanidades das cidades contemporâneas, também aumenta a velocidade do aperfeiçoamento técnico, dos avanços tecnológicos, e o aumento do poder de compra da sociedade que, num plano mais genérico, também tem permitido uma maior abertura, por exemplo, dos esportes de natureza e atividades de lazer em ambientes naturais, antes restritos às elites. O contexto evidencia ainda uma tentativa de reorganização e redirecionamento das políticas públicas de turismo uma vez que os sinais de crescimento do turismo de massa passaram a indicar a intensificação de problemas ligados a degradação acelerada de áreas naturais, o estabelecimento de conflitos entre turistas e comunidades até então desconhecidas, os limites da capacidade de carga em determinadas localidades, o turismo sexual e outras situações que exigiram dos governos em todo o mundo um maior planejamento da atividade.



Figura 4: Cavalgada na região de Buritizeiro-MG.

Fonte: http://www.ciadeandar.tur.br/fotos/galeria_cia/gal/fotos.php#img/foto_18.jpg

Na próxima aula vamos conhecer um pouco sobre o as raízes do turismo no universo das viagens e diante da evolução histórica da atividade vamos viajar pelos conceitos de alguns autores que se esforçam para criar um melhor entendimento sobre o turismo e suas características principais. Trata-se de um capítulo um pouco mais denso uma vez que apresenta inúmeros episódios que ajudaram a definir os contornos do que se tornou uma das principais atividades socioeconômicas do mundo na atualidade. Para refletir sobre Ecoturismo e Turismo rural nesse caso, torna-se muito importante conhecer as raízes do turismo em sua história e complexidade. Só assim conseguiremos dimensionar as verdadeiras possibilidades que a atividade oferece.

Resumo

Nesta aula, você aprendeu:

- Que o Turismo nasce e se desenvolve com o capitalismo, acompanhando seus avanços, percalços, contradições e reestruturações. É que é a partir da década de 1960, que suas lógicas se fundem como atividade de lazer, fomentando o deslocamento de milhões de pessoas, configurando-se em fenômeno econômico de grande expressão internacional principalmente por conta da globalização.
- Que o turismo se desenvolveu a partir das viagens e se estruturou em uma complexa rede em todo o mundo, e, por isso a atividade turística, também denominada “indústria sem chaminés”, é por vezes apontada como atividade econômica e, por outras, como fenômeno sociocultural por conta dos fluxos de mercadorias, pessoas e informações em permanente crescimento.
- Que no debate atual sobre o turismo mundial, brasileiro e regional, destaca-se a formação da rede de turismo, a preservação da biodiversidade, a integração sul-americana, a prevenção e combate à exploração sexual de crianças e adolescentes, a construção de políticas públicas participativas, a adoção de parcerias público-privadas, e o fortalecimento de alianças comunitárias. Podendo afirmar que cinco eixos-base aglutinam todo o pensar sobre a condição atual do turismo no mundo, sendo eles: o desenvolvimento econômico, a preservação da biodiversidade, a diversidade cultural, as condições para a paz e o desenvolvimento social.
- A expansão da atividade turística culminou em inúmeros estudos, pesquisas e debates em vários setores da sociedade. Não por acaso, o turismo, que em um passado recente não chamava tanto a atenção de gestores públicos, setores produtivos, entidades privadas e universidade, passou a ser considerada uma das principais atividades socioeconômicas do planeta que, segundo estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) impacta diretamente 53 setores da economia.
- Que a velocidade de inovação no mercado turístico nos últimos anos culminou em elaborado sistema de especificação de produtos turísticos que passaram a ser destinados a consumidores específicos acarretando na segmentação de mercado.
- Que o Turismo Sustentável surge no contexto de elaboração e debate sobre a ideia de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável que se inicia objetivamente na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano realizada em Estocolmo em junho de 1972, cujo objetivo era refletir e debater sobre a relação entre as atividades humanas e meio ambiente. Nesse contexto, a atividade turística, enquanto atividade econômica é obrigada a avaliar como o planejamento de suas dinâmicas pode contribuir de maneiras mais sustentáveis para o desenvolvimento.

Atividades de aprendizagem

1. A respeito do turismo não é correto afirmar que:

- a. é também denominada “indústria sem chaminés”;
- b. elaborou um sistema de especificação de produtos turísticos que passaram a ser destinados a consumidores variados, rompendo com o sistema de segmentação de mercado;
- c. se desenvolveu a partir das viagens e se estruturou em uma complexa rede em todo o mundo;
- d. se desenvolve com o capitalismo, acompanhando seus avanços, percalços, contradições.

2. Assinale a afirmativa incorreta. No debate atual sobre o turismo destaca-se:

- a. a construção de políticas públicas participativas e a formação da rede de turismo;
- b. a adoção de parcerias público-privadas e a preservação da biodiversidade;
- c. a desintegração sul-americana e a desarticulação de alianças comunitárias;
- d. a prevenção e combate à exploração sexual de crianças e adolescentes;

Aula 2 - Turismo: História e Conceitos

2.1 A história das viagens e o surgimento do turismo

A busca por novas descobertas sempre foi principal motivação daqueles que definiram a história das viagens na humanidade. A curiosidade por novas culturas e novos lugares acompanha o homem desde sua história primitiva. Foi a partir da experiência de viagem que sociedade edificou seus saberes e fazeres, sua evolução. Andar e olhar, contemplar, observar, pensar, refletir e anotar, desenhar, subir, percorrer, catalogar e fotografar são maneiras de interação com o mundo que se desenvolveram em meio às experiências de viagem desde tempos remotos. E, mais recentemente, é no Turismo que a viagem encontra seu arcabouço teórico.

Foi a partir dos primeiros deslocamentos humanos mundo afora, que o processo civilizatório encontrou a base necessária para sua consolidação. As andanças humanas pelo globo, após sua saga primitiva pela sobrevivência, subsidiaram relatos mítico-religiosos que motivaram ousados aventureiros. Reinos fantásticos, terras de riquezas hipotéticas, cheia de ouros, couros e tesouros, deliraram a imaginação com monstros e maravilhas, fomentaram a literatura, inspiraram músicos, aguçaram pensadores inquietos, desenvolveram técnicas e instrumentos para cotidianos perigosos, além terra e mar. Eram novos os gostos e aromas, as incertezas e as disputas, os impérios e colônias, as relações sociais, os espaços, os lugares.

Na história da civilização, as viagens remontam às mais longínquas atividades humanas e, em sua evolução promoveram o desenvolvimento da linguagem, da escrita, da comunicação e da difusão de informação desencadeando novos processos sociais, promovendo o sentimento de liberdade mediante a abertura do mundo, alimentando a sede da conquista por novos territórios e, ao mesmo tempo, desencadeando conflitos. Primeiramente, conflitos com o próprio espaço geográfico à medida que degradaram ambientes e, na mesma intensidade, gerou conflitos culturais, disfunções sociais, desintegrações comunitárias, enfim, fizeram os humanos se sentirem parte integrante do espaço e dos processos que decorrem sobre ele.

Partindo de um olhar antropológico, podemos afirmar que os deslocamentos sempre fizeram parte da vida humana. Desde o Paleolítico, há 2,5 milhões de anos, os seres humanos, que provavelmente apresentavam como unidade social básica o bando, em suas incessantes buscas por alimentos não hesitaram em se deslocar pela exploração de recursos silvestres. Conforme remonta a história, esses grupos deslocavam-se regularmente, em função das variações na abundância dos recursos alimentares, das variações climá-

ticas e do grau de vulnerabilidade que os territórios ofereciam mediante a ocorrência de animais ferozes. Nesse cenário de vida itinerante, tinham lugar relações reprodutivas, transmissão de técnicas, caçadas coletivas, conflitos, manifestações artísticas e rituais.

Nos primórdios do Paleolítico superior, a última fase da Antiga Idade da Pedra (aproximadamente 35.000 a.C., na Europa) o ser humano era eminentemente um nômade, deslocava-se de um lugar ao outro, seja em busca de alimentos para a sobrevivência, seja para sua proteção em abrigos seguros. Posteriormente, no período Neolítico, passava a ser um pouco mais sedentário, começando a estabelecer seu território, a cultivar a terra e a criar animais, desenvolvendo a produção de alimentos (BARBOSA, 2002, p.12).

No universo mítico-religioso, as viagens aparecem primeiramente como castigos, remontando à Expulsão do Paraíso. Os homens viajavam à própria morte nos martírios de sua última e derradeira viagem. “Após essa partida espiritual, veio o retorno apresentado pela Bíblia, o livro sagrado do cristianismo, a qual foi profundamente marcada pelo diálogo entre o movimento de partida e o de retorno. Não é por acaso que um de seus primeiros livros se intitula *O Êxodo*”. De acordo com (BARBOSA, 2002, p.11):

Na Mitologia, o tema da viagem é também predominante. Recorda-se, por exemplo, a arca de Noé impulsionada pelo holocausto diluviano, episódio apocalíptico comum a quase todas as culturas afroasiáticas, que para o seu heróico argonauta e inumeráveis ocupantes, não passou de uma longa viagem em busca da sobrevivência (MESQUITA, 1986, p.31). Observa-se, então, que nos primórdios da civilização a viagem decompunha-se no binômio fuga/sobrevivência. Portanto, a viagem é intimamente ligada ao mito do eterno retorno de que fala Mircea Eliade. A primeira grande viagem da história iniciou-se com Moisés, ao longo do deserto, conduzindo o povo de Israel até a terra prometida. Memorável jornada recheada de prodígios.



Nesse contexto, os povos sumérios talvez possam ser considerados o ‘elo perdido’ do Turismo Moderno.

É no contexto de surpreendentes viagens que surgem as rotas comerciais. Na Idade Antiga, a invenção da moeda pelos sumérios (Babilônia) e o desenvolvimento do comércio por volta de 4.000 a.C. marcam provavelmente o início da era moderna das viagens. Os sumérios abraçaram primeiro o dinheiro e o utilizaram em transações comerciais. Inventaram ainda a escrita e a roda, e são considerados por alguns como os criadores das viagens. A partir dos sumérios, os homens poderiam pagar pelo transporte e pela acomodação com dinheiro ou pela barganha de mercadorias. O comércio dava-se, então, em boa parte por meio de viagens (BARBOSA, 2002, p.14). Cabe lembrar que, “a invenção da roda pelos sumérios foi um marco importante no desenvolvimento dos transportes, possibilitando ao homem viajar transportando uma quantidade bem maior de produtos, utilizando engenhos que diminuía a necessidade de esforços físicos” (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002, p.17).

Em suas reflexões, Barbosa (2002, p.13) afirma que a Idade do Ferro - momento em que a sociedade, necessitando de metais para criação de armas e utensílios, sacrifica sua autossuficiência e se vê obrigada a depender da atividade comercial - foi decisiva na história das viagens. “A Idade do Ferro seria a encarregada de consolidar o comércio e, com ele, a atividade de viajar” Bermudez (1997, p.36 *apud* BARBOSA, 2002, p.13). Nas leituras que percorrem os antecedentes das viagens e do turismo, não se pode ignorar a “importante contribuição que sumérios, fenícios, persas e outros povos tiveram para o seu desenvolvimento”, como afirmam Yasoshima e Oliveira (2002, p.17). Contudo, apontam que “na antiguidade Clássica o maior destaque deve ser dado para a Grécia e Roma, pelo conjunto de fatores importantes e pelo grande papel que esses dois povos tiveram na organização das viagens e dos meios de transportes”. Essa análise se deve às ações planejadas nesse período, no sentido de garantir infraestrutura eficiente que possibilitaram longos deslocamentos, como estradas, viadutos e pontes.

As viagens sempre tiveram como pano de fundo a busca pelo conhecimento e, em outra face, a busca pela elevação espiritual. Contudo, a motivação das viagens variou conforme os contextos históricos em que elas ocorreram. No século II a.C, as viagens de lazer, viagens de estudos e participações em festivais no Império Romano dão seus primeiros sinais. Já no século II d.C, têm início as peregrinações para Jerusalém, especialmente com a construção da Igreja do Santo Sepulcro (326). Após o fim do Império Romano, século V, e o início da Idade Média, a defesa de lugares considerados sagrados, as Cruzadas, e a fé alimentada pela Igreja Católica motivaram grandes deslocamentos de peregrinos na busca pela remissão dos pecados. Já no século VI, ganham destaque as peregrinações de cristãos (romeiros) para Roma. As viagens à Grécia para se assistir aos Jogos Olímpicos marcam o século VIII a.C.

Rotas de peregrinações Celtas e, posteriormente, Romanas, por exemplo, esculpiram na Europa espectros de devoção e veneração ao sol e, em outros momentos pontuando os principais centros de peregrinação cristã, a par de Roma e Jerusalém, como no caso dos **Caminhos de Santiago**. O século IX, marca a história das viagens com a descoberta da tumba de Santiago de Compostela como início das peregrinações na Espanha. Nesse contexto, ganha destaque a criação da irmandade dos trocadores de moedas. A partir daí, no século XII, Aymeric Picaud escreve um roteiro de viagem da França a Santiago de Compostela (1140). No contexto da Idade das Trevas, as viagens com finalidade de lazer e turismo foram profundamente abaladas. O nomanismo era um traço marcante da sociedade medieval, pelo menos até o final do século XVII, herdado dos antepassados germânicos, reforçado pelo modo de vida e pela ausência de estruturas e de outras barreiras que ancorassem firmemente o homem ao seu lar ou à sua ‘pátria’(BARBOSA, 2002, p. 21).

É no contexto do Renascimento do século XII, episódio socioeconômico da Idade Média que marca toda a sociedade européia, especialmente, a partir da renovação da vida urbana em meio ao avanço das técnicas, da rees-



Sendo assim, podemos refletir sobre um possível marco histórico do planejamento turístico, cujas origens se assentariam nas primeiras viagens greco-romanas.



Caminhos de Santiago:

São as rotas percorridas pelos peregrinos que chegam em grande quantidade a Santiago de Compostela. Os caminhos espalham-se por toda a Europa. O Caminho de Santiago entrou na história há doze séculos, quando foram encontrados os restos mortais do apóstolo São Tiago, ou Santiago, na que hoje é a cidade de Santiago de Compostela. A cidade de Santiago de Compostela foi declarada “Patrimônio da Humanidade” pela UNESCO em 1985, e o Caminho de Santiago foi declarado “Conjunto Histórico-Artístico em 1962 e, reconhecido pelo Conselho da Europa como “Primeiro Itinerário Cultural Europeu” em 1987 por estar repleto de marcos arquitetônicos (romântico, gótico, barroco e neoclássico).

truturação do comércio e do surgimento da burguesia enquanto grupo social, que se ampliam os fluxos para as cidades, quer sejam motivados pelo crescimento comercial, quer seja pela insurreição campestre com a consequente quebra das relações feudais. Em meio ao intenso processo de transformação das cidades, novas dinâmicas vão se acentuando. Nesse contexto, intensificam os serviços de hospedagens temporárias. Posteriormente, no século XIII, em Florença, anuncia-se uma possível organização da cadeia de hospedagens, com o surgimento do primeiro grêmio de proprietários de pousadas em 1282. Após as várias guerras religiosas em que se misturaram conflitos religiosos, políticos e dinásticos, a França marcada por rastros de mal-estar social, no final do século XV, havia superado as divisões territoriais de seu passado feudal e transforma-se numa monarquia nacional que incorporava grandes porções territoriais.

Em meados do século XVI, marcado por inúmeras guerras civis de cunho religioso, provocadas pela expansão do Protestantismo, a paz interna e o crescimento da economia passam a elevar a posição social dos grandes comerciantes, dos banqueiros e dos cobradores de impostos, enquanto a nobreza, dependente de receitas fixas e com as dívidas em aumento, via como a inflação ameaçava seu poder econômico e social. Nesse contexto, a França levanta-se para contestar a hegemonia europeia, o que culminou com a garantia à liberdade de consciência, restabelecendo a paz religiosa no país, desenvolvendo a prosperidade material e restaurando a autoridade real. Sanada a instabilidade interna, a França rapidamente se tornou uma forte potência europeia e ultramarina durante o século XVII. E aproveitando-se do forte crescimento da nação e a estabilidade interna, o país se insere numa época de glória militar, literária e artística, ao mesmo tempo que as instituições tradicionais fortaleceram-se no sentido de maior centralização. É nesse momento que o primeiro “tour” aparece no mundo, o chamado *Tourisme de France*, ou simplesmente *Tour de France*.

O *Tour de France* constituiu-se em um importante marco na história das viagens e do turismo. No momento em que a França se encontrava constituída como nação, cria-se no país um circuito nacional de turismo, para que franceses que ainda não estivessem envolvidos no ideário de unidade nacional, pudessem superar resquícios de mal-estar social que apregoassem uma suposta diversidade nacional. Nesse sentido, o país passa a incentivar a partir do circuito, viagens estudantis para que as pessoas conhecessem a França, isso é o *Tour de France*. Inicialmente ganhou caráter de viagens acadêmicas e posteriormente se transformou em viagens de lazer, de qualquer modo não perdendo seu caráter educacional. A explanação, a seguir, permite um esclarecimento sobre o significado da palavra Turismo e sua origem etimológica,

a palavra turismo teve sua origem no inglês *tourism*, originário do francês *tourisme*. Segundo Theobald (1997, p.6), etimologicamente, a palavra *tour* (francês) é derivada do latim ‘tornare’ e do grego ‘tornos’, significando um giro ou

um círculo. Ou ainda, o movimento ao redor de um ponto central ou eixo. O significado mudou no inglês moderno, passando a representar especificamente ‘um giro’. O sufixo ‘ismo’ (turismo) é definido como uma ação ou processo, enquanto o sufixo ‘ista’(turista) qualifica aquele que realiza uma determinada ação. Quando a palavra *tour* (francês) e os sufixos *isme* e *iste* são agrupadas, representam a ação de um movimento ao redor de um círculo (BARBOSA, 2002, p.67-68).

A Renascença, episódio histórico-cultural que se estende do século XIV ao XVI, se por um lado fortaleceu o *Tour de France*, por outro, permitiu sua expansão e nesse sentido, as viagens entre França e Itália se intensificaram no período. É nesse momento que se instaura mais um marco histórico do turismo, com o surgimento do primeiro hotel do mundo, o Wekalet-Al-Ghury no Cairo (Egito). Durante o Renascimento, o resgate aos valores clássicos passa a contribuir para o fomento às viagens de caráter cultural. No período Elisabetano, ápice da renascença inglesa, estudantes, filhos de nobres, burgueses e comerciantes empreenderam grandes viagens por toda a Europa. Nesse momento, o *tour* que surge como uma viagem educacional de tempo relativamente curto em um circuito que se inicia e finda no mesmo local, vulgariza-se entre a nobreza e passa a durar de seis meses a dois anos, e “abrange quando inteiramente realizada, os locais considerados de interesse turístico e cultural, na época, como Paris, Turim, Milão, Veneza, Florença, Roma, Nápoles, algumas zonas da Alemanha, dos países baixos e do Vale do Reno. Quando atingia esta dimensão, era designado por ‘*Grand Tour*’” (TOWNER, 1985, p.300-01). Cabe ressaltar que “todos os tipos de estudos geravam grande interesse nesse mundo que acabava de florescer. O humanismo científico enfatizava a busca do conhecimento imediato. Francis Bacon considerava o viajante de um *Tour* Elisabetano ou *Grand Tour* como um “mercador da luz” - experiência de um turista que vai ao exterior para alargar os conhecimentos” (BARBOSA, 2002, p.31). Nesse contexto, ao assentar sua motivação na busca de conhecimentos, arte, cultura, arquitetura antiga, arqueologia, entre outros, a Itália, berço do Renascimento, constituiu-se nesse período como centro das atrações britânicas.

Nesse período do Renascimento, uma importante contribuição para o desenvolvimento do turismo foi “o impacto do *Grand Tour* na história do gosto e do prazer pela praia” (BARBOSA, 2002, p. 41). Da necessidade higiênica na Grécia Antiga ao fanatismo visual despertado na elite romana, o mar tornou-se indulgência luxuriosa com a queda do Império Romano. Com o Renascimento, a busca por banhos medicinais ganha vigor, e garante o ressurgimento do termalismo. De acordo com Mourão (1992, p.1 apud REJOWSKY, 2002, p.44), o *termalismo* pode ser definido como “a permanência de pessoas doentes ou não, em localidades hidrotermais, climáticas e marítimas para fins de saúde, repouso e lazer”. Balneários e terapias ampliam o desejo pelo litoral. No mesmo contexto, a procura pelo clima e ar puro das montanhas para a cura da tuberculose que assolava a Europa torna comuns



A palavra “Tour” deu origem ao termo turista designando assim os que partiam em viagem cultural e educativa. No continente europeu a expressão era usada para identificar os britânicos que realizavam a dita visita, estando o termo tão associado a essa nacionalidade, que, quando Stendhal utilizou o neologismo, em 1838, na obra “*Les Memoires d’un Touriste*”, provocou escândalo, a medida que o aplicava a um comerciante francês. Simond, (1816) & Stendhal (1838) in Boyer (1999, p.38).

as viagens para residências campestres, também conhecidas como casas de campo, caracterizadas por momentos de vida bucólicos e encontros sociais que marcam o “movimento denominado *paisagismo*” (REJOWSKI, 2002, p. 50). É nesse momento que surge o *Montanhismo* que, se num primeiro momento ganhou expressão pelos fluxos de pessoas que buscavam tratamentos de saúde, posteriormente ganha força com o surgimento dos grupos alpinos e esportes de inverno.

O espírito romântico da arte e da literatura da época passa a despertar o fascínio pela natureza e, a partir daí, estimular o interesse pelos cenários das montanhas. “Não é de se estranhar, portanto, que a atração pela natureza, e não apenas pelas montanhas, tenha propiciado, em 1872, a criação do primeiro parque nacional do mundo” - Yellowstone Park, nos Estados Unidos com 2,2 milhões de acres de área selvagem (REJOWSKY, 2002, p. 50-51). “Assim, observa-se como certas viagens começavam a criar hábitos na população. Era o prenúncio do Turismo” (BARBOSA, 2002, p. 44).

No início da Idade Moderna, século XV, a economia europeia se depara com um descompasso entre a capacidade de produção e consumo. A baixa produtividade, a falta de alimentos para abastecer os núcleos urbanos, a falta de consumidores para a produção artesanal e o baixo poder aquisitivo dos trabalhadores rurais anunciavam um novo momento para as viagens e um novo aporte para o fenômeno turismo que se evidenciava. O comércio internacional europeu, baseado na compra de produtos orientais, caminhava para a estagnação, uma vez que os nobres estavam comprometidos pela crise do feudalismo. As riquezas acumuladas durante as Cruzadas escoavam para o Oriente, culminando na escassez de metais preciosos na Europa. Era preciso explorar novos mercados consumidores, que fornecessem alimentos, metais preciosos a baixo custo e mão de obra escrava, posteriormente especiarias e terras. Como consequência da crise de crescimento da economia europeia, inicia-se o período das grandes navegações para além do desconhecido. As viagens ultramarinas passaram por grandes progressos, à medida que encontraram na invenção da bússola, do astrolábio, das caravelas e no avanço da cartografia, técnicas de navegação aprimoradas, permitindo a descoberta de novas rotas comerciais. Essas viagens ao desconhecido alimentaram a descoberta de novos mundos e nessa empreitada destacaram-se Espanha e Portugal. A sede por trigo, ouro, escravos e especiarias orientais se confundia com estratégias militares, ações diplomáticas e o espírito de evangelização. De qualquer modo, a experiência das viagens estava renovada e o fronte do turismo ganhava vigor nas empreitadas e intercâmbios.

A corrida pela prata e pelo ouro, desencadeada a partir dos feitos, culminaram com o surgimento de novos processos socioculturais que facilitaram o intercâmbio de pessoas e mercadorias. No caso do Brasil, a corrida do ouro, além de atrair milhares de pessoas do litoral para o interior, gerou, entre outras ocorrências, o crescimento da criação de gado no interior, por exemplo, em meio à formação da sociedade mineira a partir do Médio São Francisco que, posteriormente, viria a abastecer de carne e couro os centros de mineração que surgiam e davam formas às novas cidades no território

do atual Estado de Minas Gerais. Dos marcos históricos do século XVII, ainda ganha destaque o surgimento da belina (carruagem mais rápida de dois lugares) e da diligência (Frankfurt/Paris e Londres/Oxford duração 6 dias a 04milhas/hora), no mesmo contexto em que Theopharste Renaudot (1630) abre o primeiro escritório de viagens do mundo e cria a primeira publicação especializada do ramo, o *La Gazzete*.

Na medida em que a Revolução Industrial anuncia o domínio do ferro e do carvão, da máquina a vapor e da mão de obra, promovendo o crescimento da indústria têxtil e, concomitante a isso, facilitando o transporte de mercadorias e pessoas, uma nova ordem se instaura para as viagens e para o turismo. Em meados do século XVIII, as mudanças provocadas pela revolução industrial começaram a contribuir para o estabelecimento do turismo tal como é conhecido na atualidade. A Revolução Industrial foi causa de grandes mudanças sociais, entre elas a criação de uma classe média, a expansão do transporte de superfície, o aumento do tempo livre, o surgimento dos primeiros hotéis urbanos, a procura das viagens recreativas, o grande crescimento no número de balneários e clubes sociais, declinando em popularidade as grandes viagens de elite.

Entre os marcos históricos que participam desse contexto, temos: a fundação do Clube dos Dilettanti em Londres, reunindo ex-viajantes à Itália em 1734, a fundação do primeiro hotel familiar em Convent Garden na Inglaterra em 1774, o registro da existência de 40.000 ingleses visitando o continente em 1778), a fundação da Agência Cox & Company, por Richard Cox em 1778, transformada posteriormente em Cox & Kings, ainda em funcionamento em 1995, o surgimento do Sleeping car (carro leito) nas ferrovias e criação da Wagon List por Georges Nagelmackers no mesmo ano.

2.2 Desenvolvimento do Turismo Moderno: Séculos XIX e XX

Devido às mudanças estruturais ocorridas na Europa ocidental e central, a exclusividade das viagens deixou de pertencer à aristocracia para incluir todos aqueles que tinham enriquecido através do grande comércio nacional e internacional e da produção industrial. O fato mais marcante foi o desenvolvimento do transporte ferroviário e da navegação a vapor. James Watt foi o responsável pelo desenvolvimento da máquina a vapor que despertou a curiosidade no inventor britânico Richard Trevithnick, em 1801, que “desenvolveu um modelo de máquina sobre rodas que gerava energia suficiente para se mover, sendo chamada de “locomotora”. Mas deve-se a George Stephenson a invenção do trem” (REJOWSKY, 2002, p. 42).

Em 1814, esse jovem fascinado por máquinas construiu um motor para puxar vagões dentro de uma mina de carvão. Oito anos mais tarde inteirou-se de um projeto que buscava estabelecer uma estrada entre Stockton e Darlington. Foi então que mostrou seu invento a capitalistas e os convenceu

de que a sua máquina poderia substituir os cavalos e arrastar 34 pequenos veículos, carregados de carvão, farinha e passageiros. O primeiro trem desenvolveu uma velocidade de 48 Km/h e arrastou nove toneladas. Esta foi a primeira vez que um motor a vapor arrastou um trem transportando passageiros sobre uma via férrea pública (REJOWSKY, 2002, p.42-43).

As ferrovias se espalham rapidamente por toda a Europa, Estados Unidos e Colônias, contudo, apesar da expansão das ferrovias e do crescimento das empresas do setor, surgia um problema: a complexidade dos horários e tarifas e o número limitado de acomodações econômicas passaram a colocar em risco o desenvolvimento da atividade turística.

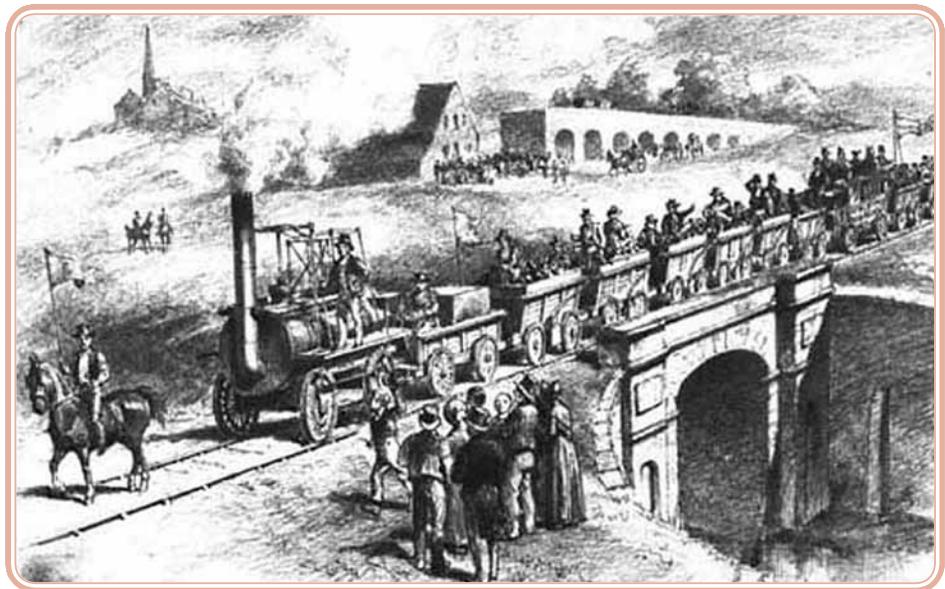


Figura 5: 1825 - É inaugurada na Inglaterra a Stockton and Darlington Railway, considerada a primeira linha férrea do mundo.

Fonte: Disponível em <<http://folkusitania.heavenforum.org/t1009p195-o-topico-das-efemerides>>, visitado em junho de 2011.

É no cenário de mudanças do século XIX que, diante da necessidade de novos empreendimentos que dessem às viagens conotações de úteis e prazerosas, surge a figura de Thomas Cook. Foi ele quem “estabeleu as bases do turismo, sendo considerado por vários estudiosos (ACERENZA, 1986; FUSTER, 1974) como o primeiro operador profissional, o fundador das agências de viagens, ou ainda, o pai do Turismo Moderno”. (REJOWSKY, 2002, p. 53). Aproveitando as oportunidades de mercado que surgiam, Thomas Cook, considerado o primeiro agente de viagens do mundo, resolveu fretar um trem com tarifas reduzidas, o que aumentaria a demanda pelas viagens. Em sua versão moderna, surgiu na metade do século XIX quando, em 1841, Thomas Cook organizou uma viagem para levar um grupo de 570 passageiros para participarem de um congresso em Longborough, Inglaterra. Esse acontecimento, praticamente, marca o início da época moderna do turismo e o surgimento dos grupos organizados com fins lucrativos Dias (2003, p.10).

Ao refletirmos sobre a contribuição de **Thomas Cook** para o desenvolvimento do Turismo, tal como conhecemos hoje, Rejowsky (2002, p. 67) afirma que Cook, comparado aos tantos pioneiros notáveis que participam da história do turismo, “merece uma menção especial diante de sua real contribuição para a integração e cooperação entre todos os segmentos envolvidos na viagem turística. A sua trajetória na exploração e operação de *Tours* só foi possível na medida em que segmentos de natureza diversa uniram-se para a sua realização - uma rede de cooperação, integração e interdependência”. Cabe lembrar que, nesse contexto, a incorporação da máquina a vapor aos trens e barcos, garantindo maior velocidade, comodidade, capacidade de carga, facilidade de acessos, e redução nos custos das viagens, permitiram a ascensão de um novo tipo de viajante, a classe média crescente que até então cedia lugar à aristocracia.

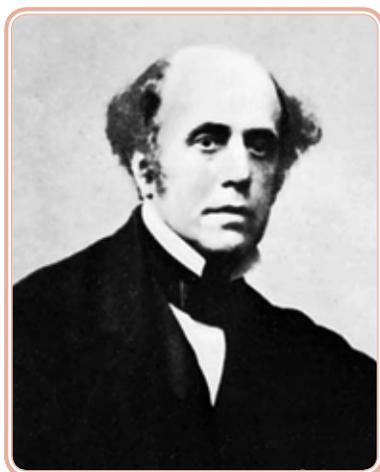


Figura 6: Thomas Cook.

Fonte: Disponível em <http://1.bp.blogspot.com/_J1am0ncA-HQ/Sj8OKRaSn6I/AAAAAAAAABs/pTWmQBbYpZE/s1600-h/thomas.jpg> , visitado em junho de 2011.

Conforme demonstra Pereira, (2005, p.112-113), no século XIX, a Europa foi palco de importantes iniciativas de reconhecimento de territórios além-mar, na forma de viagens de estudo organizadas por associações científicas e comerciais, ou expedições militares. Ganham destaque as sociedades geográficas, formadas a partir da década de 1820 e de grande expansão entre 1870 e 1890, no início da era imperialista. Assim, passaram a ser facilmente percebidas as interfaces entre viagens de exploração, modelos de conhecimento e autonomização do saberes, especialmente do saber geográfico, tendo como referência as Sociedades Geográficas, que tiveram importante papel na conformação e legitimação dos saberes sobre regiões desconhecidas. No Brasil, as circunstâncias históricas, deram origem a duas dessas instituições de âmbito nacional separadas no tempo por quase meio século: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) fundado em 1838 com a missão de construir as bases da identidade política, social e territorial do Império e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (SGRJ) fundada em 1883 na então capital do Império.



Thomas Cook estabeleceu as bases do turismo, sendo considerado por vários estudiosos como o primeiro operador profissional, o fundador das agências de viagens, ou ainda, o pai do Turismo Moderno. É considerado o primeiro agente de viagens do mundo, resolveu fretar um trem com tarifas reduzidas, o que aumentaria a demanda pelas viagens.



Observe que o desenvolvimento do turismo está diretamente relacionado aos processos de inovação tecnológica, especialmente no universo dos transportes, mola propulsora dos deslocamentos modernos.

Na Europa, a remuneração do tempo livre se torna realidade. A evolução do Turismo no século XIX marca a história das viagens organizadas, planejadas - os pacotes turísticos. Movimentos como o *Termalismo*, o *Cassinismo*, o *Paisagismo*, o *Montanhismo*, o crescente número de estações balneárias e os grandes fluxos destinados às estações termais, o surgimento de empresas turísticas, a fundação de clubes e associações, os grandes eventos, a evolução nos transportes ferroviários, hidroviários e aéreos, o surgimento dos trens de luxo e dos cruzeiros marítimos, hotéis ferroviários e hotelaria de luxo, o requinte dos restaurantes, a categoria dos guias de viagem, a competitividade de mercado entre agências de viagens, entre outras ocorrências que indiretamente influenciaram o Turismo, definiram as marcas e sinalizaram o advento de uma nova era, que se consolida cada vez mais em pleno século XXI. Sob a ótica dos transportes, é interessante observar que o advento das ferrovias foi considerado como uma melhoria à paisagem, sendo que as mesmas eram muito bem-vistas na época; a paisagem era vista e referenciada através do trem, não havendo ainda o conflito entre o desenvolvimento e a conservação dos recursos naturais.

O Turismo no século XX, seguindo a trajetória do final do século XIX, inicia o abandono de algumas expressões e características fundamentais para sua consolidação como importante dinâmica mundial. Sua nova face é dada por grandes fluxos internacionais, caracterizados por um tipo de consumo diferenciado, cada vez mais segmentado e acessível. Surge a primeira linha aérea na Flórida, a St. Ptersbug-Tampa da AirBoat Line e, os primeiros organismos nacionais e internacionais de regulação da atividade turística, as necessidades se transformam, a motivação e o desejo se ampliam a partir da oferta crescente.

O início do século é marcado por uma timidez que se esbarra na Primeira Guerra Mundial (1914-1919), contexto caracterizado pela interrupção dos fluxos turísticos em face da deflagração e evolução do conflito, pela adoção do passaporte pelo governo inglês em 1915 e, demonstração pela guerra, da importância do automóvel. No período Entre Guerras (1919-1939), uma nova ascensão do turismo é interrompida parcialmente pela depressão econômica de *Wall Street* (1929-1931). No mesmo ano da quebra da Bolsa de Nova York, ocorre a instalação do primeiro *Free Shop* no Aeroporto de Amsterdã. É nesse contexto que surgem as férias remuneradas.

Novamente se tem uma paralisação do fluxo turístico, mediante a ocorrência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, considerando-se que se tratou de um conflito com maiores proporções do que o anterior, foi necessário um período pós-guerra de cinco anos para que os fluxos turísticos retomassem seu crescimento. “Até 1949, apesar de ter sido curto o período de paz e prosperidade, recupera-se continuamente e consolida as bases para a implantação do Turismo de Massa. Esse é, portanto, um período de transição, preparando o turismo para enfrentar grandes transformações e desafios nos dois primeiros períodos seguintes”, (REJOWSKY, 2002, p. 112), a explosão do turismo massivo de 1950 a 1973 e os últimos decênios do século XX, de 1974 a 2000.

À medida que o período de 1900 a 1949 é marcado por uma transição entre crescimento e interrupção de fluxos, o cenário se altera com grandes mudanças a partir de 1950, quando se dá início à operação dos aviões a jato, disseminação automobilística e melhoria da comunicação. É na década de 60 que deparamos com o surgimento das primeiras operadoras oferecendo excursões turísticas. O ano de 1969 marca a história das viagens espaciais, com a épica viagem da nave Apollo 11, momento em que o americano Neil A. Armstrong, se torna o primeiro homem a pisar em solo lunar, o que motivou, por exemplo, em 2001, o milionário americano Dennis Tito a se tornar o primeiro turista espacial da história ao visitar a Internacional Space Station (ISS) após desembolsar vinte milhões de dólares para a Space Adventures, primeira empresa especializada em levar turistas à órbita da Terra.

Até 1973, o *boon* do Turismo do século XX, também denominado por alguns autores como Turismo Social, ou Turismo Popular que, segundo Boullon, (1999, p.15), “por comodidade, é chamado de Turismo de Massa”, carrega em si grande euforia relacionada à prosperidade econômica e ao desenvolvimento de destinos e atrações, num cenário de grandes mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais. Ao mesmo tempo, o Turismo começa a apresentar suas contradições quando manifesta os primeiros sinais de uma atividade exploratória, imprudente e degradante diante de sua própria matéria-prima, o meio ambiente, entretanto, nesse período, sua interferência ainda é tênue.

Contudo, é a partir de 1974, momento do ingresso na era Jumbo, quando entra em operação o avião Concorde percorrendo o trecho Paris-Nova York em apenas três horas e, quando navios se transformam em destinos turísticos, diante de um mundo avesso ao cenário até então conhecido, que o Turismo, em meio a dinâmicas de constantes transformações, se depara com duas forças que passam a disputar o debate mundial: a sustentabilidade e a globalização. De um lado, o conceito de Desenvolvimento Sustentável sendo cunhado pelo Movimento Ambientalista Mundial, considerando que é preciso “satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer as necessidades das gerações futuras” Brundtland (1992), de outro, as grandes potências impondo a quebra de barreiras entre os povos, entre as economias, entre os mercados, especialmente impondo uma lógica economicista no sentido de fomentar a criação de blocos econômicos.

Nesse momento, o Turismo, acompanhando uma euforia desenvolvimentista que já dava prenúncios de fracasso do modelo de desenvolvimento até então adotado, a partir de um acelerado processo de degradação ambiental desencadeado e dos reflexos gerados pela insustentabilidade social, especialmente nos países em desenvolvimento, passa a se inserir numa nova lógica, a do desenvolvimento sustentável, a fim de reverter suas contradições.

No século XX, o turismo imprimiu significativas marcas na história da civilização. Melhorias no padrão de vida, otimização dos transportes, linhas aéreas comerciais, aumento da segurança e salubridade, férias pagas e tempo livre tornaram as viagens internacionais situações comuns, tinha-se então uma verdadeira “indústria de lazer”, elementos que (KRIPPENDORF,

1989, p.18) irá chamar de ciclo de reconstituição do ser humano na sociedade industrial. Se por um lado o Turismo constatava, no fim do século XX, o estabelecimento da paz mundial, por outro dava luz ao caos organizado que passou a caracterizar as viagens de lazer.

2.3 Turismo: aspectos conceituais

Como vimos anteriormente, a evolução histórica do turismo apresenta uma grande variedade de episódios que definiram os contornos e características da atividade como a conhecemos hoje. Do ponto de vista mais genérico, o turismo não surge como um fato isolado na sociedade, mas como o resultado de permanentes transformações sociais, econômicas, culturais, políticas, ambientais e tecnológicas. Nesse processo, várias proposições foram feitas a fim de conceituar a referida atividade e assim tentar traduzir o que de fato veio a se tornar o turismo depois de tantos fatos marcantes na história das viagens.

Cada autor lança um olhar, de algum modo particularizado, sobre a história e sobre o comportamento da sociedade frente às dinâmicas que percorrem a história das viagens e, conseqüentemente, a história do turismo. É claro que cada observação traz um elemento característico do fenômeno, contudo o objetivo maior passa pela tentativa de traduzir a partir de um conceito o que realmente é expressivo no turismo para fins de ampliar o entendimento e debate sobre o importante tema. Isso anuncia a possibilidade, por exemplo, de se construir políticas públicas mais direcionadas para o setor, de formatar um arcabouço teórico mais denso para a construção do turismo como ciência, de ampliar as perspectivas econômicas da atividade e também de aprimorar a atividade como uma ferramenta de desenvolvimento.

No caso específico desse curso, uma leitura acerca da história das viagens e das construções conceituais sobre o turismo mostra-se importante, especialmente quando se propõe refletir sobre as interfaces e possibilidades entre turismo, ambientes rurais e ecologia. A leitura conceitual, neste momento, permite-nos um melhor entendimento sobre a nova ordem que passa a imperar no turismo a partir de seu crescimento, bem como seus reflexos diante do princípio da sustentabilidade e a proposta para assimilação de um novo período no setor anunciado pela segmentação de mercado, tema que estaremos debatendo nos próximos capítulos.

O conceito de Turismo pode ser estudado de diversas perspectivas e disciplinas, dada à complexidade das relações entre os elementos que o formam. Existe ainda um debate aberto para se chegar a um conceito único e padrão que reflita uma definição universal. Contudo, o Turismo já não mais carece de uma forte base conceitual e teórica, os estudos procuram, cada vez mais, analisar o processo de modo sistemático e abrangente. Quando se trata do ambiente teórico do turismo, vários autores observam uma preocupação acerca, por exemplo, do debate sobre o turismo ser ou não considerado uma ciência. Além disso, também questionam sobre qual seria

o seu estágio de desenvolvimento nesse momento da história e, nesse caso, avaliam se poderia ser imaginado em processo de cientifização.

Devido à relativa juventude do turismo como atividade socioeconômica em geral e a seu complexo caráter multidisciplinar, percebe-se que há uma variedade de conceitos, nem sempre claros ou precisos a ponto de delimitar a atividade turística e distingui-la de outros setores. De acordo com Sancho (2001, p. 35), “existe um amplo debate acadêmico sobre o que é exatamente o turismo, o que originou múltiplas definições. Nesse sentido, cabe afirmar que não existe definição correta ou incorreta, uma vez que todas contribuem de alguma maneira para aprofundar o entendimento do turismo”. Ao refletir sobre essa condição, Beni (2001, p. 39) aponta que, o complexo modo como o Turismo se encontra ligado a quase todos os ramos da atividade social humana constitui a principal causa da ampla variedade conceitual que participa em seu bojo teórico, todos eles válidos enquanto se circunscrevem aos campos em que é estudado. Segundo ele,

não se pode dizer que esse ou aquele conceito é errôneo ou inadequado quando se pretende conceituar Turismo sob uma ótica diferente, já que isso levaria a discussões estéreis. Essas poriam justamente em evidência as limitações conceituais existentes sobre o fenômeno. Por isso, a conceituação do Turismo não pode ficar limitada a uma simples definição, pois que este fenômeno ocorre em distintos campos de estudo, em que é explicado conforme diferentes correntes de pensamento, e verificado em contextos vários da realidade social (BENI, 2001, p. 39).



Figura 7: Turistas a bordo do Vapor Benjamim Guimarães na cidade de Pirapora-MG durante passeio pelo Rio São Francisco.

Fonte: Acervo do autor.

O turismo e o lazer constituem importantes dimensões das relações humanas. Enquanto motivações do lazer e para o lazer, o turismo permite a manifestação de interesses subjetivos e objetivos do ser humano, envolvendo necessariamente a relação entre pessoas e seu ambiente sociocultural e ecológico.

Essa complexa teia de interesses (necessidades/desejos) humanos constitui-se em fenômeno constantemente mal compreendido e caracterizado na maioria das vezes sob rótulo econômico. Embora reconheça que o aspecto econômico seja freqüentemente utilizado em diversas abordagens conceituais para caracterizar o lazer e o turismo no contexto da expansão da economia mundial, não acredito que só a análise e classificação dos seus efeitos econômicos sejam suficientes para compreender suas múltiplas expressões na sociedade contemporânea (PEREIRA, 2004).

O entendimento dos efeitos causados pelo Turismo e a sua complexa malha de atividades devem permear todas as esferas da sociedade, bem como, pretensiosamente, participar de todas as reflexões científicas que dizem dele. Na medida em que se procura estabelecer relações e possibilidades de incorporação da dimensão de outros setores da sociedade, o turismo também destaca a necessidade de um diálogo mais real entre as ciências, já que elas fornecem elementos essenciais para o amadurecimento das reflexões conceituais que o permeiam. Em seus trabalhos, Beni (2001, p.37) tem conceituado Turismo como um,

processo elaborado e complexo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Neste processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza emocional, econômica e cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a função tanto material como subjetiva de sonhos, de desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico e profissional e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos.



Figura 8: Turistas fazendo Rapel.

Fonte: Disponível em http://www.turismo.gov.br/turismo/multimedia/galeria_imagens/pelo_brasil.html, visitado em junho de 2011.

Para a **Organização Mundial de Turismo (OMT)**, “o turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócio ou outros” (SANCHO, 2001, p. 3). A definição adotada pela Associação Internacional de *Experts Científicos de Turismo (AIEST)* entende o turismo com um “conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa” (MOTA, 2001, p. 42). Ao explicitar algumas abordagens de Jafar Jafari, Beni (2002, p.36) afirma que ele dá uma definição holística de Turismo, quando aponta o Turismo como sendo “o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sócio-cultural da área receptora”. Em contribuição, temos,

O turismo como um ramo do saber dos serviços, vende sonhos e imagens que na Geografia podem ser traduzidos pelas categorias de análises do espaço, lugar, paisagem, território e região. Essas categorias de análises da Geografia podem ampliar os seus conceitos de forma dialética no tempo e no espaço. No Turismo verificam-se novas ‘visões’ das ‘releituras’ espaciais. Ampliam-se nas categorias novos valores ambientais, culturais e econômicos (SILVA e SALGADO, 2004, p.29).

Vimos no começo desta aula que o turismo em sua versão moderna encontra seu marco histórico na metade do XIX, em 1841, quando o empreendedor Thomas Cook marca o início da Era do Turismo, a partir da organização de grupos de turistas com o objetivo de se obter lucro. Nesse sentido, Dias (2003, p.10) aponta que “no restante do século XIX, esses deslocamentos acentuaram-se, primeiramente dentro de seus próprios países (turismo interno); posteriormente, cresceu o turismo internacional”.



A Organização Mundial de Turismo (OMT) é uma agência especializada das Nações Unidas e a principal organização internacional no campo do turismo. Funciona como um fórum global para questões de políticas turísticas e como fonte de conhecimento prático sobre o turismo. Sua sede é em Madri, Espanha. Em 2009, a OMT conta como membros 154 países, 7 territórios e mais de 300 Membros Afiliados, representando o setor privado, instituições educacionais, associações e autoridades locais de turismo. Visite o site da OMT e conheça um pouco mais sobre suas atividades no link <http://unwto.org/es>

Assim, percebemos que o turismo no decorrer do século XIX, e principalmente do XX, cresceu como fruto da Segunda Revolução Científico-tecnológica, a Revolução Industrial, com o advento da máquina a vapor, conforme apresentado no início desta leitura, caracterizada por um complexo de mudanças econômicas e sociais, e recebeu no final do século XX significativo impulso, a partir da considerada Terceira Revolução, ou Revolução do Conhecimento.

Ao refletir sobre o contexto, Dias (2003, p.14), afirma que “a comunicação e a informação ao lado de outros processos como o aumento da produtividade humana, provocam como efeito imediato diminuição da jornada de trabalho, e aumento do tempo livre”. Esse tempo incentivou e incentiva enorme contingente de pessoas a incorporar o turismo como uma necessidade vital que influencia a qualidade de vida e como resultados as viagens internacionais cresceram na Segunda metade do século XX, conforme pode ser visto na Tabela 2.

Tabela 2: Movimento de turistas a partir de 1950.

Ano	Chegada (milhões/viagens)
1950	25,2
1960	69,3
1970	165,8
1980	286,2
1990	459,2
1995	563,6
2000	696,8

Fonte: (DIAS, 2003, p.15).

Os dados acima, da Organização Mundial de Turismo (OMT), comprovam um crescimento extraordinário no período de 1950 a 2000, em que os deslocamentos internacionais passaram de 25 a 696 milhões por ano, representando uma taxa de crescimento aproximado de 5% ao ano. As projeções da OMT para 2010 apontavam para mais de um bilhão de pessoas viajando entre países, número que sobe no ano de 2020 a 1,5 bilhões de viajantes internacionais. Segundo dados preliminares, “foram realizadas em 2002, 715 milhões de viagens internacionais, que representam um aumento de 22 milhões em relação a 2001. Esses números indicam que dois milhões de pessoas cruzam as fronteiras diariamente para fazer turismo” (OMT, 2009, p.15).

Em termos geográficos, uma diferença fundamental entre o turismo e as outras formas de lazer, como aquelas praticadas em casa (por exemplo, ver televisão) ou dentro de um perímetro urbano (por exemplo, freqüentar a piscina do clube local), é o componente “viagem”. Alguns autores empregam um critério de distância mínima para a viagem, mas em geral se considera o turismo como uma atividade que inclua no mínimo um pernoite fora do local de residência permanente. E ocorre que esses atributos de viagem e estada em turismo, por sua vez, originam diversas demandas por serviços que podem ser prestados por diferentes setores da indústria do turismo, razão pela qual também em termos econômicos e comerciais o turismo pode se diferenciar de outros tipos de atividades de lazer (PEARCE, 2003, p.25).

O fenômeno turismo tradicionalmente é apresentado envolvendo categorias de lazer por meio da valorização do ócio, das atividades de prazer e de belas paisagens. No mesmo sentido, tem sido apresentado como solução para entraves ao desenvolvimento econômico das regiões, sem prejuízo para o meio ambiente. Isso ocorreria a partir da implantação de infraestrutura turística via recursos, em geral, financiados pelo Estado, propiciando geração de empregos permanentes para a população das localidades. Almeida (2003) traz provocações importantes para nossas reflexões, quando afirma que,

O turismo apresenta-se como um fenômeno inerente ao espaço geográfico. Ele, em suas atividades, (re)cria, inventa novas formas, funções, processos e ritmos, dinamizando os lugares, as paisagens, os territórios, as regiões (...) enfim, o próprio espaço, numa simbiose entre o particular e o universal, o local e o global. Assim, ao mesmo tempo em que ele provoca a leitura de suas marcas e impressões, ele desafia a compreensão e o entendimento de sua dinâmica.

A maioria das análises que encontramos tem enaltecido o turismo, apontando, apenas, para uma das faces da realidade que se altera, em virtude do ideário de desenvolvimento capaz de transformar a vida dos lugares e das pessoas, sem, no entanto, dar visibilidade às contradições que o turismo carrega em suas dinâmicas. Dessa maneira, ficam os questionamentos: para quem serve a cultura do turismo? O turismo transforma as realidades “atrasadas” dos lugares, tornando-os modernos? Quem ganha e quem perde com o turismo, considerando sua expansão no contexto do controle capitalista sobre os modos de vida? Quem de fato quer o turismo? Para quem serve o turismo? Ao viajar pela construção conceitual do turismo, Moesch (1997 *apud* BENI, 2001, p. 41) afirma que o Turismo,

constitui-se num fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico para os sujeitos que o praticam. O sujeito turístico consome o turismo, por intermédio de um processo tribal, de comunhão, de realização, de testemunho, em um espaço e tempo tanto real como virtual, desde que possível de convivência, de presenteísmo. O valor simbólico perpassado pela comunicação táctil desse fenômeno, reproduz-se, ideologicamente, quando os turistas comungam os sentimentos, reproduzidos pela diversão, e quando há possibilidade de materialização do imaginário, por vezes individual em societal.



Apesar de alguns autores usarem o termo “Indústria do Turismo”, o turismo não pode ser considerado uma indústria visto que situa-se no setor terciário da economia. É, portanto, uma atividade de prestação de serviços.

O desenvolvimento sustentável altera substancialmente todos os pressupostos do atual modelo de desenvolvimento econômico, inclusive da “indústria do turismo”, assim considerada por alguns estudiosos, sobremaneira na regulação dos padrões de consumo, estilos de vida, e de um aglomerado de funções produtivas. Em suas considerações Sampaio (2001, p. 30) afirma que “a temática turismo, de certo modo, vem sendo discutida ora como uma atividade tipicamente econômica (muitas vezes confundida com a terminologia indústria do turismo), ora como uma atividade econômica-sócio-ambiental (turismo sustentável)”.

A terminologia indústria do turismo, certamente de fácil correlação com o projeto civilizatório industrial-tecnológico, transforma o adjetivo econômico, diferentemente dos seus pares - social e ambiental - em substantivo. Nessa vertente, se tem uma preocupação maior com o sujeito chamado turista e sua demanda por necessidades, do que com o objeto denominado população receptiva e sua oferta de bens e serviços. O turismo sustentável, invertendo os papéis entre sujeito e objeto, tem com premissa estudar os impactos da atividade turística na população receptiva, vista como sujeito, isto é: analisar interdisciplinarmente a comunidade impactada pela atividade turística, perpassando pelas ciências humanas, sociais e naturais (e não mais na visão duodisciplinar da economia e da administração), repensando as estratégias de um novo estilo de desenvolvimento no contexto da demanda social (SAMPAIO, 2001, p. 30).

A consciência planetária sobre ameaças embutidas no projeto da civilização industrial-tecnológica, ocorrida a partir de 1970, semeia as raízes do desenvolvimento sustentável. A partir daí, a expansão da rede de inter-relações homem-meio ambiente passou a ampliar novas formas de assimilação da realidade instalada com o sistema capitalista. Em meio aos diálogos que se evidenciaram em todo o mundo sobre o tema, o meio ambiente e a problemática ambiental passaram a participar suas várias acepções em núcleos de entendimento opostos. De um lado, a concepção conservacionista, primando pelo mito da natureza intocada, e de outro, o denominado novo naturalismo, valorizando a relação simbiótica entre homem e meio ambiente.

O conjunto de transformações que a sociedade experimentou nos últimos anos incidiu de maneira determinante na estrutura e no funcionamento do turismo. O desenvolvimento sustentável tem sido apresentado por vários estudiosos como o melhor caminho para se enfrentar os desafios da mudança global, apontando a necessidade de se atingir um claro entendimento sobre quais os riscos, vulnerabilidades e sensibilidades para se integrar sistemas econômicos eficientes e inclusivos, gestão ambiental prudente, mudanças culturais assentadas em processos pedagógicos transformadores e desenvolvimento social democratizado. Em sua compreensão, Moesch (2000, pg.09) aponta o turismo como,

uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, com síntese: o produto turístico.

É bem certo que o turismo, fruto das viagens, assim como outras atividades, modificou-se no transcorrer do tempo. Aperfeiçoou-se e agregou valores a seus conceitos e suas práticas, assumindo novas características frente a um mundo de permanentes transformações. Diversos modelos surgiram na tentativa de analisar e explicar as estruturas do turismo em cada uma de suas grandes fases: o pré-turismo, correspondente ao *Grand Tour*, o turismo industrial, e finalmente, o pós-turismo, considerado por alguns autores como um novo momento cuja construção ainda não estaria terminada.

Diante dos entendimentos aqui relacionados podemos perceber que o turismo apresenta uma história complexa com raízes profundas em importantes fatos da sociedade. Sua complexidade se dá especialmente porque suas dinâmicas não se ligam apenas às lógicas das viagens, mas a toda uma cadeia de infraestrutura, bens e serviços. O permanente esforço em conceituar a atividade, apesar de anunciar outros detalhes compreende que o eixo-base da atividade se assenta no tripé deslocamento, alimentação e hospedagem que dialoga diretamente com aproximadamente 50 setores da economia. A sua estrutura de funcionamento está baseada atualmente na demanda e oferta de produtos turísticos que são elaborados a partir da disponibilidade de tempo das pessoas, no aumento da renda e capacidade de consumo e, no desejo e motivação das pessoas em buscar cada vez mais novas experiências e conhecimentos mundo afora.

Na próxima aula iremos refletir sobre a importância do planejamento do turismo e da importância de trabalhar o turismo na perspectiva das redes de turismo.

Resumo

Nessa aula você aprendeu que:

- A busca por novas descobertas sempre foi principal motivação daqueles que definiram a história das viagens na humanidade. A curiosidade por novas culturas e novos lugares acompanha o homem em desde sua história primitiva.
- Que na Idade Antiga, a invenção da moeda pelos sumérios (Babilônia) e o desenvolvimento do comércio por volta de 4.000 a.C. marcam provavelmente o início da era moderna das viagens. Os sumérios abraçaram primeiro o dinheiro e o utilizaram em transações comerciais. Inventaram ainda a escrita e a roda, e são considerados por alguns como os criadores das viagens.

- Que o *Tour de France* constituiu-se em um importante marco na história das viagens e do turismo. E que o termalismo, o paisagismo, o Cassinismo e o Montanhismo tiveram papéis fundamentais no processo de consolidação do turismo moderno.
- Que as viagens ultramarinas passaram por grandes progressos, a medida que encontraram na invenção da bússola, do astrolábio, das caravelas e no avanço da cartografia, técnicas de navegação aprimoradas, permitindo a descoberta de novas rotas comerciais. Essas viagens ao desconhecido alimentaram a descoberta de novos mundos e que assim a experiência das viagens estava renovada e o fronte do turismo ganhava vigor nas empreitadas e intercâmbios.
- Que na medida em que a Revolução Industrial anuncia o domínio do ferro e do carvão, da máquina a vapor e da mão-de-obra promovendo o crescimento da indústria têxtil e, concomitante a isso, facilitando o transporte de mercadorias e pessoas, uma nova ordem se instaura para as viagens e para o turismo. Nesse caso, sendo a Revolução industrial a causa de grandes mudanças sociais, ente elas a criação de uma classe média, a expansão do transporte de superfície, o aumento do tempo livre, o surgimento dos primeiros hotéis urbanos, a procura das viagens recreativas, o grande crescimento no número de balneários e clubes sociais, declinando em popularidade as grandes viagens de elite.
- Que Thomas Cook foi quem estabeleceu as bases do turismo, sendo considerado por vários estudiosos como o primeiro operador profissional, o fundador das agências de viagens, ou ainda, o pai do Turismo Moderno. E que a evolução do Turismo no século XIX marca a história das viagens organizadas, planejadas com os pacotes turísticos.
- Que a evolução histórica do turismo apresenta uma grande variedade de episódios que definiram os contornos e características da atividade como a conhecemos hoje. Do ponto de vista mais genérico, o turismo não surge como um fato isolado na sociedade, mas como o resultado de permanentes transformações sociais, econômicas, culturais, políticas, ambientais e tecnológicas. E nesse processo, várias proposições foram feitas a fim de conceituar a referida atividade e assim tentar traduzir o que de fato veio a se tornar o turismo depois de tantos fatos marcantes na história das viagens.
- Que o turismo no decorrer do século XIX, e principalmente do XX, cresceu como fruto da Segunda Revolução Científico-tecnológica, a Revolução Industrial, com o advento da máquina a vapor, caracterizada por um complexo de mudanças econômicas e sociais, e recebeu no final do século XX significativo impulso, a partir da considerada Terceira Revolução, ou Revolução do Conhecimento. Sua complexidade se dá especialmente porque suas dinâmicas não se ligam apenas às lógicas das viagens, mas a toda uma cadeia de infraestrutura, bens e serviços.
- Que o conceito de Turismo pode ser estudado de diversas perspectivas e disciplinas, dada à complexidade das relações entre os elementos que o formam. Devido à relativa juventude do tu-

rismo como atividade socioeconômica em geral e a seu complexo caráter multidisciplinar, percebe-se que há uma variedade de conceitos, nem sempre claros ou precisos a ponto de delimitar a atividade turística e distingui-la de outros setores.

- Que o permanente esforço em conceituar a atividade, apesar de anunciar outros detalhes compreende que o eixo-base da atividade se assenta no tripé deslocamento, alimentação e hospedagem dialogando diretamente com aproximadamente 50 setores da economia. Sendo a sua estrutura de funcionamento baseada atualmente na demanda e oferta de produtos turísticos que são elaborados a partir da disponibilidade de tempo das pessoas, no aumento da renda e capacidade de consumo e, no desejo e motivação das pessoas em buscar cada vez mais novas experiências e conhecimentos mundo afora.

Atividades de aprendizagem

1. Sobre o processo de evolução do Turismo podemos afirmar que:
 - a. Os Sumérios não tiveram um papel expressivo no processo de desenvolvimento das viagens;
 - b. As viagens ultramarinas significaram um retrocesso no processo constitutivo do turismo;
 - c. A Revolução Industrial comprometeu seriamente o desenvolvimento da atividade turística;
 - d. O *Tour de France* constituiu-se em um importante marco na história das viagens e do turismo.

2. Diante do que foi apresentado nessa aula, assinale a afirmação incorreta:
 - a. O turismo apresenta sua estrutura de funcionamento baseada atualmente na demanda e oferta de produtos turísticos que são elaborados a partir da disponibilidade de tempo, no aumento da renda e capacidade de consumo e, no desejo e motivação das pessoas;
 - b. Do ponto de vista mais genérico, o turismo não surge como um fato isolado na sociedade, mas como o resultado de permanentes transformações sociais, econômicas, culturais, políticas, ambientais e tecnológicas;
 - c. O conceito de Turismo não pode ser estudado de diversas perspectivas e disciplinas, dada à complexidade das relações entre os elementos que o formam;
 - d. A complexidade da atividade turística se dá especialmente porque suas dinâmicas não se ligam apenas às lógicas das viagens, mas a toda uma cadeia de infraestrutura, bens e serviços.

Aula 3 - Planejamento Turístico: as Redes e a Gestão do Turismo

3.1 Planejamento Turístico e Política Pública: nota introdutória

O planejamento e a gestão dos territórios, nos últimos anos, especialmente após as condições impostas pelos processos de globalização se apresentaram muito ligados às questões do Estado em que a atuação do poder público tem sido decisiva na gestão do fenômeno turismo. No setor privado, seus avanços têm motivado o próprio Estado a reconfigurar suas ações para estabelecer parcerias entre os setores já que os interesses de ambos têm convergido no turismo em vários aspectos. O turismo passou a ser reconhecido enquanto política pública importante tanto para o setor público quanto para o setor privado e, muito disso se deu por conta do dinheiro que passou a movimentar.

O turismo, muitas vezes mal compreendido tal como os impactos que exerce e apresentando difícil definição, dadas às características especiais de serviços e estrutura, é, conseqüentemente, cercado por problemas de análise, monitoramento, coordenação e elaboração de políticas. Além disso, até recentemente, a pesquisa de turismo e, notadamente, a análise das políticas públicas e planejamento turístico não eram consideradas prioritárias, uma vez que o setor e os governos em todos os níveis têm-se mostrado mais preocupados com a divulgação e os retornos de curto prazo do que com investimento estratégico e a sustentabilidade.

Dias (2003, p.121) define política pública,

como o conjunto de ações executadas pelo Estado, enquanto sujeito, dirigidas a atender às necessidades de toda a sociedade. Embora a política possa ser exercida pelo conjunto da sociedade, não sendo uma ação exclusiva do Estado, a política pública é um conjunto de ações exclusivas do Estado. São linhas de ação que buscam satisfazer ao interesse público e têm que estar direcionadas ao bem comum (DIAS, 2003, p.121).

No caso do Brasil, esse quadro tem mudado bastante, principalmente a partir da criação do Ministério do Turismo em 2003, e o desenvolvimento de ações de caráter descentralizador do **Plano Nacional de Turismo (PNT)**, promovidas pelo Governo Federal. Nesse contexto, a contribuição dada pelas pesquisas científicas e pelo trabalho acadêmico têm sido de fundamental importância para a construção desses processos. Todo e qualquer tipo de planejamento constitui um instrumento de poder significativo, principalmente em um mundo globalizado, pois ao permitir a decisão por uma alternativa



Assista o vídeo do Ministério do Turismo “Brasil Experimente” no link <http://www.youtube.com/watch?v=gDBZxnC9b0Q&feature=related>



Na próxima aula estaremos conhecendo um pouco mais sobre a Política Nacional de Turismo e sobre o Plano Nacional de Turismo do Brasil.

entre diversos cenários futuros apresentados, pode-se escolher aquele que mais condiz com a realidade em questão. Não diferente da maior parte dos países do mundo, o caso brasileiro, inserido no desenvolvimento dos meios de transportes e o acesso à informação, aderiu rapidamente à era do turismo de massa, deslocando milhões de pessoas anualmente.

São cada vez mais evidentes e numerosas as propostas de planejamento e gestão do turismo que, em casos ainda esporádicos, têm conseguido, a partir de avanços tecnológicos, estratégicos e conceituais, superar modelos tradicionais. Pearce, (2003, p. 26) aponta, por exemplo, que “a interação espacial surgida com o movimento turístico da origem para o destino não tem sido examinada de maneira explícita pela maior parte da literatura. A maioria dos estudos geográficos e não geográficos têm-se preocupado com uma única parte do sistema - em geral o destino (...)”. O fato é que quase sempre o planejamento e as ações governamentais são superficiais, não dando conta do caráter sistêmico do turismo e da complexidade que envolve suas redes.

O “planejamento formal do turismo” por parte do Estado é recente, iniciando, iniciando-se em fins da década de 1940, com a elaboração do Primeiro Plano Quinquenal do Equipamento Turístico francês, para o período de 1948 a 1952. Não foi mera casualidade, pois na França iniciou-se o planejamento central aplicável a países com economias de mercado. Portanto, ainda que não fosse um plano integral, constituiu, de fato, o princípio do planejamento formal do Turismo por parte do Estado (BENI, 2001, p.110).

Depreende-se de DIAS (2003) que a Espanha também se destacou pelo pioneirismo em apresentar o planejamento em nível nacional em 1952 que, um ano após a criação do Ministério de Informação e Turismo, realizou as primeiras experiências nesse sentido e elaborou o Anteprojeto do Plano Nacional de Turismo. Ainda que com as manifestações iniciais sobre o planejamento por parte do Estado foi somente na década de 1960 que a atividade começou a generalizar-se, no momento em que a maioria dos países europeus, com vocação e interesse turístico elaboraram seus primeiros planos nacionais de desenvolvimento do Turismo, e começaram a formular os primeiros planos em nível regional. Motivados pelo avanço e consolidação do turismo, países da Europa, Oriente Médio e Norte da África, em meados da década de 1960 e princípio de 1970, devido ao grande número de planos de desenvolvimento regional, estabeleceram um marco de referência do processo de planejamento formal do Turismo por parte do Estado em nível Nacional.

No continente Americano, o planejamento turístico em nível nacional se inicia no México, em 1961, quando o poder executivo encarregou o Departamento de Turismo de elaborar o plano nacional, promulgado somente em 1968. Nesse mesmo ano, a Argentina inicia os preparativos para a elaboração do seu plano, com a celebração de convênio entre a Secretaria de Difusão e Turismo, a ONU e o Centro de Investigação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Os trabalhos foram concluídos no mesmo ano, com

a publicação do Primeiro Documento de Trabalho pra a Planificação Turística da Argentina, que serviu de base para elaborar, em coordenação com os governos das províncias, o plano de desenvolvimento turístico.

É preciso mencionar que a orientação do processo de planejamento obedeceu, em sua curta história, a exigências distintas, conforme o tempo e/ou país. Assim, já respondeu a necessidades de ordem física para fins de orientação do espaço turístico e a prioridades de caráter econômico, na expectativa de obter os benefícios que nesse campo o Turismo proporciona. O primeiro período do planejamento turístico atravessou uma etapa especulativa, antes de alcançar sua concepção atual. O setor, quando expressado e representado em sua complexa totalidade, demanda um tipo de planejamento a que se agrega a palavra “*integrado*”, indicando com isso que todos os seus componentes devem estar devidamente sincronizados e seqüencialmente ajustados, a fim de atingir as metas e diretrizes da área de atuação de cada um, ao mesmo tempo, para que o sistema global possa ser implementado e imediatamente oferecer oportunidade de pronto acompanhamento, avaliação e revisão (BENI, 2001, p.111-112).

Atualmente, a quase totalidade dos estudos sobre o turismo o aponta como poderoso instrumento de desenvolvimento, na maioria das vezes, embutido à ideia de sustentabilidade, principalmente quando anuncia sua relação com o meio ambiente. Contudo, os debates sobre o desenvolvimento do turismo sustentável e sua manifestação como fenômeno sociocultural estão sujeitos a duas vertentes aparentemente opostas: o processo econômico desenvolvimentista em que estão inseridos e o caráter impactante que lhes são inerentes.



Figura 9: Turistas visitam o Templo Maia de Kukulcán na antiga cidade de Chichén Itzá, no território pertencente ao estado mexicano do Iucatã.

Fonte: Disponível em < <http://ovcveracruz.blogspot.com/2011/01/mexico-turismo-registro-saldos.html> > visitado em jun. de 2011.



A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

é uma organização internacional pautada por princípios da democracia representativa e da economia de livre mercado. Os membros da OCDE são países com economias de alta renda com um alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e são considerados países desenvolvidos, exceto México, Chile e Turquia. Também é chamada de “Grupo dos Ricos” porque os 31 países participantes produzem juntos mais da metade de toda a riqueza do mundo. A OCDE influencia a política econômica e social de seus membros.

Xenofobia é o medo irracional, aversão ou a profunda antipatia em relação aos estrangeiros. A desconfiança em relação a pessoas estranhas ao meio daquele que as julga ou que vêm de fora do seu país.

No relatório intitulado “Política de Turismo e Turismo Internacional dos Países Membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)”, de 1987, cada um dos países manifestou considerações sobre as políticas que estava adotando. Dos objetivos estratégicos mais citados destacaram-se a estimulação ao crescimento econômico nacional, maximização dos ingressos em divisas estrangeiras e criação de empregos, denunciando a lógica pró-capital muito impregnada no trato das políticas de turismo. Atualmente, os debates e documentos que conduzem as políticas para o turismo já começam a compreender a necessidade de novos caminhos para o fenômeno, especialmente no âmbito social.

Muitos países em desenvolvimento têm experimentado graves tensões sociais devido aos contrastes entre os estilos de vida de visitantes estrangeiros (turistas) e populações locais. Nesse contexto, o governo Japonês, reconhecendo que o turismo internacional no passado pouco contribuiu com a economia nacional, definiu em suas políticas e ações estratégicas mais recentes que o setor deve contribuir para a promoção da amizade internacional, desenvolver a economia nacional, e elevar o padrão de vida do povo japonês. Nos países europeus, apesar da recente onda de **xenofobia**, governos têm trabalhado para a manutenção da paz mundial por meio do turismo, considerando que o fenômeno constitui um importante aliado na união das nações.

O novo cenário que vem sendo promovido pelo turismo apresenta novas formas de povoamento, manifestações culturais, processos de urbanização, circulação promovida de bens, serviços, mercadorias, informações e principalmente pessoas, dimensionando novos fluxos que criam uma nova rede de estreitamento as distâncias culturais. Os novos espaços turísticos que surgem como produtos têm fomentado o crescimento e a competição do mercado. Nesse contexto, ambientes com vocação turística têm buscado formatar seus produtos turísticos atribuindo maior valor às suas especificidades, otimizando suas cadeias produtivas, segmentando o mercado e principalmente turistificando os lugares a partir do planejamento turístico.

3.2 O Planejamento e as redes de Turismo: algumas reflexões

Por que planejar? É a partir dessa reflexão que buscamos entendimento sobre como a reestruturação do mercado turístico dialoga com propostas de planejamento turístico a fim de promover o fortalecimento de redes regionais de turismo (como no caso dos **circuitos turísticos**) e municípios. Nesse contexto, analisar de que maneira isso se aproxima da região para a qual queremos planejar o turismo.

A partir daí, compreender como as redes de turismo podem promover a atividade turística e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento, especialmente o desenvolvimento social dos lugares almejados. A ideia, nesse momento, é refletir sobre dois conceitos que se unem de maneira importante



Na próxima aula estaremos conhecendo sobre a Política de Circuitos Turísticos e o funcionamento dos Circuitos.

para o planejamento turístico. O primeiro é o conceito de sistema, por isso se fala de planejamento sistêmico do turismo. Já refletimos no outro capítulo que o turismo se apresenta complexo justamente por relacionar aspectos sociais, ambientais, econômicos, ecológicos, políticos e culturais da sociedade. É por isso que ele dialoga com tantas ciências na busca de sua melhor estruturação. Dizer de um sistema é dizer de partes de um todo que estão interconectadas se relacionando para a manutenção de uma totalidade. Estaríamos então falando de uma organização de partes que forma um todo.

No turismo, dois modelos de estruturação da atividade definem sua dinâmica os quais chamamos de modelos abertos e modelos fechados ou sistemas abertos e sistemas fechados de turismo. Nesse caso, o sistema aberto, denominado modelo catalão, irá dizer daqueles lugares, regiões em que o turista está totalmente livre para percorrer roteiros, por exemplo, entre uma cidade e outra usufruindo de todas as possibilidades que uma região oferecer. Seria o caso dos turistas que viajam para conhecer um Circuito Turístico. Já no sistema fechado, também conhecido como modelo americano, podemos imaginar um complexo de diversão como um Parque ou um Resort onde o turista não carece de deixar suas dependências visto que há todo um aparato de entretenimento voltado para a manutenção do turista em um único espaço. Nesse caso, vários exemplos bastante conhecidos de Resorts como o caso do Resort Costa do Sauípe na Bahia e, exemplos de equipamentos de entretenimento como os Parques Temáticos da Disney World nos Estados Unidos e, Beto Carrero World localizado no município de Penha-SC e Hopi Hari localizado em Vinhedo-SP.



Figura 10: Parque Hopi Hari.

Fonte: Disponível em < http://www.hopihari.com.br/kamindamundi/conheca_kamindamundi.aspx> visitado em jun. de 2011.

O outro conceito que nos ajuda a compreender a ideia de planejamento turístico é o conceito de rede visto que a atividade turística, por se relacionar com outros setores da economia apresentando essa complexidade sistêmica acaba elaborando uma grande rede de sustentação da sua chamada cadeia produtiva, onde circulam mercadorias, pessoas e serviços permanentemente. Nessa rede estão situados hotéis, restaurantes, ambientes de lazer e entretenimento, farmácias, postos de combustível, centros de compra e, todos os demais prestadores de serviço que possam ser utilizados

pelos turistas. De acordo com (MATOS, 2005, pg.40) “as redes, de fato, expressam múltiplas dimensões socioespaciais, urbanas e não-urbanas e traduzem muito bem as materialidades acopladas aos espaços em movimento. Indicam, por exemplo, lugares articulados por fluxos multivariados, como os de pessoas, capitais, informações, idéias e até culturas”. No caso da rede de turismo, isso se torna um pouco mais complexo, dada a sua própria configuração numa ótica sistêmica. Quando discutimos sobre a ideia de redes, podemos visualizar um emaranhado de coisas que se interligam, “a ligação a distância é o fundamento de tal noção, primária, de rede” (MARTINHO, 2003, p. 08).

Diante dessa reflexão, podemos, por exemplo, questionarmo-nos se o município de Montes Claros-MG estaria participando do processo de fortalecimento do turismo no Norte de Minas assumindo sua condição de polo regional e articulando o planejamento do turismo a partir do fortalecimento das redes de turismo que estão sendo construídas por meio dos Circuitos Turísticos da região. Nesse caso, podemos dizer que cada Circuito Turístico representaria um sistema e a consolidação desses Circuitos na região em diálogos permanentes, especialmente de fluxos turísticos formataria uma importante rede regional de Turismo onde participariam hotéis, pousadas, empresas de transporte, restaurantes, equipamentos de lazer, parques, clubes e demais prestadores de serviços capazes de atender os turistas.

Manifesta-se recente o entendimento do turismo como parte fundamental do atual processo de desenvolvimento, sendo crescente a sua assimilação enquanto elemento significativo da qualidade de vida do ser humano, ferramenta de preservação e gestão ambiental, fator essencial de aproximação entre os povos, instrumento de superação de conflitos étnicos e, condicionador de melhorias sociais a partir de suas dinâmicas, superando seu *status* apenas de atividade econômica. No entanto, o turismo conforme foi mencionado apresenta seu processo evolutivo construído sob permanentes contradições e, dessa maneira, acaba também por gerar significativos problemas que precisam ser minimizados.

Desse modo, fica cada vez mais evidente a necessidade de efetuar o planejamento adequado dos espaços que, apropriados pelo e para o turismo, possam ser relevantes para as dinâmicas locais e ao mesmo tempo criem possibilidades de melhorias e interfaces entre aspectos socioculturais, econômicos, políticos e ecológicos por meio de redes sustentáveis e solidárias. Evitar, minimizar ou sanar esses problemas anuncia a importância e necessidade do planejamento estratégico para o desenvolvimento do turismo e, ao mesmo tempo, ganha força a proposição de comunidades receptoras, turistas, órgãos gestores, rede de turismo e, demais representações da sociedade participarem desse processo.

Nesse sentido, o planejamento se apresenta como uma condição necessária, mas não suficiente para nortear a atividade turística. É fundamental a compreensão da sua totalidade, de suas dimensões e, considerando que a realidade se encontra em permanentes transformações, os produtos do planejamento devem ser constantemente revistos e assim o desenvolvi-

mento pretendido a partir dele se dê, contemplando todos os níveis. Beni (1999, p. 58) afirma que o planejamento é o raciocínio sobre os fundamentos definidos do Turismo, ainda, aponta que esse conceito contém três pontos essenciais e distintos: estabelecimento de objetivos; definição de cursos de ação e determinação da realimentação, já que a atividade apresenta enorme interdependência e interação de seus componentes.



Figura 11: Flutuação no Rio Sucuri em Bonito-MS, um dos exemplos de bom planejamento turístico no Brasil.

Fonte: MTUR. Disponível em < <http://www.turismobrasil.gov.br/promocional/destinos/B/bonito.html>>, visitado em jun. de 2011.

À medida que a ação do planejamento demanda um agente que planeja, podemos afirmar que os termos planejamento e política estão intimamente ligados. Considerando que os impactos negativos oriundos do turismo remetem à necessidade do planejamento e, que, embora apresentem semelhanças com a indústria de transformação, exigem monitoramento permanente, dadas suas particularidades. Contudo, cabe ressaltar que não defendemos o planejamento como ferramenta cuja função se volte a remediar situações de desarranjos e sim de aprimorar a evolução dos processos de desenvolvimento.

Compreendemos que o planejamento turístico em todos os níveis de governo teve ultimamente que adaptar seus programas a fim de incluir preocupações até então desconsideradas, como a degradação do patrimônio cultural, a vulnerabilidade das populações consideradas tradicionais, os impactos socioambientais, entre outros. Assim, entendemos que o significado do planejamento atualmente deva estar muito mais ligado aos processos de empoderamento social, autonomia e autogestão do que a simples transferência representativa ligada a intervenção do Estado como gestor do planejamento, e todos os agentes envolvidos devem participar do planejamento.



Observe que para chegarmos até as reflexões sobre Ecoturismo e Turismo Rural estamos percorrendo uma importante linha de direcionamento para o entendimento sobre a complexidade do turismo. Na maioria das vezes, para o turista, turismo significa apenas viajar. Contudo, para aquele que quer conhecer um pouco sobre turismo, só o ato de viajar não dimensiona todas as complexidades e possibilidades do setor, especialmente considerando que a temática participa de um curso sobre agronegócio.



Assista a entrevista realizada em 2009 com o então Diretor do Departamento de Planejamento e Avaliação do Turismo do Ministério do Turismo nos links (parte 1) <http://www.youtube.com/watch?v=1ElzjAhVAc0> e (parte 2) <http://www.youtube.com/watch?v=BAOZkC27xHk>

É nesse contexto que se evidencia o esgotamento do planejamento centralizado como instrumento de condução política, não só em função dos problemas intrínsecos à estrutura estatal, mas principalmente por este não conseguir planejar a sociedade em virtude da nova complexidade social que se estabelece. Não é por acaso que o Governo Brasileiro iniciou uma profunda transformação na construção das políticas públicas de turismo desde a Criação do Ministério do Turismo em 2003, entendendo que a participação da sociedade no diagnóstico, na elaboração, no monitoramento e na avaliação das políticas de turismo é fundamental para a consolidação dos objetivos de modo mais democrático participativo.

O planejamento do espaço turístico deve levar em consideração que o espaço natural e o espaço urbano cada vez mais se confundem. Raros são espaços completamente intocados que ainda existem. Nesse caso, a elaboração do espaço turístico aponta para preocupações ligadas a necessidade de equilíbrio entre uso turístico dos lugares e a capacidade de carga que eles lugares apresentam. Isso porque, como bem vimos no primeiro capítulo, a atividade turística precisou ser repensada dado o crescimento vertiginoso do setor. E a maneira mais prudente de turistificação dos espaços aponta para a avaliação das reais condições de usos que um determinado espaço oferece. Seja pelo aproveitamento de ambientes naturais, seja pela instalação de ambientes artificiais, critérios de prudência para o não comprometimento dos lugares são de fundamentais importâncias. E isso, só pode ser consolidado via planejamento.

Na próxima aula, vamos percorrer pontos importantes da estruturação da Política Nacional de Turismo e analisar as bases da atual Política de Turismo no Estado de Minas Gerais destacando a importância dos Circuitos Turísticos como sistemas turísticos que integram a grande rede nacional e mundial de turismo.

Resumo

Nesta aula, você aprendeu que:

- O planejamento e a gestão dos territórios, nos últimos anos, especialmente após as condições impostas pelos processos de globalização se apresentaram muito ligados às questões do Estado em que a atuação do poder público tem sido decisiva na gestão do fenômeno turismo. E, nesse caso, o turismo passou a ser reconhecido enquanto política pública importante tanto para o setor público quanto para o setor privado e, muito disso se deu por conta do dinheiro que passou a movimentar.
- Até recentemente, a pesquisa de turismo e, notadamente, a análise das políticas públicas e planejamento turístico não era considerada prioritária, uma vez que o setor e os governos em todos os níveis tinham-se mostrado mais preocupados com a divulgação e os retornos de curto prazo do que com investimento estratégico e com a sustentabilidade. No caso do Brasil, esse

quadro tem mudado bastante, principalmente a partir da criação do Ministério do Turismo em 2003, e o desenvolvimento de ações de caráter descentralizador do Plano Nacional de Turismo (PNT) promovidas pelo Governo Federal.

- Todo e qualquer tipo de planejamento constitui um instrumento de poder significativo, pois ao permitir a decisão por uma alternativa entre diversos cenários futuros apresentados, pode-se escolher aquele que mais condiz com a realidade em questão. São cada vez mais evidentes e numerosas as propostas de planejamento e gestão do turismo. E que o “planejamento formal do turismo” por parte do Estado é recente, iniciando, iniciando-se em fins da década de 1940. No contexto, o planejamento se apresenta como uma condição necessária, mas não suficiente para nortear a atividade turística.
- Na medida em que a ação do planejamento demanda um agente que planeja, podemos afirmar que os termos planejamento e política estão intimamente ligados. Que nos países europeus, apesar da recente onda de xenofobia governos têm trabalhado para a manutenção da paz mundial por meio do turismo, considerando que o fenômeno constitui um importante aliado na união das nações.
- As redes de turismo podem promover a atividade turística e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento, especialmente o desenvolvimento social dos lugares almejados. Que os conceitos de redes e sistema são fundamentais para se pensar no planejamento do turismo uma vez que ajuda a traduzir a ordenamento e a espacialização da cadeia produtiva do turismo onde ela ocorre.
- Existem sistemas abertos e os sistemas fechados de turismo se diferindo especialmente pela estruturação da liberdade de consumo no âmbito dos espaços que definem a oferta turística a exemplo dos Parques Temáticos e dos Circuitos Turísticos, respectivamente.
- O significado do planejamento atualmente deva estar muito mais ligado aos processos de empoderamento social, autonomia e autogestão do que a simples transferência representativa ligada a intervenção do Estado como gestor do planejamento, e todos os agentes envolvidos devem participar do planejamento.
- Que a maneira mais prudente de turistificação dos espaços aponta para a avaliação das reais condições de usos que um determinado espaço oferece. Seja pelo aproveitamento de ambientes naturais, seja pela instalação de ambientes artificiais.

Atividades de aprendizagem

1. Sobre o Planejamento do Turismo, podemos afirmar que:

- a. Iniciou-se no Brasil em fins de 2010;
- b. Constitui um instrumento importante para manutenção de quadros de degradação ambiental;
- c. O significado do planejamento atualmente deva estar muito mais ligado aos processos de empoderamento social, autonomia e autogestão do que a simples transferência representativa ligada à intervenção do Estado como gestor;
- d. No caso do Brasil esse quadro não tem mudado bastante, especialmente pela criação do Ministério do Turismo em 2003.

2. De acordo com o conteúdo da aula, assinale a opção incorreta:

- a. O turismo passou a ser reconhecido enquanto política pública importante tanto para o setor público quanto para o setor privado e, muito disso se deu por conta do dinheiro que passou a movimentar;
- b. O turismo conforme foi mencionado apresenta seu processo evolutivo construído sob permanentes contradições e, dessa maneira, acaba também por gerar significativos problemas que precisam ser minimizados.
- c. No sistema aberto, denominado modelo catalão, o turista está totalmente livre para percorrer roteiros, conhecer cidades e se deslocar;
- d. No sistema fechado de turismo, o turista precisa deixar as dependências visto que não há um aparato de entretenimento voltado para a manutenção do turista em um único espaço.

Aula 4 - Evolução e importância do setor: um panorama do Brasil

4.1 Turismo no Brasil: breves apontamentos

Não se pode desconsiderar que o turismo, de modo geral, já constitui a atividade mais importante do mundo, afinal é o setor da economia que mais cresce na atualidade. De qualquer maneira, as razões das estatísticas sobre o Turismo no Brasil são precedidas de uma evolução que não é recente, tampouco pontual. O desenvolvimento do Turismo no país tem acompanhado, ao logo da história, e sentido os reflexos de toda a conjuntura internacional cujas variações econômicas, sociais, tecnológicas e culturais acabam participando das dinâmicas nacionais. Para Solha, (2002, p. 117):

No Brasil, apenas alguns desses momentos foram estudados de forma aprofundada por alguns autores, mas para a maior parte dos acontecimentos ocorridos na área não existe Registros. Isso pode explicar, em parte, a sensação comum de que os projetos e as idéias são totalmente inovadores, e que por desconhecer a evolução histórica do fenômeno no país, muitas vezes se cometem os mesmos equívocos do passado .

Na busca de melhor entendimento sobre o histórico do fenômeno no Brasil, Solha (2002, p.118), após várias pesquisas, definiu alguns períodos da evolução do Turismo no país, conforme mostramos a seguir:

- *Primórdios: da Colônia ao Império (Século XVII e XIX)* - dos ranchos que atendiam aos tropeiros às viagens anuais dos senhores do café à Europa;
- *Primeiras Manifestações (de 1900 a 1949)* - das estações de cura e do Cassinismo ao início do uso do automóvel nas viagens;
- *Expansão e Organização do Turismo (1950 a 1969)* - da ampliação e melhoria da infraestrutura de transportes e turística até a organização da atividade por associações e a elaboração de políticas;
- *Do sonho à decepção (de 1970 a 1989)* - do intenso crescimento e das perspectivas otimistas à estagnação e decadência;
- *Retomada (de 1990 a 2000)* - do crescimento do mercado interno aos grandes investimentos em vários e diferentes setores e da descoberta de novos segmentos de mercado.

Assim posto, percebemos a partir da perspectiva do autor que a história do Turismo no Brasil é contada a partir do período colonial das viagens tropeiras. Posteriormente, a partir de 1900, já demonstra um claro sinal de abertura internacional no que diz respeito à segmentação do mercado que, nesse momento, encontrava-se na Europa concentrado no Turismo de cura e saúde e, no mesmo sentido, aponta, no período pós-guerra os primeiros

O Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE)

é um programa de crédito para o setor público (Estados e Municípios) que foi concebido tanto para criar condições favoráveis à expansão e melhoria da qualidade da atividade turística na Região Nordeste, quanto para melhorar a qualidade de vida das populações residentes nas áreas beneficiadas.

As atuações se desenvolvem por meio do financiamento de obras de infraestrutura (saneamento, transportes, urbanização e outros), projetos de proteção ambiental e do patrimônio histórico e cultural, projetos de capacitação profissional e fortalecimento institucional das administrações de estados e municípios.

O PRODETUR/NE é financiado com recursos do BID e tem o Banco do Nordeste como Órgão Executor. Disponível em <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/PRODETUR/Apresentacao/gerados/apresentacao.asp> visitado em jun. 2011.

sinais de organização da cadeia produtiva. No caso da Política de Turismo no Brasil, encontramos os primeiros sinais de envolvimento Estatal com a atividade turística nacional coincidindo com a maior intervenção deste na economia, na década de 30. Alguns sinais históricos remontam toda essa trajetória de quase trinta decretos e projetos de lei sancionados e que diretamente determinaram avanços na formatação da atual política nacional.

Os esforços por uma política nacional se iniciam na década de 30 com a criação da Divisão de Turismo, que pode ser considerada o primeiro órgão oficial de turismo da administração pública federal. É a partir da década de 70 que suas contradições ficam aparentes e, no caso brasileiro, isso não foi diferente. Num contexto de diálogos internacionais sobre sustentabilidade e globalização e de uma sucessão de planos econômicos nacionais que tiveram reflexos significativos no poder de compra da sociedade, ora positivos, ora negativos, o Turismo de Massa ou Social acabou por se tornar um grande problema para o país em virtude dos grandes impactos gerados por falta de infraestrutura receptiva nas localidades. Sobretudo, é a partir da década de 90, com ações intersetoriais e interinstitucionais somadas às pressões do movimento ambientalista como, por exemplo, a realização da ECO-92 no Brasil, que se inicia no país uma profunda reflexão sobre a necessidade de investimentos e políticas para o setor.

É nesse contexto que, em 1991, é lançado o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste - PRODETUR e o Plano Nacional de Municipalização do Turismo, conforme aponta Endres (2002, p. 67 *apud* (DIAS, 2003, p. 110), quando afirma que a atuação governamental desse período se refletiu, na

política de megaprojetos turísticos para a região Nordeste e pelo Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT). A primeira é caracterizada pela atuação centralizada do Estado, desde a sua idealização até o seu financiamento. E o segundo defende, claramente, as propostas de um planejamento mais descentralizado e participativo, baseado, fundamentalmente, na noção de parcerias com outros agentes sociais para sua implementação.

Na década de 90, a partir do planejamento estratégico do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE), resultado da parceria entre Banco do Nordeste do Brasil (BNB), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), da extinta Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), e governos estaduais, identificaram-se na Região Nordeste algumas áreas com vocações semelhantes do ponto de vista do turismo e iniciou-se um processo de formação de 16 Pólos Turísticos, 13 na primeira fase e outros três na segunda: o Pólo Vale Mineiro do São Francisco e o Pólo Caminhos do Norte de Minas e o Pólo Vale do Jequitinhonha. A área de abrangência do Programa compreende nove Estados Nordestinos, além do norte de Minas Gerais e Espírito Santo.



Figura 12: Polos Turísticos do Prodetur.

Fonte: Disponível em http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/PRODETUR/Polos/gerados/prodetur_polos_principal.asp,>, visitado em jun. de 2011.



Figura 13: Pólo Caminhos do Norte de Minas.

Fonte: (SALGADO, 2007, pg.84)



Figura 14: Polo Vale Mineiro do São Francisco.
 Fonte: (SALGADO, 2007, pg.85).

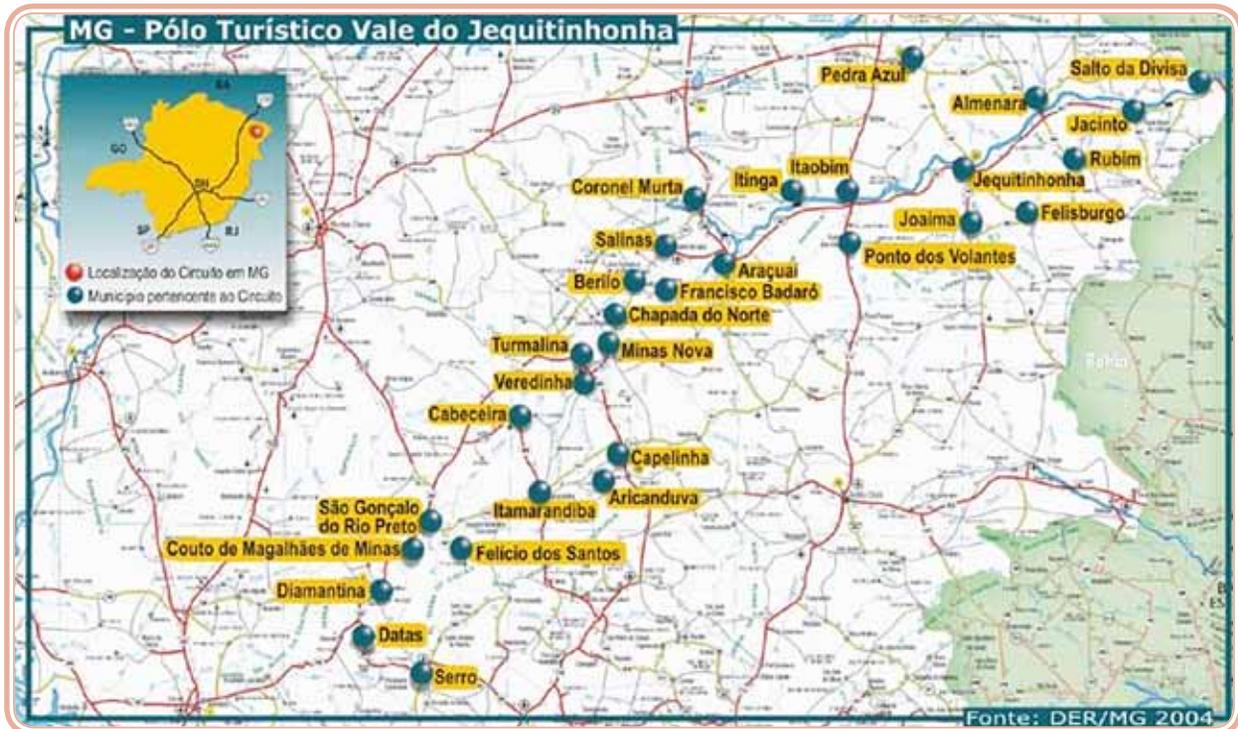


Figura 15: Polo Caminhos do Norte de Minas.
 Fonte: (SALGADO, 2007, pg.85).

Com a nova denominação em 1991, passando de Empresa Brasileira de Turismo para Instituto Brasileiro de Turismo, a EMBRATUR é transformada em autarquia vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Regional da Presidência da República com o objetivo de organizar e executar a Política Nacional de Desenvolvimento do Turismo nacional. No ano de 1992 é que se estabelecem as diretrizes da Política Nacional de Turismo baseadas na prática do Turismo como forma de promover a valorização e preservação do patrimônio natural e cultural do país e a valorização do homem como destinatário final do desenvolvimento turístico que, na interpretação de Becker (1999, p. 187 *apud* DIAS, 2002, p. 134),

fortalece a idéia do turismo como fator de desenvolvimento e é fundada não só no discurso, mas na prática, na descentralização. Descentralização no sentido de que a EMBRATUR deixa de ser legisladora e executora do turismo. Ela não é mais executora. Na verdade, agora o governo federal vai atuar; a execução da atividade turística passa para outras esferas governamentais de estados e municípios, e incorpora a iniciativa privada. Esse é o marco desta política do turismo e o papel do governo federal é deferido, como coordenador e indutor das atividades.

Ao preconizar a descentralização, o Plano Nacional de Turismo passa a prever a criação de pólos integrados de turismo, em áreas que estariam associadas à expansão da infraestrutura, o que aponta para um marco interessante na discussão sobre redes de turismo, considerando a iniciativa federal na organização de uma possível rede de estratégias nacionais a partir do espaço geográfico. Em 1994, inicia-se um processo de construção de uma diretriz nacional para a política de turismo no país, com a criação do Programa Nacional de Municipalização de Turismo (PNMT), “instrumento legal e referencial para todos os segmentos que atuam com o turismo no país e que têm como público-alvo o município” (PEREIRA,1999, p.13 *apud* DIAS, 2002, p.135).

Após investimentos da ordem de R\$ 250 milhões pelo BNDS, por meio do Programa Nacional de Financiamento do Turismo, ganha destaque, em 1996, o documento Política Nacional de Turismo: diretrizes e programas (1996-1999) cujo objetivo se voltava para a promoção e o incremento do turismo como “fonte de renda, de geração de emprego e desenvolvimento sócio-econômico do país”. Num balanço realizado no início do ano 2000, o governo considerou encerrado o ciclo de desenvolvimento do turismo, iniciado com o estabelecimento da Política Nacional do Turismo, e que “as metas traçadas foram superadas, tendo o setor turístico contribuído com a geração de emprego e renda e com o desenvolvimento das regiões menos desenvolvidas do país” (DIAS, 2002, p. 136).

Cabe ressaltar que em 2003, o governo federal, após criar o Ministério do Turismo, que então tinha suas secretarias concentradas no Ministério dos Esportes e Turismo, lança o **Plano Nacional de Turismo - PNT**, cuja



Criado pela medida provisória nº 103, de 1º de Janeiro de 2003, que dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, foram definidas suas atribuições como: a) política nacional de desenvolvimento do turismo; b) promoção e divulgação do turismo nacional, no país e no exterior; c) estímulo às iniciativas públicas e privadas de incentivo às atividades turísticas; d) planejamento, coordenação, supervisão e avaliação dos planos e programas de incentivo ao turismo (DIAS, 2003, p.138).



Conheça o Plano Nacional de Turismo (2003-2007) disponível para download no link <http://www.lib.utexas.edu/benson/lagovdocs/brazil/federal/turismo/Turismo Nacional Portugues2003-2007.pdf>

Conheça o Plano Nacional de Regionalização do Turismo disponível no link http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/ e o Mapa da Regionalização no link http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/downloads/regionalizacao/Mapa_2009.pdf



Observe que no primeiro momento a Política Nacional segue pela lógica de Municipalização e só depois ela irá trabalhar na perspectiva de Regionalização. O caso específico do Estado de Minas Gerais chama a atenção justamente por além das duas perspectivas, foi desenvolvida a ideia de formatação de Circuitos Turísticos como uma espécie de política intermediária entre as duas políticas federais. Trata-se de um caso de sucesso visto que tão logo começaram a ser formatados os primeiros circuitos no estado, outros estados também começaram a adotar a lógica de planejamento por vias dos Circuitos.

proposta se volta para a consolidação do Ministério criado, como articulador do processo de integração dos diversos segmentos do setor turístico, cabendo ao Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), a promoção, *marketing* e apoio à comercialização do produto turístico brasileiro no mundo. (PNT, 2003).

4.2 A Regionalização do turismo e a Política de Circuitos em Minas Gerais

De acordo com o Plano Nacional de Turismo (2003-2007), lançado em abril de 2003, o compromisso do Ministério do Turismo era de, no ano de 2007, fazer com que viessem ao Brasil nove milhões de turistas estrangeiros, que fossem responsáveis por um gasto de US\$ 8 bilhões no período e, conseqüente geração de 1,2 milhões de empregos e ocupações. Concebido com face aos programas de elaboração, estruturação, e fomento da atividade no país, o Plano destacava como elemento norteador o Programa de Regionalização do Turismo: roteiros do Brasil. Esse programa constitui um modelo de gestão descentralizada, coordenada e integrada, baseada nos princípios da flexibilidade, articulação, mobilização, cooperação intersetorial e interinstitucional e sinergia de decisões. De acordo com o Programa, o Brasil está organizado em seis macrorregiões turísticas, compostas por 21 regiões turísticas num total de 3635 municípios. Minas Gerais compõe a macrorregião sudeste, destacando 50 regiões turísticas. O Norte de Minas está englobado por meio dos Pólos Caminhos do Norte de Minas e Vale Mineiro do São Francisco, duas das 276 regiões turísticas brasileiras reconhecidas pelo Ministério do Turismo, além do Pólo Vale do Jequitinhonha, já que compartilham algumas cidades em seus territórios.

Ao propor a regionalização do turismo nacional, o Ministério do Turismo evidencia a possibilidade de transformação da ação para o turismo na unidade municipal a partir de uma política pública mobilizadora de planejamento e coordenação para o desenvolvimento turístico local e regional, estadual e nacional, de forma articulada e compartilhada. A tentativa no esforço de coordenar ações entre municípios, estados e países para ações de negociação, consenso, planejamento e organização social por meio do planejamento regional, aponta para a consolidação da rede mundial de turismo. Convém assinalar que o entendimento sobre planejamento regional percorre “um conjunto de pólos de desenvolvimento turístico hierarquizados, unidos por uma infraestrutura comum, que em sua totalidade, contribuem para dinamizar o desenvolvimento econômico e social de extensa parte do território nacional. Ele geralmente antecede o planejamento nacional e está na base do sucesso deste” (BENI, 2001, p.110).

Contudo percebemos que a afirmação de Beni não corresponde às vias reais do processo de planejamento turístico nacional que se evidencia a partir de um processo avesso, considerando o histórico da política nacional. Por outro lado, podemos tomar o ano de 2003 como o “marco zero” do pla-

nejamento turístico nacional já que é neste contexto que surge o Programa de Regionalização do Turismo, o que não seria tão sensato, guardados nos entendimentos. Entretanto, se considerarmos os processos de Planejamento Territorial dos Estados Brasileiros como alicerces do desenvolvimento do turismo nas regiões, teremos um entendimento mais amplo de como o fenômeno turismo se liga a outras dinâmicas que, às vezes, distam de seu tempo e do espaço onde ocorrem o espaço turístico. Em 2007 é lançado o Plano Nacional de Turismo 2007-2010: uma Viagem de Inclusão avançando na perspectiva de expansão e fortalecimento do mercado interno, com especial ênfase na função social do turismo.

O Plano Nacional de Turismo - PNT 2007/2010 - uma Viagem de Inclusão é um instrumento de planejamento e gestão que coloca o turismo como indutor do desenvolvimento e da geração de emprego e renda no País. O Plano é fruto do consenso de todos os segmentos turísticos envolvidos no objetivo comum de transformar a atividade em um importante mecanismo de melhoria do Brasil e fazer do turismo um importante indutor da inclusão social. Uma inclusão que pode ser alcançada por duas vias: a da produção, por meio da criação de novos postos de trabalho, ocupação e renda, e a do consumo, com a absorção de novos turistas no mercado interno.

Minas Gerais apresenta uma rica história de divisões territoriais que remontam ao período colonial sertanejo do ouro e do couro, da mata e do sertão. No caso do turismo, a matriz de planejamento regional do fenômeno foi o próprio planejamento do Estado que, posteriormente, passa a ser adequado às incursões do planejamento do turismo nacional. Em Minas Gerais, maior Estado da região sudeste, o turismo começou a ser estruturado na década de 1940, conforme apontam Silva e Salgado (2005, p. 30-31) ao afirmarem que

em estudos realizados por Santiago (2002), verifica-se que o histórico das políticas públicas aqui, a sintetiza a partir de 1940, com a primeira menção legal ao Turismo em Minas Gerais, na criação do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Nos anos 50, cria-se o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; 1965 implanta-se o Conselho Estadual de Turismo; nos anos 70, ocorre a extinção do Departamento de Turismo e é criada a Superintendência de Estado de Desenvolvimento Econômico; em 1978 cria-se a fundação da Agência de Desenvolvimento do Turismo de Minas (ADETUR/MG); no ano seguinte, constitui-se a Empresa Mineira de Turismo (TURMINAS). Em 1984, a Secretaria Estadual de Esportes, Lazer e Turismo na configuração do Sistema Operacional compõem a Superintendência do Turismo-SUT com as entidades HIDROMINAS (Águas Mineiras do Estado de Minas Gerais S.A), PROMINAS (Companhia Mineira de Promoções), TURMINAS (Empresa Mineira de Turismo) e o CETUR (Conselho Estadual de Turismo).



Você pode conhecer mais sobre o Plano Nacional de Turismo: uma Viagem de Inclusão 2007-2010 no link http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/plano_nacional/

Faça download do Plano Aquarela 2020 no link http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Plano_Aquarela_2020.pdf



As Associações de Circuitos Turísticos são entidades sem fins lucrativos, que caracterizam a política pública de Regionalização do Turismo de Minas Gerais, implantada pelo Governo de Minas em 2003, por meio de Decreto de Lei nº 43.321. As associações abrigam um conjunto de municípios de uma mesma região, com afinidades culturais, sociais e econômicas que se unem para organizar e desenvolver a atividade turística regional de forma sustentável, consolidando uma identidade regional. Hoje, de acordo com a Resolução 008/2008, Minas Gerais conta com 42 Associações de Circuitos Turísticos certificados, envolvendo todas as regiões do Estado. As Associações de Circuitos Turísticos certificados pela Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais, são contemplados com sinalização turística rodoviária, cursos de capacitação e de melhoria do serviço turístico. As ações da Secretaria de Estado de Turismo, dentro da política de fortalecimento destas associações, também incluem sensibilização, mobilização, elaboração de plano estratégico de desenvolvimento, roteirização, indo até a promoção do destino turístico. Conheça mais sobre os Circuitos Turísticos de Minas Gerais no link <http://www.turismo.mg.gov.br/circuitos-turisticos/informacoes-administrativas>

Após a criação da Empresa Mineira de Turismo (TURMINAS), em 1979, ganha destaque a criação da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte S/A (BELOTUR) que coordenou vários investimentos de apoio ao turismo de negócios crescente no Estado. Durante os anos 90, o PRODETUR I - Programa de Desenvolvimento inaugura um marco para o Turismo do Nordeste, - assinado em 1994, com um contrato de US\$ 670 milhões. No Norte de Minas, a maior das iniciativas talvez tenha sido a aliança consolidada entre a Empresa Mineira de Turismo (TURMINAS), a Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e a Associação dos Municípios da Área Mineira da SUDENE (AMAMS) em 1993/94, efetivando uma parceria entre governo, municípios e Instituições de Ensino Superior na região. O ano de 1994 é marcado pela criação de três grandes e importantes instrumentos: o Plano Integrado para o Desenvolvimento do Turismo em Minas Gerais (PLANITUR/MG), o Conselho Estadual do Turismo (CET) e o Fundo de Assistência ao Turismo (FASTUR).

Em 1999, com assinatura contratual no valor de US\$ 800 milhões, é desencadeado o PRODETUR II com a criação dos três Pólos Mineiros, o Pólo Caminhos do Norte de Minas, o Pólo Vale Mineiro do São Francisco e o Pólo Vale do Jequitinhonha. A década se encerra em 1999 com a criação da Secretaria de Estado do Turismo de Minas Gerais assentada nas atribuições do planejamento, coordenação, fomento e fiscalização das atividades turísticas no Estado, objetivando a melhoria da qualidade de vida das comunidades, a geração de emprego e renda, além da divulgação de seu potencial turístico. Propôs-se, ainda, uma Política Estadual de turismo e elaborou-se o Plano Mineiro de Turismo, bem como outros planos, programas e projetos estaduais relacionados ao desenvolvimento do turismo.

Da necessidade de se diagnosticar todo o potencial turístico do Estado, no sentido de empreender projetos de resgate da posição de destaque no cenário do turismo nacional, os órgãos competentes passaram a agir por meio de amplas parcerias com as diversas áreas da produção econômica. Após compreendida a área de abrangência do turismo em Minas Gerais que, anteriormente, era restrita às cidades históricas e estâncias hidrominerais, percebeu-se a necessidade de otimizar os produtos turísticos mineiros, bem como promover novos segmentos que atendessem às exigências de novos turistas. Esse diagnóstico foi seguido da preocupação de promover outras áreas e, assim novas ações ligadas à infraestrutura viária, hoteleira, saneamento básico, preservação ambiental e à qualificação profissional, dentre outras passaram a ganhar atenção. No ano de lançamento do Plano Nacional de Turismo, em 2003, o Governo do Estado de Minas Gerais, tendo em vista a necessidade e adotar uma política de turismo para o Estado, decreta a política de turismo que dispõe sobre o reconhecimento dos Circuitos Turísticos.

Nas recentes atenções, foram priorizadas três políticas públicas para o turismo mineiro, a consolidação dos Circuitos turísticos, a consolidação da **Estrada Real** - considerado atualmente o maior programa de turístico em execução no país - e o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR) que caminha para sua terceira fase. Para os circuitos foi criada uma resolução em que aqueles que atenderem a alguns critérios

serão certificados e reconhecidos pelo Estado. Foi também criado um Fórum Estadual de Turismo. Para efeito das políticas públicas de turismo, o território de Minas Gerais foi dividido em regiões turísticas de planejamento e atualmente conta com uma **Federação de Circuitos Turísticos de Minas Gerais (FECITUR)**.

Os Circuitos Turísticos constituem aglomerados de municípios que, próximos entre si, passam a validar lógicas de associativismo em função de interesses e possibilidades a partir do turismo como, por exemplo, atração de fluxos turísticos de outras regiões. A assimilação de que os patrimônios culturais históricos e naturais, entre outros, constituem elementos passíveis de serem turistificados, aponta para a primeira manifestação de estruturação de um sistema turístico como vimos em outro momento. De acordo com as 'exigências' do Estado, faz-se necessário que, pelo menos, um dos municípios disponha da infraestrutura necessária para receber turistas, considerando o fato da necessidade de um núcleo receptor e ao mesmo distribuidor dos fluxos turísticos.

No Estado de Minas Gerais, a proposta de se reunir municípios em Circuitos Turísticos nasceu da necessidade de explorar melhor o potencial turístico do Estado. No final da década de 1990, à medida que se estimulavam as tradicionais cidades e localidades turísticas do Estado a promoverem um reordenamento de suas ações em relação ao turismo, vislumbrava-se a geração de oportunidades também para os municípios adjacentes que passaram a explorar suas respectivas potencialidades e, contribuir para a diversificação da atratividade e/ou da infraestrutura turística da região que fazia parte. A partir daí, a atenção dos municípios, se voltou para o interesse comum, de buscar no turismo, alternativas para se alcançar o desenvolvimento auto-sustentável. Na medida em que ações desse caráter foram se fortalecendo, ampliava-se o estímulo à forma de associativismo que resultou no Circuito Turístico.

Dos processos que se desencadearam, o Circuito passou a ser assimilado como um meio para se estruturar melhor a atividade turística municipal e regional, ampliando os fluxos de turistas em determinadas regiões, com conseqüente ampliação dos serviços turísticos. Em meio aos processos de coesão dos serviços, percebeu-se que a proximidade entre municípios, a despeito de suas afinidades ou diferenças, passava a significar novos relacionamentos turísticos e conseqüente ampliação do sistema turístico. Nessa ótica, por meio do associativismo firmado, os respectivos atrativos, equipamentos e serviços turísticos se complementarizam, otimizando e ampliando a oferta turística regional, com expressivos ganhos para as comunidades envolvidas, considerando novas possibilidades de trabalho e renda com reflexos na qualidade de vida e para os turistas com a diversificação dos roteiros, tornando-os mais atraentes.



Visite o site da Estrada Real no link <http://site.er.org.br/>

Visite o site da Federação dos Circuitos Turísticos de Minas Gerais no link <http://fecitur.org.br>



Figura 16: Parque Estadual Veredas do Peruáçu. Município de Januária-MG, Circuito Turístico Velho Chico.

Fonte: Acervo Pessoal do Autor.

Várias regiões do Estado têm-se beneficiado com o turismo a partir da inserção na lógica dos Circuitos. O associativismo tem permitido a superação de dificuldades que antes se mostravam sem perspectivas, dessa maneira, novas dinâmicas passam a evidenciar as potencialidades muitas vezes desconhecidas das próprias comunidades. No Norte de Minas, o reconhecimento de Circuitos Turísticos avançou nos últimos dois anos no sentido de emanciparem alguns municípios da simples condição de integrante de Pólo Turístico, passando também a membros de Circuitos. Vários são os municípios que têm seguido esse caminho. Atualmente vários municípios do Norte de Minas ajudam a compor os Circuitos Turísticos Guimarães Rosa, Serra do Cabral, Velho Chico, Urucua Grande Sertão, Lago de Irapé, Serra Geral do Norte de Minas e Sertão Gerais.

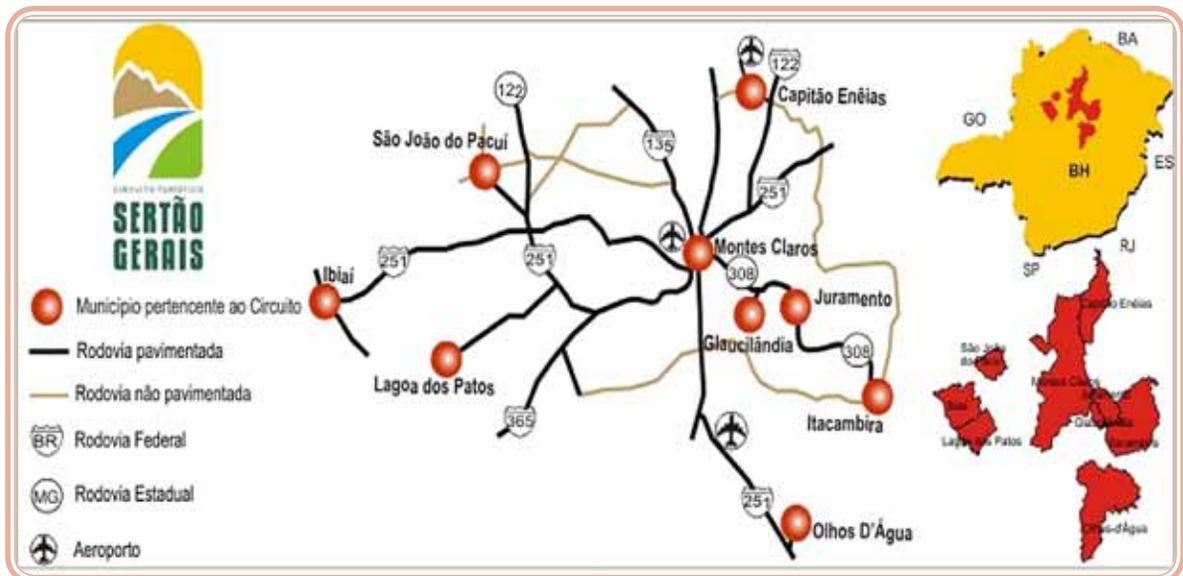


Figura 17: Circuito Turístico Sertão Gerais.

Fonte: <http://www.turismo.mg.gov.br/circuitos-turisticos/informacoes-administrativas/1010--circuito-turistico-sertao-gerais>.

Resumo

Nesta aula, você aprendeu que:

- As razões das estatísticas sobre o Turismo no Brasil são precedidas de uma evolução que não é recente, tampouco pontual. Que o desenvolvimento do Turismo no país tem acompanhado, ao logo da história, e sentido os reflexos de toda a conjuntura internacional.
- No caso da Política de Turismo no Brasil, encontramos os primeiros sinais de envolvimento Estatal com a atividade turística nacional coincidindo com a maior intervenção deste na economia, na década de 30 e é a partir da década de 90, com ações intersetoriais e interinstitucionais somadas às pressões do movimento ambientalista como, por exemplo, a realização da ECO-92 no Brasil, que se inicia no país uma profunda reflexão sobre a necessidade de investimentos e políticas para o setor.
- No ano de 1992, é que se estabelecem as diretrizes da Política Nacional de Turismo baseadas na prática do Turismo como forma de promover a valorização e preservação do patrimônio natural e cultural do país e a valorização do homem como destinatário final do desenvolvimento turístico.
- Em 1994, inicia-se um processo de construção de uma diretriz nacional para a política de turismo no país, com a criação do Programa Nacional de Municipalização de Turismo (PNMT) e em 2003, o governo federal, após criar o Ministério do Turismo, que então tinha suas secretarias concentradas no Ministério dos Esportes e Turismo, lança o Plano Nacional de Turismo - PNT destacando como elemento norteador o Programa de Regionalização do Turismo: roteiros do Brasil.
- Ao preconizar a descentralização, o Plano Nacional de Turismo passa a prever a criação de pólos integrados de turismo, em áreas que estariam associadas à expansão da infraestrutura. E que ao propor a regionalização do turismo nacional, o Ministério do Turismo evidencia a possibilidade de transformação da ação para o turismo na unidade municipal a partir de uma política pública mobilizadora de planejamento e coordenação para o desenvolvimento turístico local e regional, estadual e nacional, de forma articulada e compartilhada.
- Em Minas Gerais no caso do turismo, a matriz de planejamento regional do fenômeno foi o próprio planejamento do Estado que, posteriormente, passa a ser adequado às incursões do planejamento do turismo nacional. No ano de lançamento do Plano Nacional de Turismo, em 2003, o Governo do Estado de Minas Gerais, tendo em vista a necessidade e adotar uma política de turismo para o Estado, decreta a política de turismo que dispõe sobre o reconhecimento dos Circuitos Turísticos
- No Estado de Minas Gerais, a proposta de se reunir municípios em Circuitos Turísticos nasceu da necessidade de explorar melhor o potencial turístico do Estado. Assim, várias regiões do Estado têm-se beneficiado com o turismo a partir da inserção na lógica dos Circuitos.

Atividades de aprendizagem

1. Sobre os Circuitos Turísticos é possível afirmar que:
 - a. Foram implantados em 1991;
 - b. Caracterizam a política pública de Regionalização do Turismo de Minas Gerais;
 - c. Foram implantadas com o objetivo de fomentar a política de turismo a partir da articulação de municípios com afinidades culturais;
 - d. São entidades sem fins lucrativos.

- 2) Faz parte da construção do Plano Nacional de Turismo brasileiro, exceto:
 - a. O Programa de Regionalização do Turismo;
 - b. O Programa de Construção de Hidrelétricas;
 - c. O Programa de Municipalização do Turismo;
 - d. O Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste.

Aula 5 - Introdução à Segmentação do Turismo

Até aqui foi observado que o turismo constitui-se em um fenômeno com profundas raízes históricas que acompanham a própria evolução da sociedade desde o início das viagens. Vimos que a sua consolidação enquanto uma das principais atividades econômicas da atualidade também não se deu por acaso, vários episódios ligados às dinâmicas socioeconômicas verificadas na sociedade criaram condições para sua posição de destaque não só no mercado global, mas, também ganhando atenção das esferas políticas, das universidades, do setor privado e da sociedade civil. Destacamos a partir de sua consolidação, a importância do planejamento turístico e das possibilidades de se pensar o turismo como sistemas organizados em rede. Nesse caso, possibilitando um maior entendimento sobre a formatação das políticas públicas de turismo a partir de suas especificidades, complexidades, contradições e possibilidades.

Em seguida, foi possível compreender a evolução das políticas públicas de turismo no Brasil com a implantação do Plano Nacional de Turismo e dos Planos Nacionais de Municipalização, Regionalização e Interiorização do Turismo, com destaque para o Estado de Minas Gerais que adotou a Política de Circuitos Turísticos como escala de planejamento, mobilização, indução, fomento e desenvolvimento da atividade.

Cabe ressaltar que essa parte inicial sobre as raízes que remontam as origens do turismo e as políticas públicas de turismo, apesar de observadas mais densas, constituem parte fundamental para a compreensão das próximas aulas. Isso porque, refletir e analisar elementos básicos do Ecoturismo e do Turismo Rural, segmentos em grande projeção atual no âmbito do mercado turístico, sem conhecer os caminhos que foram trilhados até a elaboração das bases para os seus desenvolvimentos, estabelece um ângulo muito reduzido acerca das suas reais importâncias. Também diminui, nesse caso, a possibilidade de compreensão e sistematização das oportunidades que anunciam.

Assim posto, iniciaremos agora alguns apontamentos introdutórios sobre a segmentação do mercado turístico, esse, cada vez mais fragmentado e ao mesmo tempo denso visto as inúmeras variedades de práticas e consumo. De acordo com Beni (2001, p. 153)

A melhor maneira de estudar o mercado turístico é por meio de sua segmentação, que é a técnica estatística que permite decompor a população em grupos homogêneos, e também a política de marketing que divide o mercado em partes homogêneas, cada uma com seus próprios canais de distribuição, motivações diferentes e outros fatores. Essa segmentação possibilita o conhecimento dos principais destinos geográficos.



Sugerimos que antes de iniciar a leitura dessa aula você possa assistir seis vídeos:

Balço do Ministério do Turismo feito em 2010 pelo então Ministro Luiz Barretto no link <http://www.youtube.com/watch?v=HdHNJC9BDMI&feature=related>

Lançamento do Plano Aquarela 2020 no link <http://www.youtube.com/watch?v=Pp9jcr3aY-c>

Vídeo Oficial do Plano Aquarela 2020 no link <http://www.youtube.com/watch?v=VBWFqtQNmW8&feature=related>

Vídeo Oficial de Promoção da Copa do Mundo 2014 no link <http://www.youtube.com/watch?v=wDvkD8r-rM8&feature=related>

Vídeo Promocional das Olimpíadas 2016 no Brasil no link <http://www.youtube.com/watch?v=24Kd5E0tDb0&feature=related>

Vídeo de Apresentação do Projeto Rio 2016 no link <http://www.youtube.com/watch?v=4zzXISzOHg8&feature=related>

ficos e tipos de transporte, da composição demográfica dos turistas, com faixa etária e ciclo de vida, nível econômico ou de renda, incluindo a elasticidade-preço da oferta e da demanda, e da situação social, como escolaridade, ocupação, estado civil e estilo de vida. O motivo da viagem, entretanto, é o principal meio para se segmentar o mercado. A segmentação traz enormes vantagens, como a economia de escala para empresas turísticas, aumento da concorrência no mercado, criação de políticas de preço e propagandas especializadas, e promoção de maior número de pesquisas científicas.

Diante do rápido crescimento do turismo em todo o mundo o comportamento do consumidor vem se alterando rapidamente e isso, obriga o setor e se organizar na elaboração de novos produtos turísticos capazes de renovar a motivação das pessoas em viajar atendendo a demanda de clientes cada vez mais exigentes e dispostos a investir em suas viagens. A elaboração de novos roteiros diante das novas necessidades, novos desejos e novas preferências dos turistas passa a orientar os processos de segmentação de mercado. Nesse caso, órgãos competentes como o Ministério do Turismo, setor privado e o mercado em geral do setor passam a elaborar estudos estratégicos para definição de perfil, preferências elaborando novos roteiros e comercializando novos destinos.

Nesse contexto, a segmentação ganha um caráter estratégico. Estudar e planejar o mercado turístico possibilita o direcionamento de roteiros e produtos turísticos já que a fragmentação dos interesses de consumo em um plano estatístico permite o direcionamento, por exemplo, de uma campanha de marketing, meios de distribuição, fatiamento de mercado, dentre outros. Segmentar possibilita o aprimoramento de um produto turístico desde sua geografia, possibilidades de transporte, direcionamento via nacionalidade, faixa etária, ocupação, nível econômico, estado civil, tipo de renda, grau de escolaridade, ou seja, permite um profundo conhecimento sobre quem procura um destino turístico. Contudo, a finalidade da viagem, o tipo de destino que é almejado constitui o principal fator facilitador e direcionador da segmentação de mercado. Sendo assim podemos concluir que a segmentação de mercado ocorre quando se conhece principalmente o destino turístico, a partir da oferta e a demanda. Que tipo de atrativos existem e, quais são de interesse, qual a infraestrutura do lugar e qual infraestrutura é esperada, quais serviços e quais produtos estão envolvidos, a demanda é individual ou coletiva. A lógica de mercado, nesse caso, destaca que um melhor conhecimento sobre os desejos do turista significa a elaboração de um produto mais qualificado, direcionado, aceitável e competitivo.

Um fato importante a ser analisado nos processos de segmentação é o efeito de coesão que sua efetivação acaba gerando. Seus reflexos em outras áreas mostram que não é apenas no mercado turístico específico que exercem influência. Naturalmente, a elaboração, implantação, monitoramento e avaliação de políticas públicas também passam a ser condicionadas

em virtude de novas demandas, preferências e vontades manifestadas pelos turistas. Evidentemente isso acarreta em novas pesquisas de mercado e científicas, reorganização de setores impactados pela atividade, surgimento de novos postos de trabalho, demanda por novos profissionais, surgimento de novos produtos, dentre outros. Nesse caso o setor público, uma vez envolvido com a segmentação cumpre um importante papel na difusão de tendências que sejam norteadoras de uma atividade turística planejada.

Diante desse quadro faz-se importante visualizar como a segmentação do mercado turístico se apresenta diante das principais demandas apresentadas pelos turistas. Não são poucos os segmentos que existem atualmente e, podemos afirmar que é crescente e cada vez mais inovador o mercado de destinos para viagens. Nesse caso, partindo dos marcos conceituais definidos pelo Ministério do Turismo, constituem como segmentos de destaques na atual situação:

- Turismo Social: é a forma de conduzir e praticar a atividade turística promovendo a igualdade de oportunidades, a equidade, a solidariedade e o exercício da cidadania na perspectiva da inclusão.
- Turismo de Sol e Praia: constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor.



Figura 18: Cidade do Rio de Janeiro, um dos principais destinos do Turismo de Sol e Praia no Brasil.

Fonte: Acervo do Autor.

- Turismo de Negócios e Eventos: compreende o conjunto de atividades turísticas decorrentes dos encontros de interesse profissional, associativo, institucional, de caráter comercial, promocional, técnico, científico e social. No turismo de negócios também pode ser inserido o chamado Turismo de Compras.

- **Turismo Cívico:** ocorre em função de deslocamentos motivados pelo conhecimento de monumentos, fatos, observação ou participação em eventos cívicos, que representem a situação presente ou a memória política e histórica de determinados locais. Este tipo de turismo abrange elementos do passado e do presente relacionados à pátria: fatos, acontecimentos, situações, monumentos referentes a feitos políticos e históricos.
- **Turismo Religioso:** configura-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas. O Turismo Religioso está relacionado à religiões institucionalizadas tais como as afro-brasileiras, espírita, protestantes, católica, as de origem oriental, compostas de doutrinas, hierarquias, estruturas, templos, rituais e sacerdócio. A busca espiritual e a prática religiosa, nesse caso, caracterizam-se pelo deslocamento a espaços e eventos para fins de: peregrinações e romarias, retiros espirituais, festas e comemorações religiosas, contemplação de apresentações artísticas de caráter religioso, eventos e celebrações relacionados à evangelização de fiéis, visitação a espaços e edificações religiosas (igrejas, templos, santuários, terreiros), itinerários e percursos de cunho religioso.
- **Turismo Místico e Turismo Esotérico:** caracterizam-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca da espiritualidade e do auto-conhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos. Há uma tendência pela busca de novas religiosidades ou nova espiritualidade, desvinculadas das religiões tradicionais, que se dá pela manifestação de crenças, rituais e práticas alternativas associadas ao misticismo e ao esoterismo. Nesse contexto, relaciona-se ao deslocamento para estabelecer contato e vivenciar tais práticas, conhecimentos e estilos de vida, que configuram um aspecto cultural diferenciado do destino turístico. Dentre as atividades típicas desse tipo de turismo, podem-se citar as caminhadas de cunho espiritual e místico, as práticas de meditação e de energização, entre outras.
- **Turismo Cultural:** compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.
- **Turismo Científico:** compreende viagens de interesse ou necessidade de realização de estudos e pesquisas científicas, portanto pode ser percebida como sendo a viagem de um cientista na busca de sua pesquisa de campo.



Figura 19: Catopês desfilando nas Festas de Agosto de Montes Claros-MG.

Fonte: Acervo do autor.

- Turismo de Estudos e Intercâmbio: constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional
- Turismo de Saúde (Médico-Terapêutico): constitui-se das atividades turísticas decorrentes da utilização de meios e serviços para fins médicos, terapêuticos e estéticos.
- Turismo da Melhor Idade: compreende um segmento de viagens especializadas para turistas com 60 anos ou mais. Destaca como objetivo viagens com destinos específicos e serviços diferenciados para fins de promover a inclusão social dos idosos.
- Turismo GLBTS: compreende viagens especializadas em atender o público de gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e simpatizantes por meio de roteiros especializados. Trata-se de um segmento de mercado incipiente no Brasil, mas que já se encontra bastante desenvolvido na Europa e nos Estados Unidos.
- Turismo Gastronômico: compreende viagens voltadas para a valorização, degustação, apreciação, promoção e divulgação da gastronomia. Situa-se no mercado de alimentos e bebidas bem como aos festivais de gastronomia que já se mostram tradicionais em todo o mundo. Situa a gastronomia como um produto turístico alvo de apreciadores da boa cozinha.
- Turismo Espacial: fenômeno recente, segmento que compreende viagens espaciais realizadas por indivíduos com propósitos não científicos, de puro lazer. Constitui um dos segmentos mais caros do mercado turístico considerando os custos de uma viagem espacial.
- Turismo de Esportes: compreende as atividades turísticas decorrentes da prática, envolvimento ou observação de modalidades esportivas.



Conheça o Programa Viaja Mais Melhor Idade do Ministério do Turismo no link <http://www.viajamais.com.br/viajamais>

- Turismo Espeleológico (Espeleoturismo): constitui um segmento voltado para turistas interessados em conhecer e explorar as potencialidades das cavernas em todas as suas complexidades. O Brasil se destaca com um rico potencial nesse segmento.



Figura 20: Desenhos Ruprestres no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu.

Fonte: Acervo do Autor

- Turismo Étnico: constitui-se das atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos. Busca-se estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Muitas vezes, tais atividades podem articular-se como uma busca pelas próprias origens do turista, em um retorno às tradições de seus antepassados. Envolve as comunidades representativas dos processos imigratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores em seu modo de vida, saberes e fazeres.
- Turismo de Pesca: compreende as atividades turísticas decorrentes da prática da pesca amadora. Vem se destacando como opção de desenvolvimento para determinadas regiões, especialmente pela capacidade de promover a conservação dos recursos naturais nos destinos turísticos.
- Turismo Náutico: caracteriza-se pela utilização de embarcações náuticas como finalidade da movimentação turística. A depender do local onde ocorre, o Turismo Náutico pode ser caracterizado como: Turismo Fluvial, Turismo em Represas, Turismo

Lacustre, Turismo Marítimo. E pode, ainda, envolver atividades como cruzeiros e passeios, excursões e viagens via quaisquer tipos de embarcações náuticas para fins turísticos.



Figura 21: Grupo de Turistas se prepara para descida de rafting no Rio São Francisco.

Fonte: Acervo do autor.

- Turismo de Aventura: primeiramente entendido como uma atividade associada ao Ecoturismo, o segmento de Turismo de Aventura, atualmente, possui características e consistência mercadológica própria e, conseqüentemente, seu crescimento vem adquirindo um novo enfoque de ofertas e possibilidades. Compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo as atividades de aventura pressupõem determinado esforço e riscos controláveis, e que podem variar de intensidade conforme a exigência de cada atividade e a capacidade física e psicológica do turista. Isso requer que o Turismo de Aventura seja tratado de modo particular, especialmente quanto aos aspectos relacionados à segurança. Devem ser trabalhadas, portanto, diretrizes, estratégias, normas, regulamentos, processos de certificação e outros instrumentos e marcos específicos.
- Turismo Ecológico (Ecoturismo): é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.
- Turismo Rural: é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo

do o patrimônio cultural e natural da comunidade. Pode ser explicado, principalmente, por duas razões: a necessidade que o produtor rural tem de aumentar sua fonte de renda e de agregar valor aos seus produtos; e a vontade dos moradores urbanos de encontrar e reencontrar raízes, de conviver com a natureza, com os modos de vida, tradições, costumes e com as formas de produção das populações do interior.



Figura 22: Ambiente Rural do Norte de Minas.

Fonte: Acervo do Autor.

Cabe ressaltar que não necessariamente a tipologia de uma viagem exclua a possibilidade de outras experiências em um mesmo destino. Também cabe o entendimento acerca da condição cultural expressa nas viagens. Se assim bem entendemos, podemos dizer que todas as viagens são culturais. Não é difícil de imaginar, por exemplo, que em uma viagem Ecoturística, o turista possa praticar um esporte de aventura, conhecer as ruínas de uma antiga igreja, passear de barco em um rio, pescar, pernoitar em uma comunidade tradicional, apreciar a culinária local e participar de uma ação de cidadania. Nesse caso, se levarmos em conta a possibilidade de avaliação via segmentação de mercado encontraríamos no exemplo oito segmentos bem definidos.

É importante destacar que a segmentação situa-se antes de tudo no universo do planejamento turístico para fins de direcionar e melhor compreender as dinâmicas de mercado. Como vimos são muitos os segmentos turísticos, existem outros tantos, alguns mais exóticos outros mais comuns. Já participa, por exemplo, do universo de viagens exóticas, o denominado

Turismo de Guerra, onde turistas buscam conhecer áreas inóspitas, perigosas ou devastadas por guerras. Também existem turistas que optam por um segmento bastante expressivo voltado para a visitação de cemitérios, especialmente aqueles onde foram sepultadas personalidades famosas.

Sendo assim, chegamos ao fim de mais uma aula. Aqui vocês observaram que a complexidade do turismo se amplia à medida que ampliam suas possibilidades. Considerando que o mercado turístico é crescente, naturalmente será crescente seu universo de atuação. O fato é que todo esse conteúdo dialoga com a proposta do Curso de Agronegócio e, nesse caso estaremos a partir de agora focando nossas reflexões e análises acerca de dois importantes segmentos específicos do mercado turístico, o Ecoturismo e o Turismo Rural. Segmentos estes que dialogam permanente com ambientes naturais e práticas ao ar livre. Trata-se de uma imersão em duas áreas que não menos complexas se suportam em diretrizes bastante específicas de planejamento, gestão e monitoramento. Constituem duas áreas promissoras no Brasil por vários motivos dos quais se destacam a riqueza da biodiversidade e visão sobre novos negócios.



Para aprofundar no assunto faça download dos Cadernos de Marcos Conceituais e Manuais de Segmentação do Ministério do Turismo no link http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/publicacoes/cadernos_publicacoes/14manuais.html

Resumo

Nessa aula você aprendeu que:

- O mercado turístico é cada vez mais fragmentado visto as inúmeras variedades de práticas e consumo. Diante do rápido crescimento do turismo em todo o mundo, o comportamento do consumidor vem se alterando rapidamente e isso, obriga o setor e se organizar na elaboração de novos produtos turísticos capazes de renovar a motivação das pessoas em viajar atendendo a demanda de clientes cada vez mais exigentes e dispostos a investir em suas viagens.
- Nesse caso, órgãos competentes como o Ministério do Turismo, setor privado e o mercado em geral do setor passam a elaborar estudos estratégicos para definição de perfil, preferências elaborando novos roteiros e comercializando novos destinos.
- A melhor maneira de estudar o mercado turístico é por meio de sua segmentação de mercado, que é a técnica estatística que permite decompor a população em grupos homogêneos, e também a política de marketing que divide o mercado em partes homogêneas, cada uma com seus próprios canais de distribuição, motivações diferentes e outros fatores.
- Estudar e planejar o mercado turístico possibilita o direcionamento de roteiros e produtos turísticos já que a fragmentação dos interesses de consumo em um plano estatístico permite o direcionamento, por exemplo, de uma campanha de marketing, meios de distribuição, fatiamento de mercado, dentre outros.
- A lógica de mercado, nesse caso, destaca que um melhor conhecimento sobre os desejos do turista significa a elaboração de um produto mais qualificado, direcionado, aceitável e competitivo.

- Não são poucos os segmentos que existem atualmente e, podemos afirmar que é crescente e cada vez mais inovador o mercado de destinos para viagens. Nesse caso, constituem como alguns dos segmentos de destaques na atual situação: Turismo Social, Turismo de Sol e Praia, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo Cívico, Turismo Religioso, Turismo Místico e Turismo Esotérico, Turismo Cultural, Turismo Científico, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo de Saúde (Médico-Terapêutico), Turismo da Melhor Idade, Turismo GLBTS, Turismo Gastronômico, Turismo Espacial, Turismo de Esportes, Turismo Espeleológico (Espeleoturismo), Turismo Étnico, Turismo de Pesca, Turismo Náutico, Turismo de Aventura, Turismo Ecológico (Ecoturismo), Turismo Rural.

Cabe ressaltar que não necessariamente a tipologia de uma viagem exclua a possibilidade de outras experiências em um mesmo destino. Também podemos afirmar que todas as viagens são culturais.

Atividades de aprendizagem

1) Sobre o Ecoturismo, enquanto segmento do mercado turístico, assinale a afirmativa incorreta:

- a. Deve ser praticado de forma sustentável;
- b. Não objetiva o bem-estar das populações visitadas;
- c. Busca a formação de uma consciência ambientalista;
- d. Preza pela valorização do patrimônio natural e incentiva a conservação;

2) Sobre o Turismo Rural, assinale a afirmativa incorreta:

- a. Não pode ser considerado um segmento turístico por não estar voltado para as áreas urbanas;
- b. Trata-se de uma atividade turística comprometida com a produção agropecuária;
- c. Pode ser explicado pela necessidade do produtor rural de agregar valor aos seus produtos;
- d. Aponta para a necessidade dos moradores urbanos de encontrar e reencontrar raízes, de conviver com a natureza, com os modos de vida, tradições, costumes e com as formas de produção das populações do interior.

Aula 6 - Introdução ao Ecoturismo

O Ecoturismo é uma modalidade de turismo que está diretamente voltada as questões ecológicas e ao meio ambiente. Credita-se a Ceballos-Lascuráin, em 1987, a primeira definição formal:

Ecoturismo é viajar para áreas naturais conservadas e não perturbadas com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a paisagem e suas plantas e animais, assim como quaisquer outras manifestações culturais - passadas e presentes - nestas áreas encontradas. (INSTITUTO ECOBRASIL).

Destacamos a necessidade da constituição de um Ecoturismo de mínimo impacto para os atores locais e visitantes, além das instituições envolvidas na infraestrutura e nas políticas públicas. De acordo com o Ministério do Turismo:

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações. (BRASIL, 2010, p.17)

Minimizar impactos é ater de forma sustentável as atividades e modalidades sobre o meio, observando os elementos entre a harmonização de qualidade e quantidade. A preservação e a conservação são concepções instituídas meio ao desenvolvimento sustentável.

O Ecoturismo oferece aos seus participantes, a fotografia da luz exata e natural; a observação da flora e a fauna local; o contato com a cultura dos autóctones; as ações e modalidades desportivas para o relaxamento e momentos de adrenalina, assim como a condição de poder perceber o universo de percepções da natureza.

A partir da concepção do conceito de Ecoturismo podemos verificar que existem muitas modalidades que envolvem essa segmentação do Turismo. Pode-se classificar em Ecoturismo praticado na Terra, no Ar e nas Águas. No Brasil o Ecoturismo está envolvido diretamente com o esporte ao ar livre. As áreas de praticas ecoturísticas envolvem as praias, campos e montanhas. Esses lugares apresentam peculiaridades para cada uma das práticas escolhidas. Com a criação de áreas de conservação e preservação da biodiversidade, muitos parques (Unidades de Conservação-UC) apresentam áreas públicas e estão diretamente relacionadas ao Ecoturismo. Veja no gráfico abaixo os motivos de visitasões nas UC's.

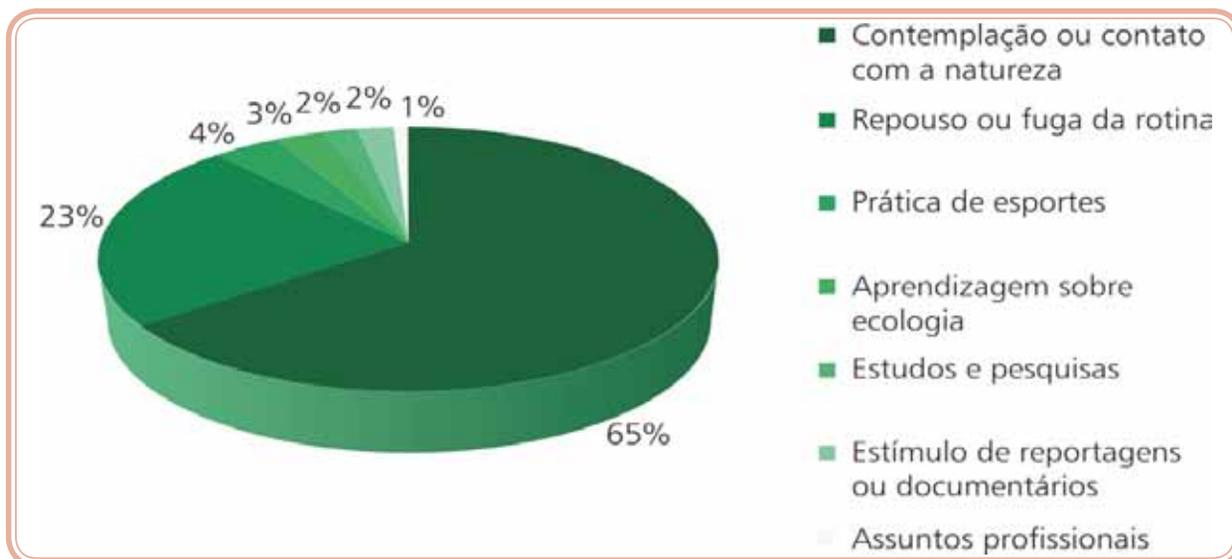


Gráfico 1: Motivação para visita às Áreas Protegidas.

Fonte: EMBRATUR & FIPE. Estudo sobre o Turismo praticado em Ambientes Naturais Conservados. 2002.



Na próxima aula iremos estudar os recursos e potencialidades naturais, assim você poderá identificar quais as modalidades poderão ser investidas para tornarem-se produtos.

Iremos detalhar cada uma dessas classes caracterizando as suas principais modalidades.

6.1 Ecoturismo na Terra

As modalidades praticadas na Terra envolvem: Caminhadas em Trilhas - Trekking; Mountain Bike-Ciclo turismo; Rally, Enduro e Off-Road; Contemplação e Fotografia; Cavalgada-tropeirismo.

6.1.1 Caminhadas em Trilhas - Trekking

As caminhada ao ar livre proporciona inspiração e liberdade. É um exercício aeróbico que pode ser realizado por turistas de todas as idades. O tempo de duração e o percurso deve ser estipulado conforme as peculiaridades do grupo. O vestuário indicado para uso na trilha deve ser previamente planejado. É importante que se destaque a capacidade de carga das trilhas. Em parques, muitas trilhas não passam pelo manejo adequado o que causa erosão dificultando assim a caminhada. O guia local é responsável pelo grupo. É importante que se faça uma prévia para melhor conhecer os participantes como por exemplo sobre quem já pratica, quem é alérgico, quem pode ajudar em casos especiais e outros. A alimentação é indispensável e sempre regada de muita água e bom humor.



Turismo de Aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo. Ou seja, são atividades que envolvem riscos avaliados, controlados e assumidos. BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Marcos Conceituais. Brasília, 2008. 56 p. Acesso: 28.09.2011



Figura 23: Trekking na Serra Geral de Minas (2010).
Foto: Eduardo Gomes.

6.1.2 Mountain Bike - Ciclo Turismo

São duas modalidades diferentes mas que podem se completar. A primeira está direcionada as trilhas de montanhas e encostas. Já a outra basicamente em estradas. Ambas merecem muita atenção no planejamento e uso adequado de equipamentos. O percurso estipulado é de fundamental importância já que podem acometer de pequenas, médias e longas distâncias. Em específico as trilhas são locais não ultrapassando as vezes em 30 km. Diferente do ciclo que pode atingir centenas de Kilômetros. É importante lembrar que a bicicleta é um equipamento essencial, tendo total importância com o vestuário e alimentação. Pedalar é preciso...

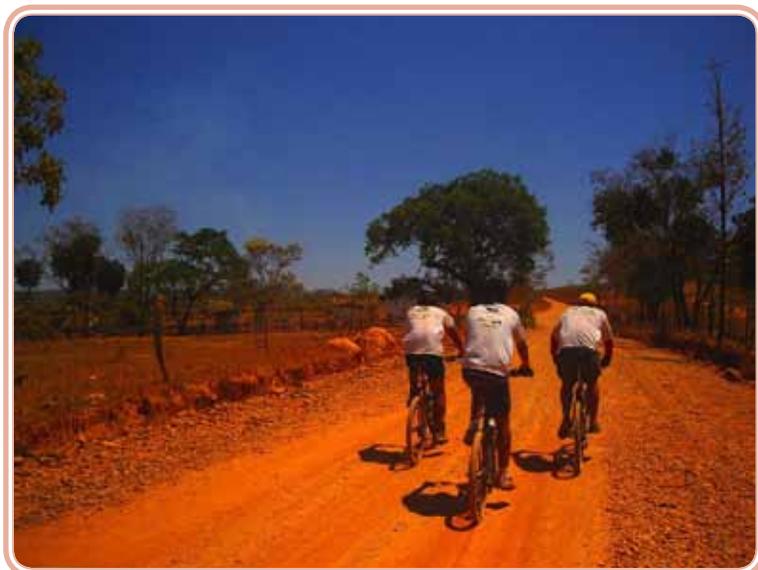


Figura 24: Grupo de Mountain Bike Sertão Calango durante travessia no município de Montes Claros-MG.
Foto: Acervo do Autor.

6.1.3 Rally, Enduro e Off-Road

Essas modalidades acontecem sobre veículos de quatro rodas traionados ou motocicletas. As estradas e trilhas devem ser planejadas com antecedência. É importante que o veículo esteja em perfeito estado de funcionamento e seus condutores cientes das condições de segurança. São utilizadas áreas declivosas e pantanosas nos trechos para dificultar o acesso.

6.1.4 Contemplação e Fotografia

É uma atividade que pode ser aliada a pesquisa, observação de animais e da paisagem. A fotografia é o registro utilizado como hobby.

6.1.5 Cavalgada -Tropeirismo

São passeios ao ar livre em lombo de animais (equinos e muare) Exige uma habilidade de montaria e domínio do animal. O vestuário segue a moda rural - country. A logística dessa atividade requer transporte dos animais dependendo das distâncias percorridas.



Figura 25: Cavalgada em Paredão de Minas (Buritizeiro-MG).

Fonte: Disponível em < http://www.ciadeandar.tur.br/fotos/galeria_cia/gal/fotos.php#img/foto_18.jpg> visitado em julho de 2011.

6.2 Ecoturismo no Ar

As modalidades praticadas no Ar envolvem: Paraquedismo; Balonismo; Vôo Livre; Parapente (paraglider); Passeios de Aeronaves;

6.2.1 Paraquedismo

É realizado o salto em queda livre duplo com paraquedas. É uma modalidade de alto risco que requer preparação psicológica e muita experiência do instrutor. As normas técnicas de segurança devem ser seguidas fielmente. A frequência em saltos habilita o instrutor. A atividade depende exclusivamente das condições meteorológicas.

6.2.2 Balonismo

O balão içado com um grande cesto serve de transporte para um grupo de pessoas. A contemplação faz parte dessa aventura. A segurança do grupo está sobre a responsabilidade do balonista guia-condutor.

6.2.3 Vôo Livre - Asa-Delta

O vôo de Asa-Delta também é realizado com todo rigor de segurança. O guia-condutor faz um treino preparo com o seu “passageiro” no passeio duplo. O vôo de contemplação pode ser filmado ou fotografado para o turista. A segurança também está sobre as condições meteorológica local.



Figura 26: Asa-Delta.
Foto: Acervo dos autores

6.2.4 Parapente-Paraglider

O estilo do vôo duplo também requer o total conhecimento sobre o equipamento e as condições meteorológica. A contemplação é o momento da aventura radical.



Figura 27: Parapente-Paraglider.
Foto: Acervo dos autores.

6.2.5 Passeios de Aeronaves

É um estilo de turismo mais sofisticado, acontece geralmente em grandes centros urbanos, sobrevoando os principais pontos turístico. O helicóptero é a a proporciona a visão facilitada dos pontos visitados.

6.3 Ecoturismo na Água

As modalidades praticadas na Água: Surf; Canoagem; Mergulho; Rafting; Flutuação; Vela; Windsurf.

6.3.1 Surf

Surfar sobre uma onda é uma forma radical de estar liberando adrenalina no meio aquático. No litoral multiplica-se a quantidade de escolinhas para aprendizagem da atividade aventureira. É importante que o turista siga todas as instruções do professor-orientador. Além da prancha o vestuário é de fundamental importância para a prática em função das águas mais frias. O colete salva-vidas é peça fundamental para os iniciantes.



Figura 28: Surf.

Foto: Disponível em < http://2.bp.blogspot.com/-xjv352LnZR0/TdxKtEx1yhI/AAAAAAAAAYQ/93Z0DCeWY_4/s1600/diana+cristina.jpg> visitado em junho de 2011.

6.3.2 Canoagem

A canoagem pode ser praticada tanto nos rios, lagoas e mesmo no mar. O caiaque é o principal equipamento, sendo apresentado em vários modelos. O modelo turístico é aberto e facilita o praticante a entrar e sair de forma fácil e rápida para bons banhos durante o percurso. É importante lembrar que o colete salva-vidas e capacetes fazem parte do conjunto principalmente em corredeiras.

6.3.3 Mergulho

É uma prática submarina realizada com auxílio de equipamentos especializados e seguros. O conhecimento desses equipamentos requer a instrução de profissionais experientes. Existem cursos de longa duração para os turistas que desejam “ir mais fundo”. O “batismo” de mergulho é uma forma de conhecer o fundo do mar e suas belezas sem necessariamente realizar o curso. É seguro, rápido e realizado em águas rasas com o auxílio dos instrutores.

6.3.4 Rafting

É a descida de rios em áreas encaixilhadas ou de corredeiras sobre um bote inflável. O treinamento prévio de técnicas de resgate deve ser executado além de alguns tipos e estilos de remadas e comportamentos de segurança devam ser seguidos. O capacete e o colete são obrigatórios na descida. O guia conduz o bote com o leme enquanto os demais remam.



As Normas Técnicas são documentos “estabelecidos por consenso e aprovados por um organismo reconhecido, que fornecem, para uso comum e repetitivo, regras, diretrizes ou características para atividades ou seus resultados, visando à obtenção de um grau ótimo de ordenação em um dado contexto”. No Brasil é a ABNT - Associação Brasileira de Normas e Técnicas. A principal ABNT utilizada para o Ecoturismo no que tange a segurança é a - ABNT NBR 15331 - Turismo de aventura - Sistema de Gestão de Segurança - Requisitos - Norma que define os requisitos necessários para gerenciar os riscos e sistematizar os procedimentos de segurança. Toda empresa de turismo de aventura do país deve conhecer e seguir esta norma como referência. Fonte: (<http://www.ecobrasil.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm> e <http://www.abeta.com.br/aventura-segura/campanha/final/pgn.asp> Acesso em 28.09.2011)

6.3.5 Flutuação

É uma modalidade de mergulho na superfície com o corpo boiando na lâmina d'água. O colete salva vidas, snorkel, óculos e nadadeiras são essenciais para a prática. A essência da atividade é ficar observando o fundo do rio e observando a sua fauna ictia sem tocar e remover no fundo para não sujar e levantar sedimentos na água.

6.3.6 Vela ou latismo

É o uso de barcos em que o deslocamento se faz pela força propulsora do vento. A aprendizagem de uso de pequenos equipamentos e principalmente a circulação sobre a embarcação é de fundamental importância. O uso de equipamentos de segurança é imprescindível.

6.3.7 Windsurf

É a união do surf com a vela. Na prática em águas mais frias o vestuário de neoprene é essencial.

6.3.8 Bóia Cross

É um tipo de descida mais radical em rios e corredeiras. Com o desenvolvimento da atividade, as bóias tornaram-se cada vez mais seguras com pontos de apoio para as mãos. O capacete e o colete salva-vidas é imprescindível. É importante verificar todo o trajeto para conhecer o nível das corredeiras. No caso do turismo o nível deve ser o mais baixo.

Ao apresentarmos todas essas atividades dentro das modalidades reinteramos com o gráfico abaixo:

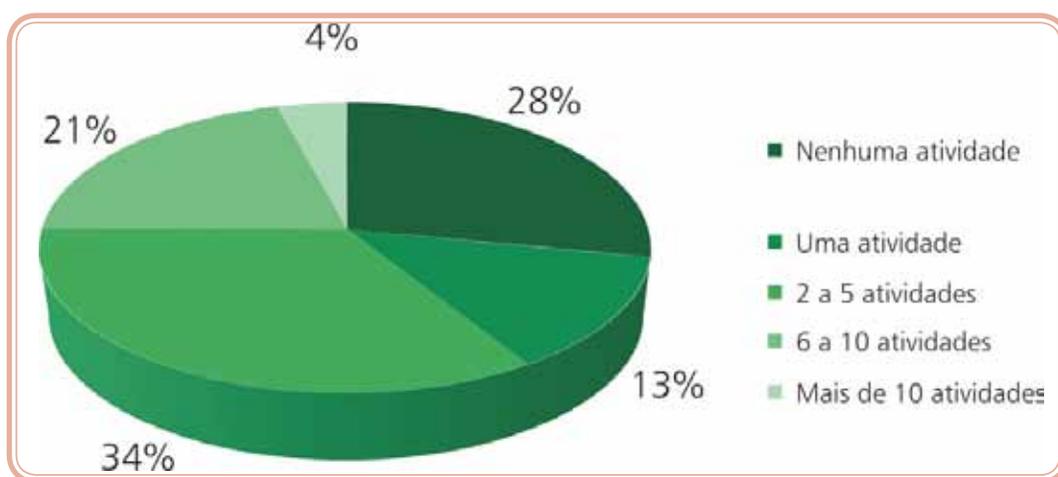


Gráfico 2 - Número de atividades praticadas.

Fonte: Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil. Ministério do Turismo & ABETA. 2009.

6.4 Modalidades Mistas

Escaladas; Rapel; Espeleoturismo; *Canyoning*; *Bungee Jumpe*; Arvorismo; *Skysurf*; *Kite Surf*; Corrida de Orientação; *Snowboard*; *Sky*.

6.4.1 Escaladas

É uma atividade praticada em rocha ou mesmo em paredes artificiais (muros de escaladas). O praticante estará seguro por uma corda afixada em uma cadeirinha (baudrier) com segurança realizada por um terceiro. Escalar é uma prática que exige técnicas e boa utilização dos equipamentos de segurança, mas pode ser realizada por turista de forma a melhorar o condicionamento físico. Existem várias modalidades de escaladas, inclusive no gelo. A presença de um guia-orientador é imprescindível para a atividade.

6.4.2 Rapel

O rapel é uma técnica de descida em rocha, vãos livres (ou negativos), cachoeiras e mesmo em cavernas. Para realizá-lo é necessário o conhecimento de técnicas verticais onde cordas, cadeirinhas, mosquetões, vários tipos de freios, blocantes e ascensores compõem o conjunto. No vestuário, acrescenta-se o capacete, luvas e sapatos antiderrapantes. A comunicação entre o participante (turista) e no mínimo dois guias são indispensáveis (o primeiro guia irá preparar o turista para a descida e o outro receberá fazendo a segurança na parte de baixo).

6.4.3 Espeleoturismo

É a visitação em cavernas com o guia especializado já que a atividade oferece riscos. A cavidade natural subterrânea - caverna é um ambiente sensível onde é importante ser realizado a avaliação de suporte de carga. Os equipamentos como capacetes de iluminação, macacão e botas compõem a segurança com materiais de técnicas verticais.

6.4.4 *Canyoning*

É na verdade um rapel em cachoeiras onde o conhecimento e experiência de técnicas verticais devam ser mais apurados.

6.4.5 *Bungee Jumpee*

É uma modalidade de total adrenalina onde o turista se “joga” em um vão livre dependurado em uma corda elástica. É importante certificar da qualidade do equipamento e experiência com a atividade. Muitos agenciadores já usam colchão inflável no solo, minimizando riscos ampliando assim a segurança para o praticante.

6.4.6 Arvorismo

É o uso de técnicas verticais utilizada em plataformas afixadas em árvores. O turista efetua um circuito com graus de dificuldade diferente. Existem tirolesas, passarelas, pontes que balançam como obstáculos. O termo arborismo também é utilizado para essa prática. As regras de segurança devem ser seguidas com total critério.

6.4.7 Skysurf-Kite Surf

É a união de um pára-quedas que utiliza uma prancha como ponto de segurança para as acrobacias e loopings. A atividade está condicionada a meteorologia. Durante a prática, a segurança e a boa utilização dos equipamentos deve-se associar a inúmeras técnicas de manobras.

6.4.8 Corrida de Orientação

É uma atividade desportiva que associa a caminhada e a corrida com leitura de mapas para se orientar. É importante que seja bem planejado e que exista sempre uma equipe de apoio e logística para eventuais incidentes.

6.4.10 Snowboard

É a utilização de uma prancha (modelo skate) para descida em locais íngremes sobre a neve. O vestuário para baixas temperatura é indispensável, além de capacete e proteções nas articulações e juntas. É importante conhecer o trecho que será percorrido para eventuais “deslizes”.

6.4.11 Ski-esqui

É um tipo de descida em locais íngremes sobre a neve. A descida é realizada sobre duas botas acopladas sobre finas pranchas e bastões para o equilíbrio na realização das manobras. O vestuário para baixas temperaturas e proteções como capacete são essenciais.

Já citadas e discutidas as modalidades, apresentaremos algumas dicas para o bom desempenho das atividades. Essas modalidades devem se apresentar com todo rigor de segurança e saúde para os seus praticantes. A atividade e prática de cada uma delas deve ser supervisionada por membros capacitados e experientes. Seguem algumas dicas básicas:

1. Procure atividade compatível com o seu desempenho físico e sua adequação às despesas.
2. Organize e planeje bem a duração de suas atividades, saída, chegada, onde hospedar e alimentar.
3. Informe-se das condições climáticas no período da atividade.

4. Tenha sempre contatos como: da pousada ou hotel; de familiares e amigos; defesa civil, polícia ou bombeiros; gerência dos parques.

5. Siga sempre todas as regras de segurança dos agentes capacitadores e experientes.

6. Utilize os equipamentos de segurança necessários às práticas e tenha conhecimento de como utilizá-los.

7. Tenha em mãos os primeiros socorros e saiba manuseá-los.

8. Não pratique atividade com grupo inferior a 3 componentes, pois em caso de acidente uma vai buscar ajuda e a outra fica no auxílio da vítima;

9. Tenha sempre em mãos um mapa local ou regional.

10. Não se aventure, esteja preparado psicologicamente para suas atividades, solicite da agência o termo de compromisso com seguro e eventuais problemas.

Para que essas dicas realmente tenham cumprimento é importante destacar o esquema abaixo, valorizando assim as práticas.

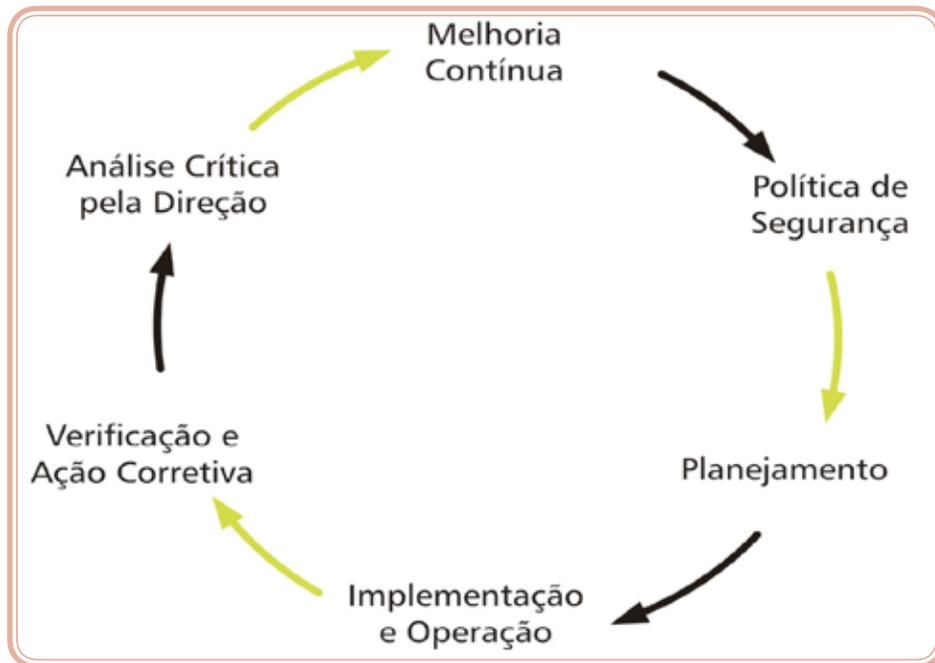


Figura 29: Esquema do ciclo PDCA.

Fonte: Disponível em: <http://www.ecobrasil.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start> . Acesso em 28.09.2011.



“Em cada uma das modalidades classificadas existem inúmeras regras para serem seguidas fielmente pelos novos e mesmo experientes aventureiros”



Consulte o site: www.abeta.com.br , nele existe um rico material de Ecoturismo e Esportes de Aventura.

Resumo

Contemplamos no tópico 6 as diversas modalidades praticadas no Ecoturismo, sendo elas na Terra, no Ar e nas Águas e como devemos comportar diante dessas situações para minimizarmos os impactos sobre o meio ambiente.

Nesta aula, você aprendeu:

- As modalidades de Ecoturismo praticadas na Terra, no Ar, na Água e Mistos;
- Onde praticar as suas atividades relacionadas as modalidades;
- Sobre a relação do Ecoturismo com as Unidades de Conservação-UC;
- Dicas de segurança.

Atividades de aprendizagem

1. São modalidades de ecoturismo, exceto

- a. Bungee Jumpee e Arvorismo.
- b. Basquete e basebol.
- c. Escaladas e Rapel.
- d. Espeleoturismo e corridas de orientação.

2. Assinale a afirmativa incorreta. Ecoturismo é um segmento da atividade turística que:

- a. Utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural.
- b. Utiliza, de forma sustentável, o patrimônio cultural.
- c. Incentiva a conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista.
- d. Não promove o bem-estar das populações.

Aula 7 - Introdução ao Turismo Rural

O Turismo Rural é mais uma variante de oferta do Turismo. Segundo Beni (2001, p. 428) “O turismo rural tem características próprias bem definidas”, é uma concepção de Turismo que também se baseia no SISTUR - Sistema de Turismo. No sistema Ecológico (o meio rural); o Econômico (atividades ligadas as criações, agricultura, demandas de hotéis); Social (na estrutura familiar) e no Cultural (nas tradições e costumes do homem do campo).

Para o Ministério do Turismo, Turismo Rural (2010):

Todas as atividades praticadas no meio não urbano, que consiste de atividades de lazer no meio rural em várias modalidades definidas com base na oferta: Turismo Rural, Turismo Ecológico ou Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo de Saúde, Turismo Cultural, Turismo Esportivo, atividades estas que se complementam ou não.

Fonte: GRAZIANO DA SILVA, José et al. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J.A. et al.(Org.). Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Santa Maria: Centro Gráfico,1998:14.

No Brasil o campo (aspecto físico) e o rural (concepção sócio-cultural) podemos identificar o Turismo Rural com duas características:

- a **primeira** é agregar valor nas condições já existentes no meio, como patrimônio arquitetônico; são os espaços denominados de fazenda hotéis;
- a **segunda** é desenvolver em propriedades ainda não produtivas as condições para a recreação e lazer e pousadas; são os espaços denominados de hotéis fazenda.

Alguns vários fatores ajudam a entender as razões pelas quais muitas localidades têm buscado este segmento, interessadas na dinamização social e econômica de seus territórios rurais e em benefícios como:

- Diversificação da economia regional, pelo estabelecimento de micro e
- pequenos negócios;
- geração de novas oportunidades de trabalho e renda;
- incorporação da mulher ao trabalho remunerado;
- agregação de valor ao produto primário;
- diminuição do êxodo rural;
- melhoria da infraestrutura de transporte, comunicação e saneamento no meio rural;
- melhoria dos equipamentos, dos bens imóveis e das condições de vida das famílias rurais;
- interiorização do turismo;
- conservação dos recursos naturais e do patrimônio cultural;
- promoção de intercâmbio cultural e enriquecimento cultural;



Em virtude da inexistência de uma definição mundialmente consolidada, bem como de um consenso quanto à totalidade de seus elementos constituintes, há dificuldade em investigar e obter dados sobre Turismo Rural .
Fonte: LOTTICI KRAHL, Mara Flora. Turismo Rural: conceituação e características básicas. Dissertação de Mestrado. Brasília: GEA/IH/UnB, 2003: 45.

- integração das propriedades rurais e comunidade local;
- valorização das práticas rurais, tanto sociais quanto de trabalho;
- resgate da auto-estima do campestre.

Fonte: BRASIL, Ministério do Turismo. Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil. Brasília: Ministério do Turismo, 2003:9 e MARTINEZ E MONZONIS 2000 apud TULIK, Olga. Turismo Rural. São Paulo: Aleph, 2003:51. Coleção ABC do Turismo. 2ª Edição.



Campestre:
relativo ou pertencente
ao campo.

As características se relacionam com as fazendas hotéis (que são estruturas que apresentam as condições naturais de uma propriedade fazendária em suas atividades cotidianas como a pecuária e a agricultura) e a outra os hotéis fazendas, que são constituídos de uma cadeia produtiva e infraestrutura de verdadeiros hotéis no meio rural, agregando valor assim na propriedade.

As atividades são inúmeras nessas situações, sendo na **primeira:**

- reconhecimento de patrimônio arquitetônico como casarões do séculos passados;
- casas de engenhos que mostram a identidade da cultura econômica de uma época;
- currais de madeiramento antigo e de construção típica;
- igrejas e capelas que pertenciam às comunidades ou famílias locais;
- cemitérios que constituem a configuração de um ciclo da comunidade, representando as famílias e os anos que ali viveram;
- trilhas e caminhos de pedras, calçadas por escravos;
- Instituições que eram abrigadas nos casarões antigos em estações ferroviárias;
- pontes antigas, muitas de ferro e arquitetura importadas da Europa;
- maquinários que moviam o processo maquinofatureiro de época;
- resquícios de sítios arqueológicos de constituição moderna, com materiais cerâmicos ou mesmo utensílios pessoais de famílias.
- serviço de café tradicional em estilo de época com resgate de culinária;
- acompanhamento de atividades rotineiras; e demais.



Consulte o site: ABTR -
Associação Brasileira de
Turismo Rural - <<http://www.abtr.com.br/>>;
nele você encontrará
alguns roteiros.

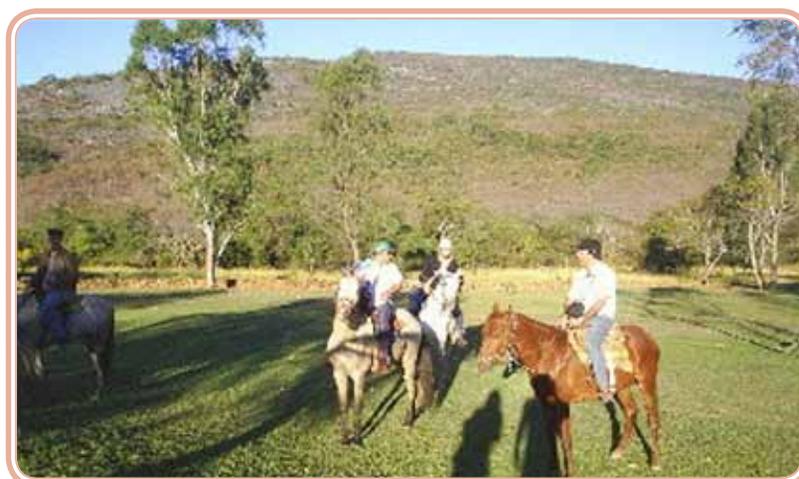


Figura 30: Atividades de Cavalgada e Recreação no âmbito do Hotel

Fonte: Disponível em <<http://www.hotelaguasdesantabarbara.com.br/galeria/hotel/index.html>>. Acesso em 06/2011.

Já na **segunda** situação temos:

- pesque e pague, formação de lagoas e represas para a atividade;
- *play-ground* para atividade de recreação infantil;
- passeios de charretes;
- passeios a cavalo ou cavalgadas em longa distância;
- caminhadas em trilhas roteirizadas;
- receptivos de educação ambiental;
- atividade de coleta de hortaliças;
- ordenhas em animais;
- flutuação ou mergulho em rios;
- muros de escalada artificial;
- serviço de restaurante;
- fotografias locais;
- atividade de arvorismo;
- trilhas ecológicas e outras mais.

Destacamos que essas duas condições apresentam públicos alvo diferenciados. O **primeiro** voltado ao processo de pesquisa histórica e reflexão sobre as atividades relacionadas e o **segundo** público com condições mais relacionadas à cidade e costumes urbanos.

Atualmente pode-se identificar no processo econômico um crescimento relativo tanto das fazendas hotéis como dos hotéis fazendas. São nichos mercadológicos que ampliam a sua cadeia produtiva envolvendo cada vez mais um número maior de atores diretos e indiretos. O processo de capacitação das pessoas nessa área abrange a comunidade tanto no primeiro como no segundo caso.

Em ambos os casos é importante destacar a relação que deve-se ter com a comunidade local, respeitando sua cultura e modo de vida. Tem que haver uma reciprocidade entre as duas características, concebendo assim um único espaço em prol do turismo.

Os roteiros designados em cada um dos espaços devem seguir os critérios em função de suas singularidades temáticas.

Muitos Circuitos já roteirizados em nosso país, como exemplo no Estado de Minas Gerais, existem Certificados de Produtos, garantindo assim a qualidade e identidade local. O Queijo Canastra, da região da Serra, é um produto que oferece essas condições.

As práticas de gestão sobre o meio ambiente estão diretamente relacionadas com essas atividades. A coleta seletiva de lixo; tratamento de efluentes, uso de alternativas de energia, cuidados com as fontes de água, e cuidados com o desmatamento e queimadas são os principais pontos a serem observados no Turismo Rural.

A gastronomia local é um dos principais segmentos explorados no Turismo Rural, valorizando a História a partir do resgate de receitas, desenvolvendo assim associações comunitárias que desenvolvem projetos juntamente instituições da área.

O patrimônio tanto material quanto imaterial passa a ser identificado como uma riqueza cultural de grande valia, tanto para os moradores ru-

rais quanto para os visitantes. Destacam-se as casas antigas com arquitetura singular de cada momento e lugar.

É importante ressaltar que o turista que ver e sentir “a realidade”, o modo de vida, assim destaca-se as condições locais em manter-se na identidade de seus cotidianos e buscando os traços modernos de conforto e bem estar para o visitante.



Consulte o site e navegue nas informações, conhecendo assim a relação que o Turismo tem com as políticas públicas governamentais como o ICMS Turístico: <<http://www.turismo.mg.gov.br>>.

Resumo

Nesse tópico identificamos o Turismo Rural e suas principais características.

O olhar no campo e o olhar sobre o campo e suas peculiaridades.

- Destacamos as condições das fazendas que se transformam em hotéis pelas condições já existentes;
- dos espaços rurais que se transformam em Hotéis de condições diferenciadas nos equipamentos e infra-estruturainfraestrutura.

Atividades de aprendizagem

1. Sobre o Turismo Rural, podemos afirmar que:

- a. É mais uma variante de oferta do Turismo.
- b. É um segmento de pouco valor para a cadeia produtiva do turismo.
- c. É uma concepção de Turismo que também se baseia no SISTUR - Sistema de Turismo.
- d. A gastronomia local é um dos principais segmentos explorados no Turismo Rural.

2. Sobre o Turismo rural, podemos afirmar que, exceto:

- a. Valoriza a história a partir do resgate de receitas.
- b. Valoriza o patrimônio material e imaterial como riqueza cultural.
- c. Valoriza a poluição dos recursos hídricos.
- d. Valoriza a arquitetura singular de cada localidade.

Aula 8 - Levantamento e análise dos recursos naturais com potencialidades para o Ecoturismo

A diversidade na natureza em seus aspectos fisionômicos é vasta, mas basicamente iremos discutir os que estão diretamente relacionados com o Ecoturismo. Na Geomorfologia (forma de Relevo) podemos apresentar:

As Cordilheiras, que são grandes cadeias de montanhas em altitudes elevadas. Essas apresentam neves em seus topos durante quase todo o ano em caso de algumas. O Brasil não apresenta essa formação, mas os países vizinhos da América do Sul são cortados pela Cordilheira dos Andes.



Figura 31: A Cordilheira na fronteira Chile. - Argentina.

Fonte: Disponível em <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/argentina/cordilheira-dos-andes.php>>. Acesso em 06/2011.

As Montanhas são altitudes modestas e apresentam formas de tabuleiros, mesetas, também arredondadas. O Planalto Central Brasileiro apresenta essas formas em Chapadões, muitos desses apresentando grandes cachoeiras. O *Trekking* ou mesmo Vão são muitos utilizados. Nessas áreas podemos encontrar a vegetação do Bioma Cerrado com suas particularidades, como nas altitudes os campos rupestres e campinas.



Figura 32: Campina do Bananal - Botumirim-MG.

Fonte: Disponível <http://www.panoramio.com/photo/16461116>, visitado em junho de 2011.

As Serras se apresentam em todo país, algumas com altitudes médias como no Planalto Central Atlântico - A Serra do Mar, e outras menos elevadas como Os mares de morros entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. A riqueza da flora e da fauna podem ser identificadas como um produto turístico a ser estudado ou mesmo contemplado. As fontes de rios são em grande números e conseqüentes cachoeiras, o que possibilita inúmeras atividades desportivas. A moradia e pousadas de montanhas estilo europeu, são retratadas nessas Serras, convidativas à contemplação, pernoites e caminhadas.

Os vales são áreas mais planas que permeiam altitudes modestas, muitas das vezes permeadas por rios. São áreas onde os rios passam a ser um atrativo, seja pra pesca, turismo rural ou empreendedorismo nas fazendas ou estâncias que se identificam com uma cultura no meio rural entre as criações e agricultura.



Figura 33: Margens do Rio São Francisco.
Fonte: Acervo do autor.

Outra forma que merece destaque para o Ecoturismo são as cavidades naturais subterrâneas exploradas pelos homens - cavernas.

Essas formas exigem uma maior qualificação tanto na infraestrutura como na capacitação do recurso humano. Existem atividades ligadas à Paleontologia, Arqueologia e a própria Espeleologia. O Turismo em caverna pode ser por modalidade, científica, desportiva, ou normal (visitante comum).



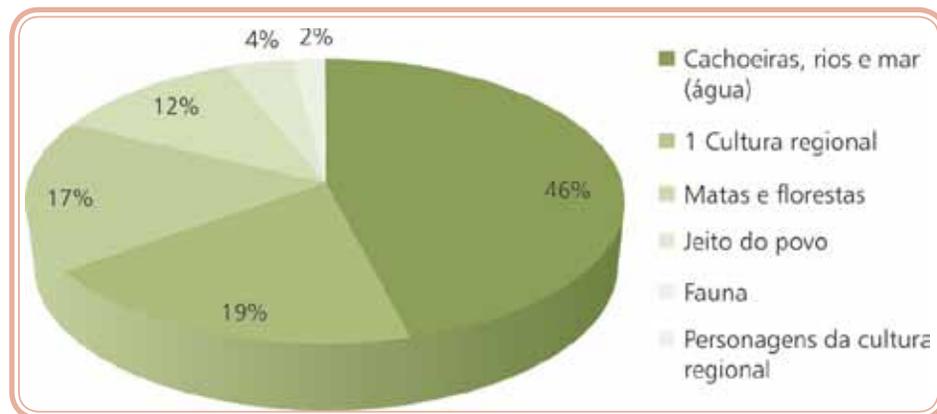
Visitem o site da: SBE - Sociedade Brasileira de Espeleologia, www.sbe.com.br, onde encontrará curiosidades e conteúdo de Espeleoturismo.



Figura 34: Interior da Caverna Lapa Grande - Montes Claros-MG.
Fonte: Acervo dos autores.

Muitas dessas constituições da Geomorfologia se apresentam como produto dentro de Unidades de Conservação-UC, o que prioriza a preservação, conservação e sustentabilidade, não deixando de lado os aspectos culturais das comunidades que vivem nessas áreas. Veja o gráfico abaixo, identificando as condições naturais e sua valorização no país como ponto de visitação.

Gráfico 3 - Aspectos mais valorizados no Brasil



Fonte: Brasil,(2010).

Posterior a Geomorfologia destacamos os Recursos Hídricos que dividiremos em Rios, Lagos, Cachoeiras, Fontes e o Mar. Os Rios são fonte de um produto riquíssimo em turismo, pois seus percursos apresentam uma variedade de outras formas em escalas menores, como as ilhas; bancos de areias;barrancos; encostas rochosas. Numa bacia hidrográfica podem-se destacar as confluências entre rios, como, o encontro das águas do Rio Negro e do Rio Solimões formando assim o maior rio do mundo, o Amazonas. Em Minas Gerais destaca-se o encontro do Rio das Velhas com o Rio são Francisco junto aos municípios de Pirapora e Várzea da Palma no distrito de Barra do Guaicuí, uma comunidade que apresenta parte da História dos Bandeirantes; Tropeiros; Garimpeiros e Sertanejos Ribeirinhos.



Figura 35: Rio São Francisco no encontro com o Rio das Velhas.

Fonte: Acervo dos autores.

Os Lagos são tanto os de água salgadas nas regiões litorâneas como os dulcículas. Muitos lagos são formados por vazantes de rios. Outros são artificializados como as represas. Nas represas, pode-se observar além da geração de energia como produto de visitação, as eclusas, utilizadas no transporte. No mundo destaca-se o Canal do Panamá e no Brasil as eclusas do Tietê/Paraná no Estado de São Paulo. As margens dos Lagos formam-se clubes náuticos com destaque para as atividades.

As Cachoeiras se forma entre os desníveis do perfil longitudinal dos canais dos rios. Algumas de pequeno porte e outras de mais de centenas de metros em queda, essas últimas utilizadas para a prática do Canyong. As corredeiras se inserem nessas modalidades de queda d'água, e são utilizadas como fontes de banhos ou descidas de Rafting ou Caiaque.



Figura 36: Cachoeira das 4 Oitavas - Botumirim-MG.
Fonte: Acervo dos autores.

As Fontes são recursos de pequenas dimensões, muitas vezes popularmente conhecidas como “olhos d’água ou nascentes”. Nem sempre são utilizadas para banhos mas para contemplação. No Brasil existem as famosas fontes de água mineral onde existe coleta do recurso “*in natura*”, como no Circuito das Águas em Minas Gerais, ou mesmo as Fontes Termiais, onde o banho é praticado em temperaturas mais elevadas.



Figura 37: Recreação em Fonte Termal em Resort.
Fonte: Disponível em <<http://www.hotelaguasdesantabarbara.com.br/galeria/hotel/index.html>>. Acesso em 06/2011.

Por fim, destacamos o Mar. O litoral Brasileiro é o maior do Mundo e apresenta uma beleza e riqueza de formas, como as praias, as dunas; o mangue, as falésias, as restingas; as ilhas; as enseadas; as baías e foz de inúmeros rios. O aproveitamento dessas formas acontece em todo o período do ano, tendo destaque para o Verão. Muitas são as atividades desde o passeio em embarcações - escunas, como o mergulho, surf; passeio de Bugre, caminhadas e outras mais. A cultura brasileira do Turismo de Praia e Sol é reconhecida pelo Ministério do Turismo como um expoente de grande escala para os estrangeiros que visitam nosso litoral, são os destinos indutores.

Outras potencialidades do nosso país são os Biomas. A biodiversidade brasileira é uma das mais ricas do mundo. Nossos Biomas apesar de sofrerem grande impacto antrópico de forma direta e indireta ainda mantêm características de natureza intocada em várias regiões do país. O Turismo em áreas de florestas, caatinga, campos, cerrados, pântanos e as áreas de transições pode oferecer os aspectos da diversidade com a singularidade dos locais. O crescimento de Unidade de Conservação - UC tem sido considerável, tendo a favor a legislação que prioriza a conservação e preservação dessas áreas.

Veja no mapa abaixo como são distribuídos os Biomas Brasileiros:



Figura 38: Biomas Brasileiros.

Fonte: Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=169>. Acesso em 28/07/2011.

Tabela 3: Biomas do território nacional

BIOMAS CONTINENTAIS BRASILEIROS	ÁREA APROXIMADA (KM2)	ÁREA / TOTAL BRASIL
Bioma AMAZONIA	4.196.943	49,29%
Bioma CERRADO	2.036.448	23,92%
Bioma MATA ATLÂNTICA	1.110.182	13,04%
Bioma CAATINGA	844.453	9,92%
Bioma PAMPA	176.496	2,07%
Bioma PANTANAL	150.355	1,76%
Área Total BRASIL	8.514.877	

Fonte: Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=169>. Acesso em 28/07/2011.

O Mapa a seguir identifica por área a ocupação de cada um dos Biomas em todo o território nacional.



Consulte o site do Ministério do Meio Ambiente - MMA onde você encontrará a legislação do Sistema Nacional de Unidade de Conservação - SNUC DE 2000: <www.mma.gov.br/port/sbf/dap/doc/snuc.pdf>.

Diante desse exuberante complexo vegetacional o país é sem dúvida rico de belezas naturais, ou seja somos indutores naturais do Turismo, basta investirmos nos atrativos e pontencialidades e transformá-los em produtos viáveis e sustentáveis para a sociedade brasileira. O mapa abaixo identifica esses Destinos Indutores.



Figura 40: Destinos Indutores.

Fonte: Plano Nacional de Turismo - Uma Viagem de Inclusão- Meta 3; 2007-2010.

A questão natural de cada um dos Biomas se relaciona com os diferentes aspectos culturais que são encontrados nas populações que vivem deles. As peculiaridades regionais enriquecem ainda mais o turismo.

Os Biomas também representam uma indução de nível internacional, tanto para o Turismo como na área de pesquisas. Nos Biomas podemos também observar a distribuição das bacias hidrográficas de todo o país. O exemplo de maior representatividade é o da Bacia Amazônica como sendo a maior do mundo aliada a floresta.



Figurab 41: Passeio pela Floresta Amazônica - Manaus.

Fonte: Disponível em <<http://www.turismobrasil.gov.br/promocional/destinos/M/Manaus.html>>. Acesso em 06/06/2011.

Vejamos no quadro abaixo algumas das características desses Biomas:

Quadro 4: Características dos Biomas Brasileiros	
BIOMAS	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
FLORESTA AMAZÔNICA	<ul style="list-style-type: none"> • Ocupa a Região Norte do Brasil, abrangendo cerca de 47% do território nacional. • É a maior formação florestal do planeta, condicionada pelo clima equatorial úmido. • Possui uma grande variedade de fisionomias vegetais, desde as florestas densas até os campos. • Florestas densas são representadas pelas florestas de terra firme, as florestas de várzea, periodicamente alagadas, e as florestas de igapó, permanentemente inundadas e ocorrem em quase toda a Amazônia central.
CAATINGA	<ul style="list-style-type: none"> • A área principal do Semi-Árido compreende todos os estados do Nordeste brasileiro, além do norte de Minas Gerais, ocupando cerca de 11% do território nacional. • Seu interior, o Sertão nordestino, é caracterizado pela ocorrência da vegetação mais rala do Semi-árido, a Caatinga. • Grande parte do Sertão nordestino sofre alto risco de desertificação devido à degradação da cobertura vegetal e do solo.
CERRADO	<ul style="list-style-type: none"> • O Cerrado ocupa a região do Planalto Central brasileiro, cerca de 22% do território nacional. • Seu clima é particularmente marcante, apresentando duas estações bem definidas. • O Cerrado apresenta fisionomias variadas, indo desde campos limpos desprovidos de vegetação lenhosa a cerradão, uma formação arbórea densa. • Esta região é permeada por matas ciliares e veredas, que acompanham os cursos d'água.
MATA ATLÂNTICA	<ul style="list-style-type: none"> • A Mata Atlântica originalmente foi a floresta com a maior extensão latitudinal do planeta, • Já cobriu cerca de 11% do território nacional. Hoje, porém a Mata Atlântica possui apenas 4% da cobertura original. • A variabilidade climática ao longo de sua distribuição é grande, indo desde climas temperados superúmidos no extremo sul a tropical úmido e semi-árido no nordeste. • O relevo acidentado da zona costeira adiciona ainda mais variabilidade a este ecossistema.
COMPLEXO PANTANAL	<ul style="list-style-type: none"> • O Pantanal mato-grossense é a maior planície de inundação contínua do planeta, coberta por vegetação predominantemente aberta, ocupando 1,8% do território nacional. • Este ecossistema é formado por terrenos em grande parte arenosos, cobertos de diferentes fisionomias, devido à variedade de micro-relevos e regimes de inundação. • Como área de transição entre Cerrado e Amazônia, o Pantanal ostenta um mosaico de ecossistemas terrestres com afinidades sobretudo com o Cerrado.
PAMPAS - CAMPOS DO SUL	<ul style="list-style-type: none"> • No clima temperado do extremo sul do país, desenvolvem-se os campos do sul ou pampas, que já representaram 2,4% da cobertura vegetal do país. • Os terrenos planos das planícies e planaltos gaúchos e as coxilhas, de relevo suave-ondulado, são colonizados por espécies pioneiras campestres que formam uma vegetação tipo savana aberta. • Há ainda áreas de florestas estacionais e de campos de cobertura gramíneo-lenhosa.

Fonte: SILVEIRA, G.T.R. Turismo Ecológico, Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental . PUC-MG, 2002 (Adaptado-apostila), 2002.

Por fim, destacamos a figura do clima associado as potencialidades. A quantidade de luz solar inclui diretamente na paisagem natural. Em todo o país, as condições são bem definidas em duas estações climáticas, sendo o verão chuvoso e o inverso seco. A sazonalidade devido as faixas latitudinais em uma grande escala abrange várias características de tempo e de clima. Tanto no interior como no litoral existe uma influência direta das massas de ar que circulam por todo o território nacional.

As potencialidades devem estar diretamente relacionadas com futuros produtos que devem apresentar em suas características básicas:

- Informações gerais;
- Transporte e acessibilidade;
- Rede hoteleira;
- Infraestrutura comercial;
- Recurso humano capacitado.

Essas características devem envolver os atores e parceiros:

- Setor ambientalista - principalmente ONG's;
- Setor empresarial;
- Estado;
- Turista;
- Instituições de ensino

Assim, entendemos que as potencialidades naturais estão seguras de forma ambientalmente sustentável.

Resumo

Nesta aula, você aprendeu:

- As formas da natureza que podemos aproveitar como potencialidade, atrativo e produto turístico;
- apresentamos a formas geomorfológicas: Montanha, Serra, Vale, Cavernas;
- os recursos Hídricos: Rios; Lagos; Cachoeiras; Fontes e o Mar.

Atividades de aprendizagem

1. Constituem ambientes para práticas de ecoturismo, exceto:
 - a. Cordilheiras.
 - b. Serras.
 - c. Rios.
 - d. Prédios.
2. As potencialidades devem estar diretamente relacionadas com futuros produtos que devem apresentar em suas características básicas:
 - a. Recurso humano não capacitado.
 - b. transporte e acessibilidade;
 - c. rede hoteleira;
 - d. infraestrutura comercial.

Aula 9 - Determinação de capacidade de carga

Já que a proposta do Turismo é minimizar impactos, a determinação de capacidade de carga ou capacidade suporte é parte integrante dessa metodologia. Essa determinação está direcionada às condições harmônicas entre qualidade dos equipamentos e quantidade. Vários autores definem Capacidade de Carga, destacamos Boo (1990), que:

apresenta uma definição para capacidade de carga como “a quantidade de visitantes, por dia/mês/ano que uma área pode suportar, dependendo do tipo ou tamanho da área protegida ou natural, dependendo do solo; da topografia; da conduta animal; e dos números e qualidade das facilidades turísticas disponíveis” (BOO,1990, p. 225).

Os turistas de maneira geral apresentam comportamento variados diante das potencialidades; atrativos ou produtos. Diante das várias modalidades de Ecoturismo em nosso país, apresentamos muitos fatores que determinam a capacidade de carga. Ressaltamos que a metodologia se enquadra em um “modelo” específico para cada ambiente e seus diversos tipos de atrativos ou visitantes. Segundo Dias (2003), algumas razões que dificultam a operacionalização da capacidade de carga são:

- O ponto de capacidade de carga pode ser visto de forma diferente e conflitante por diferentes grupos;
- no contexto do turismo, a capacidade de carga incorpora dois elementos: O meio ambiente físico e a qualidade da experiência do visitante;
- os aspectos da capacidade de carga a serem considerados variam de acordo com as características do turista ;
- aspectos físicos; a capacidade de carga física pode ser ampliada por meio do desenvolvimento de equipamentos que diminuam os impactos do uso;
- aspectos relacionados com os nativos: A comunidade fica exposta a influências externas, às diferenças socioeconômico-culturais;
- aspectos sociais: a capacidade de carga social pode ser determinada por fatores como a capacidade das instalações que influenciarão a expectativa dos residentes em relação aos visitantes, podendo aumentar a resistência à vinda dos turistas;
- aspectos temporais: a capacidade de carga pode mudar com a época do ano, estações etc. Ou seja, durante os meses do ano, e suas estações, o meio ambiente sofre alterações que certamente influenciam na capacidade de carga.

A concepção de sustentabilidade do atrativo requer condições de gestão; monitoramento, fiscalização, avaliação e mudanças de podem ser

A-Z

Capacidade de Carga Física-CCF:

é o limite máximo de visitantes que comporta um espaço definido e em um tempo determinado.

Capacidade de Carga Real - CCR:

é o limite máximo de visitantes determinado a partir da CCF de um sítio, após submetê-lo a fatores de correção, definidos em função das características particulares do espaço, e que são obtidos considerando-se variáveis físicas, ambientais, ecológicas, sociais e de manejo.

Capacidade de Carga Efetiva - CCE:

é o limite máximo de visitantes permitido tendo em vista a capacidade para ordená-los e manejá-los. Fonte: BENI (2001, p.410).

adaptadas com o tempo ou necessidades diante das modificações e/ou políticas públicas exigidas. Há exemplo podemos citar espaços públicos abertos como praias; espaço privado como fazendas hotéis e espaços públicos fechados como as unidades de conservação - UC.

O equacionamento entre a manutenção da sustentabilidade do turismo e a sua degradação está no planejamento da determinação da capacidade de carga.

Citaremos alguns exemplos de fatores que envolvem essa determinação em áreas diferentes.

1. Tamanho do espaço:

- a. **Na trilha:** o espaço é reduzido; sendo em forma linear e estreito; assim as condições do solo são importantes e a intensidade do pisoteamento;
- b. **na cachoeira:** o poço; que capta a água da queda; tem formato arredondado em sinuoso em direção a área de desnível do curso do rio; a quantidade de indivíduos limita-se a essa forma;
- c. **na caverna:** as condições entre base - altura - e largura é constantemente variada e a trilha principal de menor impacto aos seres cavernícolas. Além da quantidade de gás carbono que é produzido.

2. Quantidade de visitantes:

- a. **Na Trilha:** esta diretamente relacionada com a quantidade de guias em relação ao todo, estabelecendo segurança para os turistas.
- b. **na Cachoeira:** também deve ser compatível com o número de guias.
- c. **na Caverna:** supera a necessidade da Trilha e da cachoeira em relação ao número de guias e turistas.

3. Condições ambientais:

- a. **Na Trilha:** deve estar limpa; com equipamentos cartográficos indicativos; sem processos erosivos; livre de desmatamento ou queimadas;
- b. **na Cachoeira:** a água deve ser potável; livre de lixo sólidos ou líquidos (esgoto); próximas as nascentes;
- c. **na Caverna:** ser arejada; piso firme; sem resíduos sólidos (poeira) em suspensão; o mais horizontalizada possível, livre de grandes desníveis;

4. Condições comportamentais:

- a. **Na Trilha:** um grupo bem dirigido causa um menor impacto que outro não guiado;
- b. **na Cachoeira:** no meio aquático as ações devem ser dirigidas de maneira mais lenta, já que o meio oferece perigo maior. Essas ações facilitam o manejo;
- c. **na Caverna:** os cuidados devem ser ampliados já que o meio afótico representa para os visitantes outros níveis de percepção sobre o espaço. A visão reduzida e conseqüentemente todos os demais movimentos corporais exigem assim um rigor maior na segurança.

Para delimitar o valor ou um número real de visitantes em um dado produto leva-se em consideração alguns aspectos como:

- verificar as condições físicas, biológicas e antrópicas no espaço visitado;
- manejo de impacto de visitação
- considerar 12 horas de luz em um dia;
- limite aceitável de câmbio;
- identificar os meses de seca e de chuva pois irá existir variação de números de visitantes e o solo sofrerá pisoteio diferenciado;
- fazer o zoneamento da área visitada; seja trilha por exemplo;
- o tamanho do grupo deve ser importante em relação a quantidade de guias, compatibilidade;
- a duração do percurso da trilha;
- o comportamento de dois grupos usando uma trilha;
- identificar problemas na trilha como erosão; quedas de pedra ou árvore;
- se houve queimada ou desmatamento na área;
- observar a presença de animais ou sua ausência em períodos sazonais.

Veja o quadro abaixo com os seguintes modelos de cálculos:

Quadro 5 - Fatores de cálculos para Capacidade de Carga	
CAPACIDADE DE CARGA FÍSICA	LEGENDA:
A legenda de cada variável utilizada para o cálculo da Capacidade de Carga, assim como as fórmulas que permitem estimar esta capacidade estão apresentadas a seguir: FÓRMULAS: CCF= [(S / s) x (T / t)] x v FC = (nº escolhido / 100) x 100	CCE = CCR x (CM / 100) CCF = Capacidade de Carga Física; S = Distância da trilha ou área de atrativo; s = Distância entre grupos; T = Horário de utilização do Parque; t = Tempo de percurso; v = Número de pessoas por grupos na trilha;
CAPACIDADE DE CARGA REAL	LEGENDA:
CCR= CCF x (100 - FC1 / 100) x (100 - FC2 / 100) x (100 - FCn / 100) CM = (CI / CA) x 100	CCR = Capacidade de Carga Real; FC = Fatores de Correção (o valor escolhido varia de acordo com o fator); CCE = Capacidade de Carga Efetiva; CM = Capacidade de Manejo; CI = Capacidade Instalada (quantidade de pessoas, equipamentos e infraestrutura disponível); CA = Capacidade Adequada (quantidade mínima de que se necessita ter da capacidade instalada).

Fonte: Disponível em: <<http://www.biodiversitas.org.br/planosdemanejo/pesrm/uc34k1-6j15k.htm>> Acesso: 28.09.2011>. Quadro Adaptado pelos autores.

Com todas essas concepções e metodologias compreende-se que os modelos devem ser específicos em cada uma de suas realidades na minimização dos impactos diretos e indiretos.



Consulte o site: <<http://www.physis.org.br/ecouc/Artigos/Artigo4.pdf>>. É um artigo interessante sobre trilhas, que utiliza cálculos da capacidade suporte

Resumo

Nesta aula, você aprendeu:

- A Determinação da Capacidade de Carga;
- Conheceu os conceitos de Capacidade de Carga Física; Real e Efetiva;
- Os fatores que envolvem a capacidade com exemplos na trilha, na cachoeira e na caverna.

Atividades de aprendizagem

1. Sobre as razões que dificultam a operacionalização da capacidade de carga, podemos afirmar, exceto:

- a. O ponto de capacidade de carga pode ser visto de forma diferente e conflitante por diferentes grupos;
- b. no contexto do turismo, a capacidade de carga incorpora dois elementos: O meio ambiente físico e a qualidade da experiência do visitante;
- c. os aspectos da capacidade de carga a serem considerados não variam de acordo com as características do turista;
- d. aspectos sociais: a capacidade de carga social pode ser determinada por fatores como a capacidade das instalações que influenciarão a expectativa dos residentes em relação aos visitantes, podendo aumentar a resistência à vinda dos turistas.

2. Para delimitar o valor ou um número real de visitantes em um dado produto leva-se em consideração alguns aspectos como, exceto:

- a) Verificar as condições físicas, biológicas e antrópicas no espaço visitado;
- b) manejo de impacto de visitação;
- c) considerar 12 horas de luz em um dia;
- d) identificar apenas os meses de seca.

Aula 10 - Planejamento e gestão de empreendimentos ecoturísticos

Planejamento é uma tarefa importante em todo empreendimento. A gestão eficiente e de qualidade só é possível com a organização sistemática das metas e cumprimento dessas conforme avaliação em tempo determinado. No Ecoturismo esse planejamento envolve muitas etapas, já que está envolvendo com várias áreas sendo o ambiente físico, aspectos culturais, aspectos mercadológicos e econômicos junto às relações desportivas e de segurança.

O plano acontece na maioria das vezes em áreas protegidas, as Unidades de Conservação (UC) e envolve vários atores diretamente e indiretamente, cada um deles com suas funções específicas e complementares com as demais.

Conforme o Manual de Ecoturismo de Base Comunitária da WWF (2003, p. 34), podemos identificar as dimensões de planejamento:

Elemento temporal: planejamento de curto, médio e longo prazo.

Elemento político: regulador, incentivador, financiador, integrado;

Elemento Administrativo: público ou privado;

Elemento social: participativo ou de gabinete;

Elemento Geográfico: internacional (continente, bloco de países, regiões trans-fronteiriças); nacional (país ou macro-regiões); regional (delimitado por bacias hidrográficas, por polos de desenvolvimento, por grandes parques); local (municipal) ou sítios (propriedades, áreas protegidas de pequeno porte).

A execução de um turismo responsável contemplando os atores sociais de importância para a sua sustentabilidade perfazem:

- O Estado a partir de órgãos executores da gestão de áreas protegidas;
- ONG's envolvidas nas questões ambientais;
- operadoras de turismo e seu empresariado;
- instituições de Ensino com suas pesquisas;
- agentes comunitários locais.

Todos esses atores apresentam-se como figurantes nas estratégias planejadas e na implementação das ações e metas. A coordenação e cooperação entre essas partes são fundamentais no alcance dos objetivos. Os financiamentos devem envolver desde infraestrutura a ações diretas com as comunidades.

Quatro passos são prioridades para o planejamento, são eles:

- **Análise da situação:** (inventário, diagnóstico e consultas);
- **objetivos e metas:** (elaboração do plano, definição de programas e projetos, participação ampla);
- **ações:** (implementação do Plano);
- **avaliação:** (resultados alcançados, monitoramento continuado e consultas aos atores).

A figura abaixo representa as relações entre as partes envolvidas.



Figura 42: Interrelações entre os diversos atores e setores dos destinos de Ecoturismo.

Fonte: Brasil. Ministério do Turismo. Turismo rural: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. - 2.ed - Brasília: Ministério do Turismo, 2010, p.45.

Quadro 6: Necessidades e interesses dos atores envolvidos no processo

MEIO AMBIENTE	Proteção, recuperação, conservação, conscientização, valorização da flora e da fauna;
SETOR PRIVADO	Oportunidade econômica; desenvolver infraestrutura; capacitar agentes; melhorar acesso; organizar os atrativos;
A COMUNIDADE	Saúde; trabalho; educação; saneamento; direitos as tradições; convivência pacífica; retorno econômico; organização social;

Fonte: Adaptação dos autores.

No âmbito nacional, destacam-se os planos e programas nacionais do governo federal, aliado aos projetos estaduais e municipais.

Junto aos atores, prioridades e necessidades, pode-se identificar também a constituição de Conselhos com envolvimento da sociedade civil organizada em várias instâncias. Esses conselhos ajudam na execução e principalmente avaliação dos produtos planejados.

A gestão participativa é a maneira mais democrática para resolver os problemas. O processo de descentralização das ações é importante, pois envolve várias classes e hierarquias da sociedade juntamente com os demais, sendo o Estado e o poder privado. Esse terceiro setor como é denominado se enquadra com uma função marcante na evolução política das ações em todo o processo.

No aspecto econômico, a comercialização é fundamental, pois lida diretamente com os valores do mercado e as pessoas interessadas.

Assim, temos como processos de distribuição e comercialização no Ecoturismo:

- Diretamente aos consumidores - quando as Unidades de Conservação e os destinos oferecem produtos, serviços e atividades diretamente aos turistas e visitantes;
- utilizando intermediários - quando os produtos, serviços e atividades são oferecidos por meio de operadoras e agências de viagem;
- por associações de profissionais autônomos (guias de turismo e condutores ambientais locais) - quando as atividades do segmento são oferecidas pelos prestadores de serviços do próprio destino.

Alguns outros fatores ajudam a entender as razões pelas quais muitas localidades têm buscado este segmento, interessadas na dinamização social e econômica de seus territórios rurais e em benefícios como:

- Diversificação da economia regional, pelo estabelecimento de micro e pequenos negócios;
- Geração de novas oportunidades de trabalho e renda;
- Incorporação da mulher ao trabalho remunerado;
- Agregação de valor ao produto primário;
- Diminuição do êxodo rural;
- Melhoria da infraestrutura de transporte, comunicação e saneamento no meio rural;
- Melhoria dos equipamentos, dos bens imóveis e das condições de vida das famílias rurais;
- Interiorização do turismo;
- Conservação dos recursos naturais e do patrimônio cultural;
- Promoção de intercâmbio cultural e enriquecimento cultural;
- Integração das propriedades rurais e comunidade local;
- Valorização das práticas rurais, tanto sociais quanto de trabalho;
- Resgate da auto-estima do campesino.

Fonte: BRASIL, Ministério do Turismo. Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil. Brasília: Ministério do Turismo, 2003:9 e MARTINEZ E MONZONIS 2000 apud TULIK, Olga. Turismo Rural. São Paulo: Aleph, 2003:51. Coleção ABC do Turismo. 2ª Edição



Campesino:
relativo ou pertencente
ao campo.

Cabe ressaltar que cada propriedade deve analisar a sua realidade e verificar que zonas são possíveis estabelecer. Conforme BRASIL (2010, p. 65):

- **Área de recepção e serviços** - concentra os serviços de apoio ao turismo, como alimentação, hospedagem, suvenires, entre outros.
- **Área de uso intensivo** - representa o principal local para as atividades de entretenimento do turista, onde estão elementos interpretativos, trilhas, facilidades;
- **Área intermediária ou primitiva** - geralmente sem serviços e equipamentos, possui sistema de trilhas ou atividades interpretativas voltadas à visitação em pequena escala;
- **Área intangível** - área destinada à conservação da natureza, sendo a
- **Ligações e corredores** - estradas primárias, secundárias e terciárias, rios, trilhas, picadas, rotas aéreas, praias. Também importante para fins de administração da área tais como vigilância ambiental, controle da visitação e atendimento a emergências.

Na busca da melhoria da qualidade dos produtos várias regiões em suas comunidades buscam valorizar suas ações através de uma certificação. O produto adquire uma identidade no aspecto social, econômico e cultural. Veja o esquema abaixo.



Figura 43: Processo de Certificação.

Fonte: BRASIL, Ministério do Turismo. Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil. Brasília: Ministério do Turismo, 2003.

Com essa realidade de movimentação da cadeia produtiva existente, em concordância com a sustentabilidade do Ecoturismo local os parceiros tornam-se interdependentes e valorizam suas próprias iniciativas.

Resumo

Nesta aula, você aprendeu:

- A importância de planejar sustentavelmente e com responsabilidade;
- Os principais atores e seus envolvimento;
- A organização por áreas nas propriedades;
- As relações entre os que participam da cadeia produtiva para a Certificação.

Atividades de aprendizagem

1. De acordo com o Manual de Ecoturismo de Base Comunitária da WWF, constituem dimensões do Planejamento Ecoturístico, exceto:

- a. Elemento Temporal.
- b. Elemento Político.
- c. Elemento Teatral.
- d. Elemento Social.

2. A execução de um turismo responsável contemplando os atores sociais de importância para a suas sustentabilidade perfazem, exceto:

- a. O Estado a partir de órgãos executores da gestão de áreas protegidas.
- b. Agentes poluidores do meio ambiente.
- c. Operadoras de Turismo e seu empresariado.
- d. Agentes Comunitários.

Aula 11 - Educação Ambiental

O discurso universalista da Educação é altamente positivo na perspectiva de reafirmação da reflexão sobre os direitos humanos, assim:

Uma educação de qualidade, mais que formar para o trabalho produtivo “terá como objeto o pleno desenvolvimento da personalidade humana, o fortalecimento do respeito aos direitos humanos e as liberdades fundamentais; favorecerá a compreensão, a tolerância e amizade entre todas as nações e grupos étnicos ou religiosos e proverá o desenvolvimento das Nações Unidas para a manutenção da paz” (Declaração Universal dos Direitos Humanos, art. 26,2) (UNESCO, 1998).

Unidos não só ao discurso os países signatários, transferem de forma direta para suas Cartas Magnas os direitos e deveres que alicerçam o processo educacional.

No Brasil a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), da Educação Nacional promove uma efetivação de ações pertinentes ao desenvolvimento didático e pedagógico no que tange ao ensino e aprendizagem. Junto à questão destacam-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que enfoca entre outras áreas o Meio Ambiente que se enquadra nos temas transversais baseados nas disciplinas legais do ensino.

Unindo essas duas visões, uma mundial e outra local (de nível nacional) podem-se atribuir melhorias para o Meio Ambiente através da Educação Ambiental.

O contexto histórico se relaciona com os primeiros trabalhos de nível mundial no que tange a organização dos países sobre o meio ambiente. Em 1972, na Conferência de Estocolmo, muitas preocupações sobre a temática entre conservar e preservar forma expostas e trabalhadas para a sensibilização das nações com as questões ambientais. Vinte anos mais tarde no Brasil, na Rio ECO-92, o debate se tornou mais efervescente o que mereceu mais atenção dos Estados e principalmente do terceiro setor onde as Organizações Não Governamentais - ONG's tiveram uma marca fundamental no exercício da cidadania e gestão participativa da sociedade civil organizada.

O turismo não fica de fora nessa constituição de saberes e fazeres, pois envolve seus atores no contexto da Educação Ambiental. O desenvolvimento de projetos e programas nacionais articulam vários ministérios, como os de Educação; Turismo e do Meio Ambiente.

Nessa construção de ações coletivas, trazemos as políticas públicas para mais próximo das municipalidades e comunidades, pois serão elas as maiores interessadas, .

A educação ambiental é um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio



Consulte o site: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Ele trata do Parâmetro Nacional Curricular - (PCN) e suas atribuições.



A Constituição Brasileira de 1988 é a primeira a tratar da Questão Ambiental. Veja o artigo 225 que trata o Meio Ambiente. Consulte o site: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui>.

ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros (UNESCO, 1987).

Fonte: Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sbf/dap/educamb.html>>. Acesso em 07/10/2011.

Para o seu desenvolvimento é necessário estudos com ações a longo prazo, já que os indivíduos em suas coletividades são agentes transformadores dos saberes em constante mudança, pois sofrem também ações externas como da economia, política e cultura.

Diante dessa realidade trataremos de alguns exemplos de ações de políticas ambientais exercidas no turismo, tendo como foco o trabalho dos atores envolventes, Estado; ONG's; Turista; Instituições Educação; Setor Privado e a Comunidade.

O principal exemplo que está diretamente relacionado com os atores acima mencionados, é o de Unidade de Conservação-UC onde cada um tem seu papel nas relações de conservação e preservação do meio ambiente.

Citaremos algumas atividades relacionadas com o processo que envolve Educação Ambiental de maneira direta e indireta, tanto a curto, quanto a médio e longo prazo:

O Estado:

- Organização de Conselhos Consultivos que reuni todos envolvidos na Unidade de Conservação - UC;
- organiza e executa o plano de Manejo;
- desenvolve atividades de capacitação das comunidades;
- incentiva pesquisas para melhorar o desenvolvimento das Unidades de Conservação - UC;
- desenvolve políticas públicas de meio ambiente;
- executa através de Instituições, órgãos e secretarias as iniciativas de programas; planejamento e projetos;
- articula os papéis entre as esferas federais, estaduais e municipais;
- combate o desmatamento e queimadas através de ações coletivas;

As ONG's:

- Desenvolve projetos de captação de recursos para educação ambiental;
- cria articulações com as comunidades nas áreas do entorno das Unidades de Conservação - UC;
- amplia as relações entre as comunidades e o Estado;
- facilita e incentiva a criação de associações;
- denuncia atividades de impacto e degradação do meio ambiente;
- faz presente nos discursos de políticas públicas;
- desenvolve ações de segurança nas atividades junto ao meio ambiente;
- participa de brigadas de combate a incêndios;
- são voluntários diretos nas iniciativas de envolvimento com o meio ambiente;



Conheça o site da www.wwf.org.br. Nele você conhecerá o Manual de Turismo de Desenvolvimento de Base Local Comunitária.

Conheça o Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC). Consulte o site: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm

Os Turistas:

- Respeito às comunidades e sua cultura local;
- são cidadãos comuns que reivindicam pelos direitos de viverem em um meio ambiente de qualidade e sustentável;
- participam de orientações em centros receptivos nas Unidades de Conservação - UC;
- são multiplicadores de ideias;
- se enquadram como voluntários em atividades de Educação Ambiental;
- se organizam a favor de projetos de preservação e conservação;
- movimentam a economia;
- fazem registros fotográficos que ampliam a divulgação;
- participa de ONG's;
- fazem críticas e reclamações quando necessário.

As Instituições Educacionais:

- Participam dos Conselhos Consultivos;
- incentivam órgãos de fomento para pesquisa;
- desenvolvem pesquisas;
- capacitam as comunidades locais;
- organizam com o Estado em atividades comuns;
- ampliam a concepção de conscientização sobre a preservação e conservação;
- promove Seminários de Estudos com resultados de pesquisas;
- incentiva a participação popular.

O Setor Privado:

- Faz investimentos financeiros nas áreas próximas as Unidades de Conservação;
- participam de programas do governo que incentivam as iniciativas de preservação;
- capacitam seus funcionários;
- ampliam as parcerias com outras instituições ligadas ao mercado;

A Comunidade:

- Respeito ao turista;
- manutenção do cotidiano e suas relações com o meio ambiente;
- minimização de Impactos nas atividades;
- envolvimento com as capacitações de órgãos, instituições e ONG's;
- denúncias de atividades ilegais;
- participação em Conselhos nas Unidades de Conservação (UC);
- utilização racional e sustentável dos recursos naturais.

É importante destacar que essas são as atividades básicas e que muitas outras podem ser ampliadas para o melhoramento e convivência nas Unidades de Conservação (UC). Podemos observar que as atividades estão relacionadas com as competências, habilidades, metas e objetivos de que favorecem o desenvolvimento da Educação Ambiental.

Nesse contexto, entre os atores e as atividades por eles exercidas podemos apresentar medidas diretas de ações que envolvem a aprendizagem. Essas medidas de Educação Ambiental se relacionam efetivamente com o esclarecimento, o nível de informação, o conhecimento e a conscientização. São ações que podem ser realizadas através de capacitações; organizações de palestras; criação de panfletos explicativos; desenvolvimento de cartilhas e vídeos; visitas em campo; estímulos a prêmios de fotografias, poesias e criações; ações participativas com manifestações populares como passeatas organizadas; gincanas alusivas; jogos temáticos e até mesmo o uso das artes cênicas.

As capacitações: são trabalhos realizados a partir de estudos com grupos dando enfoque em um ou vários temas especiais com o intuito de esclarecer e trazer inovações pertinentes ao envolvimento do grupo para melhor desempenhar suas tarefas. Exemplo: de formação de brigadistas de incêndio.

As organizações de palestras: são formas de reunir grupos para esclarecer e motivar em função de uma questão em especial, com abordagem altruísta, positivas e afirmativas. Exemplo: Palestra de como evitar incêndios

Realização de Oficinas: As oficinas são utilizadas para desenvolver o ato de saber fazer. É constituída de práticas pedagógicas em grupos. Exemplo: Confeção de aquecedor solar com materiais recicláveis e aproveitados.

Criação de panfletos explicativos: A confecção dos panfletos apresentam uma temática específica envolvendo o meio ambiente. Alusivos com textos, fotos ou imagens, esses servem de explicação, informação ou mesmo *marketing*. Exemplo: como abrir covas para plantio de árvores nativas.

Desenvolvimento de cartilhas e vídeos: é um trabalho onde com histórias representativas dos locais, podem explicar e principalmente dar exemplos da realidade. As cartilhas apresentam personagens da vida envolvidos com os problemas e as soluções no cotidiano. Os vídeos podem apresentar gravações de reportagens, documentários, filmes ou ações de trabalho de campo e palestras. O som e a imagem passa a ser uma forma educativa muito rica e de fácil assimilação para as comunidades. Exemplo: Videoaula - Programa de Qualificação a distância para o desenvolvimento do Turismo - Curso de Regionalização do Turismo.

Visitas em campo: são trabalhos desenvolvidos diretamente na natureza, onde o contato das pessoas se faz através das observações e percepções do espaço vivenciado. É o momento de colocar em prática os conhecimentos teóricos e aprender mais com a realidade. Exemplo: a visita em uma caverna.

Estímulos a prêmios de fotografias, poesias e criações: é uma maneira educativa que envolve além de turistas e comunidades, muitas instituições escolares. O registro de uma boa imagem pode revelar muita informação e conhecimento. Escrever uma poesia desenvolve a capacidade cognitiva. Exemplo: I Prêmio Fotografia Ciência e Arte - CNPQ/2011

Ações participativas com manifestações populares como passeatas organizadas: as manifestações são passeios que aglutinam pessoas com o

mesmo ideal, apresentando-se com jargões e frases de efeitos sobre o tema e faixas alusivas. Exemplo: Passeata do VI Encontro Nacional dos Povos do Cerrado /2009 na capital Brasília -DF.

Gincanas alusivas: são jogos com perguntas que envolvem as temáticas. A variação de jogos demonstra habilidades em solucionar questões que envolvem os participantes. Exemplo: Gincanas Escolares

Jogos temáticos: São maneiras lúdicas de aproveitar algum tipo de jogo de conhecimento geral para desenvolver o tema em estudo. Exemplo: Campeonato de Futebol em que as equipes recebem nomes de expressão da fauna e flora regional.

Uso das artes cênicas: o teatro se apresenta como uma maneira de expressar o sentimento e poder mostrar de maneira educativa algumas ações locais. Exemplo: O Menino do Dedo Verde.

Atualmente as Redes Sociais se apresentam como um veículo determinante na informação e fiscalização de ações em todos os setores; governamentais; privado e organizações civis. Assim, entendemos que a Educação Ambiental merece uma ampla atenção, já que ela perpassa por várias áreas do conhecimento e de atuação da sociedade.

Resumo

Nesta aula, você aprendeu:

- Sobre como a Educação Ambiental é importante no contexto turístico;
- as principais atividades e ações dos atores envolvidos com o processo turístico e a Educação Ambiental;
- ações que envolvem a informação e o conhecimento em Educação Ambiental.

Atividades de aprendizagem

1. São medidas diretas das ações de educação ambiental, exceto:
 - a. Organização de palestras.
 - b. Criação de panfletos explicativos.
 - c. Desenvolvimento de cartilhas.
 - d. Poluição de rios, cachoeiras e lagos.
2. Da relação entre turistas e educação ambiental podemos afirmar que, exceto:
 - a. Destaca-se o respeito às comunidades e sua cultura local.
 - b. Devem participar de orientações em centros receptivos nas Unidades de Conservação.
 - c. Não são multiplicadores de idéias.
 - d. Se organizam na elaboração de preservação e conservação.

Aula 12 - Impactos ambientais, socioculturais e econômicos do ecoturismo

O turismo é uma atividade de mínimo impacto. Sendo o Ecoturismo o ramo que mais estabelece relações com o meio ambiente, este tem por finalidade desenvolver ações de sustentabilidade cada vez mais efetivas entre os atores que envolvem em suas relações.

Como toda e qualquer ação na natureza causa impacto, devemos compreender melhor o seu significado, assim:

Segundo o Artigo 1º da Resolução n.º 001/86 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), Impacto Ambiental é “qualquer alteração das propriedades físicas, químicas, biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que afetem diretamente ou indiretamente: a saúde, a segurança, e o bem estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias ambientais; a qualidade dos recursos ambientais”.

Fonte: Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/aplicada/ead/estudos_ambientais/ea03.html>.

Vejamos que o seu conceito é de grande amplitude, assim podemos dividir os Impactos em diversas categorias que citamos abaixo:

- Diretos e Indiretos;
- imediatos e médio e Longo prazo;
- temporário e permanentes;
- reversíveis e irreversíveis;
- benéficos e adversos;
- locais, regionais e estratégicos.

Os Impactos também podem estar divididos em Positivos e Negativos:

Os **Impactos Positivos** são:

- Difusão da informação sobre o Meio Ambiente;
- facilitar o planejamento das políticas públicas;
- organizar os sistemas turísticos;
- desenvolver órgãos e instituições envolvidas com a questão;
- incentivar a participação e gestão popular;
- minimizar a degradação;
- capacitar gestores;
- ampliar as ações do Estado;
- melhorar os destinos turísticos;
- organizar as economias locais e suas cadeias produtivas;
- incentivar os empreendedores envolvidos;
- estimular o emprego e a renda;
- especializar novos nichos de esporte e aventuras;



Consulte o site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6938compilada.htm. Nele você poderá conhecer a Política Nacional do Meio Ambiente que trata dos instrumentos da política, como a Avaliação dos Impactos Ambientais.

- dinamizar o mercado de seguros;
- organização de trabalhos de Educação Ambiental.

Os Impactos Negativos são:

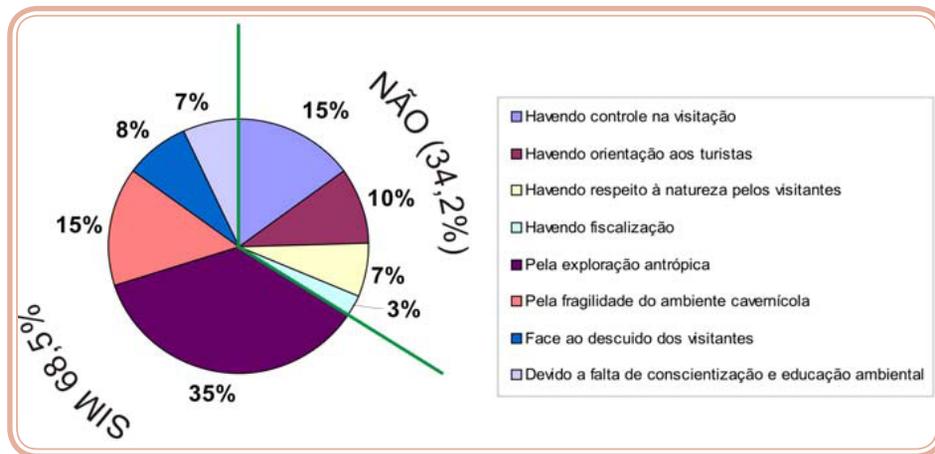
- Destruição da vegetação a partir do desmatamento;
- retirada e coleta de espécies;
- pirataria de espécies exóticas;
- poluição com efluentes; detergentes; sabonete e outros nos corpos hídricos;
- pinturas e pichações em painéis rupestres;
- quebra de peças e artefatos em sítios arqueológicos;
- pisoteio excessivo nas trilhas;
- aceleração dos processos de erosão nas trilhas;
- contaminação do solo;
- deixar lixo de qualquer espécie;
- realizar fogueira e ou queimadas;
- atrapalhar a cultura local;
- incentivar a economia informal;
- usar aparelhos que ampliem a poluição sonora;
- uso de poluição visual, com cartazes;
- alterar o hábito dos animais.

São também desenvolvidas atividades de Mínimo Impacto nas áreas das Unidades de Conservação (UC), como:

- Proteger os recursos hídricos, da nascente a foz; não jogar poluentes nas águas;
- Preservar as matas; não corte espécies;
- Evitar queimadas; criar aterros; não fazer fogueiras;
- Retorne com o seu lixo; colete ou enterre outros lixos encontrados;
- Ande na trilha determinada; não crie outras áreas de pisoteio e susceptíveis à erosão;
- Ande em silêncio, mantendo a harmonia local;
- Respeite as culturas das comunidades locais;
- Mantenha a manutenção de cercas, cancelas e porteiras;
- Use banheiros químicos ou fossas sépticas;
- Avise e informe os órgãos de situações irregulares, denuncie;
- Esclareça visitantes desinformados;
- Não leve nenhum material da natureza, ele faz parte do ecossistema;
- Respeite todas as formas de vidas;
- A segurança é primordial em todas as atividades;

Para exemplificar todas as formas de Impactos acima demonstramos um gráfico com resultados de uma Pesquisa realizado em uma Unidade de Conservação (UC), o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR). Observem as questões exploradas no estudo.

Gráfico 4: Resposta à questão sobre o ecoturismo causar impactos ambientais no PETAR e suas principais causas e fatores condicionantes



Fonte: (Elaborado pelo autor). Campinas, SeTur/SBE. Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas, 1(1), 2008. Disponível em: <http://www.sbe.com.br/ptpc/ptpc_v1_n1_067-076.pdf>.

Além dessas medidas de Mínimo Impacto existem outras medidas no caso de grandes empreendimentos que devem ser realizadas tanto pelas comunidades como pelos órgãos públicos e empresas que estão relacionadas com o meio ambiente. Essas medidas são reconhecidas em leis.

Citaremos alguns enfoques básicos sobre essa questão:

- Toda atividade direta ou indireta sobre o meio ambiente deve ser sancionada por órgãos competentes;
- todo desmatamento deve ser orientado e realizado de forma legal, com os devidos documentos de aprovação pelos órgãos competentes em cada Estado;
- o licenciamento ambiental deve acontecer em todo empreendimento que cause impacto conforme os tramites legais.
- empreendimentos de grande impacto requer o EIA/RIMA - Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental, conforme legislação vigente;
- a fiscalização deve ser executada em empreendimentos tanto públicos quanto privados;
- todo infrator deve responder pelos atos conforme legislação;
- queimadas devem ser aprovadas pelos órgãos além de seguir um rigoroso controle envolvendo a comunidade e seus parceiros;
- o tráfico de animais deve ser rigorosamente coibido;
- estudos de pesquisas devem ser solicitados e, se liberados, devem seguir o rigor acadêmico e previsto em leis;
- toda denúncia deve ser averiguada;
- devem-se promover Audiências Públicas conforme a legalidade ou quando solicitadas.

Os Impactos Socioculturais apresentam um grande prejuízo e perda para as comunidades locais e para os empreendedores que nela investem em produtos ou mesmo atrativos turísticos, onde é exercido um turismo de massa, como é o caso de algumas praias. Existe exemplo que em alta temporada

em cidades no nordeste, no sul da Bahia as prefeituras decretam estado de calamidade pública. A atitude extrema geralmente se relaciona à explosão demográfica que acontece nas sede dos municípios, ocorrendo uma exaustão dos recursos de infraestrutura básica, como alimentos, água, hotelaria e segurança pública. Esse tipo de impacto apesar de ser de curto prazo, alguns dias do verão, estabelece uma visão negativa sobre o *marketing* daquele bem natural, para os próximos anos vindouros.

Ao contrário desse exemplo, podemos identificar áreas onde o turismo passa a ser uma atividade sustentável, tendo o suporte de carga como elemento primordial para a manutenção das atividades. É importante destacar que a Educação Ambiental deve estar associada diretamente com os impactos na perspectiva preventiva a curto, médio e longo prazo.

Os impactos na economia estão relacionados também aos recursos naturais e humanos existentes na região. Os tipos de serviços oferecidos aos visitantes devem apresentar uma sustentabilidade entre esses atores. Os ramos de atividades legais e os informais devem estar compatíveis no que se relaciona ao uso de recursos extrativistas.

Muitas são as ações através de cooperativas e associações locais que se preocupam como realizar os Arranjos Produtivos Locais (APL's) e o Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS). Nessas duas concepções de realizações e envolvimento com o trabalho, o ponto fundamental de transformação da qualidade de vida e renda das pessoas é o Capital Social.

Por fim, é fundamental que saibamos conhecer o nível e grau de impacto, seja ele positivo ou negativo, que façamos uma avaliação constante sobre esses aspectos, seja na natureza, na cultura ou na economia.



Conheça o livro: O lugar mais desenvolvido do mundo - Investindo no Capital Social de Augusto de Franco, (2004); publicado pela Agência de Educação para o Desenvolvimento -AED. Ou consulte os sites: www.dlis.org.br ou www.aed.org.br/sistemas_aed

Resumo

Estudamos nesta aula:

- O conceito de Impacto Ambiental;
- tipos e categorias de Impacto;
- atividades de Mínimo Impacto;
- exemplos de Impacto Cultural e Econômico.

Atividades de aprendizagem

1. São Impactos Positivos do Ecoturismo, exceto:
 - a. Incentivo à participação popular.
 - b. Facilita o planejamento das políticas públicas.
 - c. Estimula a geração de empregos.
 - d. Dificulta as atividades de educação ambiental.
2. São impactos negativos do Ecoturismo, exceto:
 - a. Pirataria de espécies exóticas.
 - b. Pinturas e pichações em painéis rupestres.
 - c. Alteração nos hábitos dos animais.
 - d. O não comprometimento da cultura das localidades.

Aula 13 - Exploração do potencial turístico de propriedades rurais

Diante de todos os apontamentos e reflexões que observamos até aqui fica claro entender que a relação sistêmica no turismo envolvendo aspectos ecológicos, econômicos, culturais, sociais e políticos pode não apenas ampliar as possibilidades de sustentabilidade da atividade almejada como também reduzir custos de implantação, gestão e manutenção em um empreendimento turístico. Isso porque os problemas normalmente identificados na atividade são consideravelmente reduzidos tornando possível otimizar os recursos, os produtos e os serviços.

Ampliar a qualidade de vida no local onde a atividade está sendo oportunizada permite uma significativa elevação nos ganhos socioeconômicos da comunidade que está envolvida nas dinâmicas. A estruturação dos serviços com base sustentável de gestão qualifica os resultados do turismo.

A exploração do potencial turístico em propriedades rurais segue uma lógica, como já observamos, comum a todo os segmentos do turismo. Não basta ter um espaço, pessoas para trabalhar e a curiosidade de quem viaja para que as coisas funcionem bem. É preciso antes de tudo definir que tipo de atividade será estabelecida no local a partir das oportunidades que o lugar oferece. Nesse caso, inventariar, mapear, caracterizar, fotografar, filmar, analisar, qualificar e entender bem sobre o espaço alvo é fundamental em qualquer ambiente de planejamento. Só a partir do conhecimento da totalidade do lugar é que poderemos elaborar roteiros considerando as características de cada ambiente. Assim, cria-se a possibilidade de otimizar determinado produto turístico e diversificar a demanda para a estruturação dos serviços.

Falando de propriedades rurais, as possibilidades são inúmeras já que além do ambiente natural, vários elementos ligados à ruralidade e aos modos de vida do lugar se mostram favoráveis à elaboração de roteiros e ambientação de serviços específicos. As características físicas do lugar, das casas das fazendas, por exemplo, oportunizam contar a história do lugar. Objetos de valor histórico e simbólico ajudam a compor a imagem e a paisagem de um ambiente rural. É bem comum observar carros e carroções de boi estacionados nas bucólicas paisagens rurais, moinhos antigos, selas de cavalos, fogões antigos, arados, charretes, telhados diferenciados, antigas cerâmicas, recipientes de armazenamento de alimentos, cordas, lamparinas, a estrutura dos currais, entre outros.

Todos esses elementos acabam por compor um cenário bastante diferente dos ambientes urbanos que estamos acostumados no cotidiano da cidade. Nesse caso, a relação entre a imagem do lugar com as possibilidades de aproveitamento turístico vão sendo delimitadas a partir da ambientação, da criatividade e da funcionalidade que cada objeto e elemento permitem ao lugar.

Naturalmente, o modo de vida do lugar passa a definir os serviços e produtos a serem trabalhados. Os cultivos, as plantações e criações que se processam no lugar constituem um ponto importante nesse sentido. Produção de hortaliças, produção de alimentos em geral, criação de animais, ou seja, a dinâmica cotidiana do lugar pode se transformada em um rico produto turístico. É crescente o número de turistas que buscam o contato com o cotidiano desses ambientes rurais, justamente como forma de escape dos tumultos cotidianos dos ambientes urbanos. Coisas e situações aparentemente simples passam a ser valorizadas por quem não vive no meio. Trata-se de uma busca pelo clima, ambiente e cotidiano rural.



Figura 44: Ambiente Rural.

Fonte: Acervo dos autores.

Cabe lembrar que esses ambientes rurais se diversificam de acordo com a região onde se inserem. Algumas fazendas estão próximas de cachoeiras, outras de montanhas áridas, outras apresentam em sua área, algumas cavernas, outras estão às margens de rios ou possuem lagos em sua extensão. Existem fazendas especializadas em produção de alimentos com vastas plantações, outras se voltam para a criação de animais para comércio ou subsistência dos moradores locais. Fazendas de corte ou de leite, produção de caprinos, ovinos, bovinos. Existem fazendas especializadas em criação de cavalos, outras ligadas à produção de peixes para o comércio. Algumas chegam a desenvolver várias dessas atividades no mesmo espaço. O fato é que quanto mais atividades se processam num mesmo espaço rural, maiores são as possibilidades de aproveitamento turístico do lugar. Isso aponta para uma diversificação de produtos turísticos que irá diferenciar a demanda e a prestação de serviços. Contudo, isso não significa regra. Existem fazendas, por exemplo, especializadas na produção de vinhos, sendo essa a única atividade desenvolvida. Vários bem sucedidos exemplos de fazendas dessa natureza se espalham mundo afora. Outras se apresentam especializadas na produção de derivados de leite e fazem disso seu principal produto turístico, com expressivos resultados.



Figura 45: A criação de Animais como oportunidade para roteirização.
Fonte: Acervo dos autores.

Os roteiros, nesse caso poderão ser elaborados de acordo com as lógicas locais, com a finalidade das visitas e da receptividade não comprometerem as dinâmicas da região receptora. A diversificação das atividades agrícolas, os maquinários, o sistema de transporte local, os cultivos e atrativos do lugar estarão todos contemplados na elaboração de um produto turístico dessa natureza.

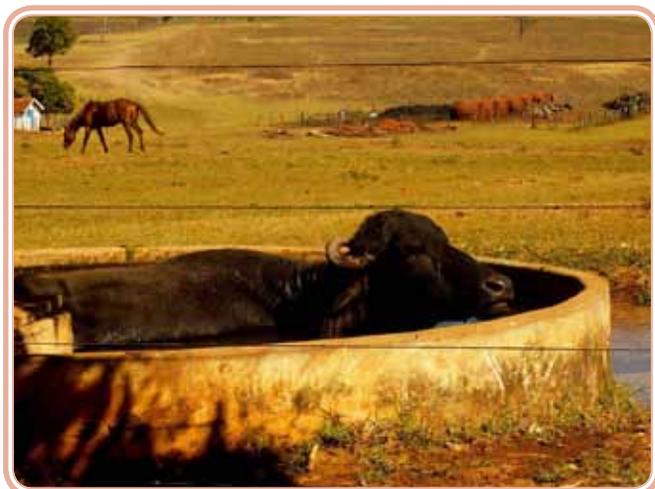


Figura 46: O cotidiano do lugar como fator de atratividade.
Fonte: Acervo dos autores.

Se elaborarmos uma situação exemplo, que ilustrasse um pouco desses cenários podemos imaginar então uma fazenda que aproveita sua produção de alimentos para agregar a culinária de um restaurante local, desde o café da manhã, passando pelo almoço, pelo café da tarde e da janta. Essa mesma produção de alimentos pode ser utilizada em um roteiro de visita para conhecimento dos processos de produção local, ou seja, a produção de

alimentos agrega dois importantes elementos de atratividade, a culinária e os modos de produção. Passeios de charrete, à cavalo ou mesmo nos tratores da fazenda podem oportunizar experiências com os meios de transporte do lugar, assim o turista pode percorrer toda a extensão do hotel.



Figura 47: A paisagem bucólica da fazenda como fator de atratividade.
Fonte: Acervo dos autores.

O contato com as pessoas do lugar facilitam o entendimento do cotidiano, dos meios e modos de produção, além de estabelecer o contato do turista com a história do lugar. Algumas fazendas oportunizam momentos de reuniões noturnas para contos sobre a história do lugar onde contadores de estória, acompanhadas de música temática proporcionam momentos de diversão e entretenimento. As dependências da pousada são adaptadas para restaurantes e hospedaria, assim o turista está em permanente contato com o ambiente histórico do lugar. As atividades de lazer se ligam também aos atrativos naturais do lugar como rios, lagos, cachoeiras, cavernas e nesse caso, as práticas surgem de acordo com a característica de cada lugar. Algumas fazendas estruturadas com tanques-rede, por exemplo, oferecem a possibilidade de pesca, outras inserem nos roteiros o acompanhamento de todas as atividades locais, desde a retirada de leite nos currais, passando pela fabricação de queijo, até a organização do café da manhã. O fato é que a roteirização exige criatividade. O turista valoriza elementos diferenciados em cada viagem. Nesse caso, o lugar dita as oportunidades que o roteiro poderá oferecer.



Figura 48: A simplicidade do lugar como fator de atratividade.
Fonte: Acervo dos autores.

Outra situação importante a ser observada, nesse caso, diz-se das pessoas do lugar. Figuras históricas que dão sentido e movimento para a vida local. Constituem sujeitos capazes de relatar com precisão, verdade e originalidade as principais características do lugar visitado, por isso se tornam peças fundamentais numa situação de visitação. São portadores da história do lugar, têm a relação genuína com os elementos do lugar que vão desde os processos produtivos, passando pela manutenção das lógicas e dinâmicas que, por exemplo, existem numa fazenda. Os caseiros como são conhecidos, os funcionários, trabalhadores e moradores do entorno são peças chave para a valorização de um roteiro bem estruturado. Conhecedores do passado e da realidade cotidiana podem ser capazes de relatar e entreter quaisquer curiosidades sobre a localidade e suas especificidades. Artesãos, fabricantes de selas, costureiras, bordadeiras, adestradores de animais são alguns dos sujeitos característicos desses ambientes e, que podem somar positivamente em um roteiro.

O fato é que o ambiente rural é cada vez mais procurado enquanto segmento turístico. A simplicidade, o bucolismo, as paisagens naturais, os meios e modos de vida e produção do lugar, a simplicidade das pessoas que vivem no rural, a culinária, o contato mais íntimo com a natureza, somado a elementos de conforto e lazer, são procurados de maneira crescente por turistas. A paisagem do lugar permite roteiros fotográficos, degustação de alimentos, experiências com ambientes menos sofisticados e conhecimento. Muitos roteiros em ambientes rurais, por exemplo, agregam cursos sobre ervas medicinais, cuidado com animais, princípios de gestão rural, produção de alimentos, etc. Algumas fazendas também oferecem roteiros pedagógicos para escolas e universidades. Como vimos, a criatividade somada às oportunidades que o lugar oferece ambienta a roteirização.

Existem hotéis especializados que optam pela venda de pacotes dessa natureza via agências de viagens, outras optam pela venda direta de pacotes turísticos e funcionam como empresas no próprio ambiente de recepção. A distribuição e vendas dos roteiros turísticos, nesse caso, pode ou não ser intermediada por agentes de viagem. Os canais de distribuição são definidos pelo empreendedor. Pesa a produção de um material visual que seja capaz de dimensionar ao turista um pouco das experiências que os roteiros do lugar oferecem, destacando as principais características e serviços.

O aproveitamento desses ambientes para a atividade de turismo rural ou agroturismo, como vimos, é quase sempre associada a atividades de educação ambiental, ecoturismo e agroecologia. A autenticidade dos roteiros está diretamente ligada à história do lugar, às pessoas do lugar e, ao cotidiano do lugar. Boa parte das fazendas apresenta sua história em diálogo com a história do lugar, do município, do Estado ou do país e, isso se torna peculiar nos processos de roteirização. O resgate de tradições, a valorização da gastronomia, dos aromas, sabores e paisagens rurais bem definem um bom roteiro rural. O beneficiamento de produtos locais para comércio interna de pequena escala também constitui um ponto forte em um empreendimento de turismo rural. Muitas fazendas conseguem equilibrar seus



Conheça o Manual de orientações básicas do Turismo Rural do Ministério do Turismo no link http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO.pdf

Conheça o Manual de Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural do Ministério do Turismo no link http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Diretrizes_Desenvolvimento_Turismo_Rural.pdf

Conheça a Lei Nº. 5.889, de 8 de junho de 1973 que Estatui normas reguladoras do trabalho rural no link http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5889.htm

Lei Nº. 8.171, de 17 de janeiro de 1991 que dispõe sobre a Política Agrícola no link http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8171.htm

custos operacionais apenas com esse tipo de comércio para turistas durante o período de hospedagem.

Podemos destacar como ponto forte desse tipo de turismo a hospitalidade associada aos traços culturais tradicionais e ao cotidiano do lugar. Não existe modelo geral, mas diretrizes básicas que facilitam o fomento a esse segmento. Naturalmente a manutenção desse tipo de atividade está diretamente relacionada à Política Rural do país, suas diretrizes e normas. Conhecer bem sobre o ambiente rural e as normas de controle e manutenção desses espaços amplia a possibilidade de sucesso nesse caso.

Resumo

Nesta aula, você aprendeu que:

É crescente o número de turistas que buscam o contato com o cotidiano desses ambientes rurais, justamente como forma de escape dos tumultos cotidianos dos ambientes urbanos.

A exploração do potencial turístico em propriedades rurais segue uma lógica, comum a todos os segmentos do turismo. É preciso antes de tudo definir que tipo de atividade será estabelecida no local a partir das oportunidades que o lugar oferece.

As possibilidades são inúmeras já que além do ambiente natural, as características físicas do lugar, das casas das fazendas, por exemplo, oportunizam contar a história do lugar.

Que quanto mais atividades se processam num mesmo espaço rural, maiores são as possibilidades de aproveitamento turístico do lugar. Contudo, isso não significa regra. Os roteiros, nesse caso poderão ser elaborados de acordo com as lógicas locais, com a finalidade das visitas e da receptividade não comprometerem as dinâmicas da região receptora.

O aproveitamento desses ambientes para a atividade de turismo rural ou agroturismo, como vimos, é quase sempre associada a atividades de educação ambiental, ecoturismo e agroecologia. E que o ponto forte desse tipo de turismo a hospitalidade associada aos traços culturais tradicionais e ao cotidiano do lugar.

Atividades de aprendizagem:

1. Constituem fatores de atratividade no turismo rural, exceto:

- Equipamentos Urbanos.
- Gastronomia local e produção e alimentos.
- Paisagens bucólicas e roteiros fotográficos.
- Criação de animais e cotidiano simples.

2. São características do Turismo Rural, exceto:

- Práticas de agroecologia e educação ambiental.
- Precariedade dos serviços de hospedagem.
- Hospitalidade, história e cultural local.
- Ecoturismo e valorização do tradicional.

Referências

AULICINO, M. P. (1997) Algumas implicações da exploração turística dos recursos naturais. In RODRIGUES, A. B. (org) Turismo e Ambiente - Reflexões e Propostas. São Paulo: Hucitec. 2000.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. História das viagens e do turismo. São Paulo: Aleph, 2002.

BENI, M. Carlos. Análise Estrutural do Turismo. 4º ed. São Paulo: Senac, 2001.

BENI, Mário Carlos. Política e Estratégia do Desenvolvimento Regional: Roteiro Metodológico com base na instrumentação e operacionalização do SISTUR - Sistema de Turismo aplicado ao Projeto Costa Oeste - Estudo de Caso. IN: Turismo Visão e Ação. Ano 2 n.3 - p51-70 abr/set - Santa Catarina, 1999.

Boo, L. Ecotourism: A conservation strategy. Documento não publicado, apresentado no Programa de Ecoturismo da The Nature Conservancy, Arlington, Virginia. 1998.

BOULLÓN, Roberto C. Planejamento do Espaço Turístico; Tradução Josely Viana Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2002. (Coleção Turis).

BRASIL, Ministério do Turismo. Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil. Brasília: Ministério do Turismo, 2003.

BRASIL. Índice de Competitividade do Turismo Nacional - 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional - Relatório Brasil 2010 / Luiz Gustavo Me-deiros Barbosa (Organizador) — Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

Brasil. Ministério do Turismo. Ecoturismo: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. - Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

Brasil. Ministério do Turismo. Segmentação do turismo e o mercado. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. - Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

Brasil. Ministério do Turismo. Turismo de Aventura: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. - Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

Brasil. Ministério do Turismo. Turismo rural: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. - 2.ed - Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. Nosso futuro comum: comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

- COSTA: Patrícia Corres. Ecoturismo. São Paulo: Aleph, 2002. - Coleção ABC do Turismo.
- DIAS, R. Turismo sustentável e meio ambiente. São Paulo:Atlas, 2003.
- DIAS, Reinaldo. Planejamento do Turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003
- DIAS, Reinaldo. Sociologia do Turismo. São Paulo: Atlas, 2003.
- DIAS, Reinaldo. Turismo Sustentável e Meio Ambiente. São Paulo: Atlas, 2003.
- DRUMM, Andy, & MOORE, Alan. Desenvolvimento do Ecoturismo - Um Manual para Planejadores e Gestores de Conservação, Volume 1-The Nature Conservancy, Arlington, Virginia, USA.2003
- FARIA, Dóris Santos de. Sustentabilidade ecológica no turismo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001
- FIGUEIREDO, L. A . V. de. (1997) Ecoturismo e participação popular no manejo de áreas protegidas: aspectos conceituais, educativos e reflexões. In: RODRIGUES, A . B. (org) Turismo e Ambiente - Reflexões e Propostas. São Paulo: Hucitec. 2000.
- Fundo Nacional do Meio Ambiente. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2000.
- HALL, Colin Michael. Planejamento Turístico; políticas, processos e relacionamentos. Tradução Edite Sciulli - São Paulo. Contexto, 2001. Coleção Turismo Contexto.
- LOMBARDO, Magda & CASELA, Luana. (1997) Turismo Ambiental: O caso de Bombinhas (SC). In: Rodrigues, A . B. (org) Turismo Ambiental Reflexões e Propostas. São Paulo: Hucitec. 2000.
- MARTINHO, Cássio. et all. Uma Introdução às Dinâmicas das Redes: da conectividade à auto-organização. WWF, 2003.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. Documento Referencial Turismo no Brasil 2011-2014. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/publicacoes/cadernos_publicacoes/21Documento_Referencial.html > visitado em março de 2011.
- MOESCH, Marutschka Martini. A produção do saber turístico. São Paulo: Contexto, 2000.
- Organização Mundial do Turismo. Introdução ao Turismo. Traduzido por Dolores Marin Rodriguez. São Paulo: Roca, 2001.
- Parâmetros Nacionais Curriculares - PCN. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> visitado em junho de 2010.
- PEARCE, Douglas G. Geografia do Turismo: fluxos e regiões no mercado e viagens; [Tradução Saulo Krieger]. - São Paulo: Aleph, 2003. - (Série Turismo).
- PEREIRA, Cássio Avelino (2004), “As organizações do Terceiro Setor no Desenvolvimento das Políticas de Turismo e Lazer”, Revista Turismo em Análise. Nov. USP: São Paulo, 2004.

PEREIRA, Sergio Nunes. Obsessões geográficas: viagens, conflitos e saberes no âmbito da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense - UFF. REVISTA DA SBHC, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 112-124, jul. dez. 2005.

REJOWSKY, Mirian. (org). Turismo no percurso do tempo. São Paulo: Aleph, 2002.

RODRIGUES, A. B. Turismo e Ambiente - Reflexões e Propostas. São Paulo: Hucitec .2000.

RODRIGUES, Adyr Balastreri. Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, Adyr Balastreri. Turismo e Ambiente - Reflexões e Propostas. (orgs.) 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

RUSCHMANN, D. V. D. M. Turismo e Planejamento Sustentável. São Paulo: Papirus. 1997.

SALGADO, Hebert Canela. A rede do turismo no Norte de Minas: planejamento, regionalização, territorialidades e desenvolvimento social nos caminhos dos gerais. Herbert Canela Salgado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, 2007.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Turismo: sob análise do desenvolvimento sustentável. IN: Turismo Visão e Ação. Ano 4, nº 8. p-29-44. abr/set-2001.

SANCHO, Amaparo. Introdução ao Turismo. Organização Mundial do Turismo. Traduzido por Dolores Marin Rodriguez. São Paulo: Roca, 2001.

SILVA, Cássio Alexandre e SALGADO, Hebert Canela. Turismo no Norte de Minas: Entraves e Perspectivas. Revista Multidisciplinar das Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros. Publicação Semestral. Ano 3, Nº 2, Agosto de 2005. ISSN 1808-6969.

SOLHA, K. T. 2002. Turismo em um cenário de mudanças. IN: REJOWSKY, Mirian. (org). Turismo no percurso do tempo. São Paulo: Aleph, 2002.

TULIK, Olga. Turismo Rural. São Paulo: Aleph. Coleção ABC do Turismo. 2ª Edição, 2003.

UNESCO. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1998. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/port/sbf/dap/educamb.html> Acesso em 07 Out/2011>, visitado em julho de 2011.

WESTERN, D. Definindo o ecoturismo. In: Lindberg, K & Hawkins, D. E., eds. Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão. São Paulo: Senac, 1995.

YASOSHIMA, J. R.; OLIVEIRA, N. S. Antecedentes das viagens e do turismo. In: REJOWSKI. M. (org). Turismo no percurso do tempo. São Paulo: Aleph, 2002.

YAZIGI, Eduardo. Turismo: espaço, paisagem e cultura. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

Sites

<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=2644>

<http://www2.ifes.com.br/webifefes/revista/REVISTA%20DE%20TURISMO> - pdf

Currículos dos professores conteudistas

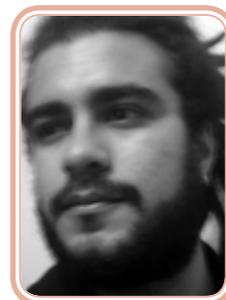
Cássio Alexandre da Silva

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) (2009-2013); possui graduação em Geografia Licenciatura Plena pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) (1995); é especialista em Geografia Regional do Brasil e Minas Gerais (Unimontes) (1997) e em Turismo e Desenvolvimento Regional - Faculdades Integradas Pitágoras Claros (FIP/MOC) (2003); mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) (2007). É docente da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) no Departamento de Geociências. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Desenvolvimento Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: ecoturismo, produtos turísticos, turismo, desenvolvimento sustentável, desenvolvimento social, ocupação urbana e Geografia Cultural. Atualmente é coordenador do Laboratório de Geografia Cultural Natureza de Sertão



Hebert Canela Salgado

Possui graduação em Turismo e Hotelaria pela Faculdade Pitágoras de Montes Claros (2004), Mestrado em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (2007). Atualmente Doutorando em Geografia pelo Laboratório de Geografia Cultural e Turismo do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, onde pesquisa sobre Populações Tradicionais Quilombolas, Território, Cultura e Turismo Étnico. Possui experiência na área de Turismo como ênfase em Planejamento Regional, Desenvolvimento Comunitário de Base Local e Ecoturismo.





e-Tec Brasil/CEMF/Unimontes
Escola Técnica Aberta do Brasil